Albert Hofmann: LSD - Minha Criança Problema

Prefácio 2
1. Como o LSD se Originou 4
1.1. Primeiras Explorações Químicas 4
1.2. Cravagem do Centeio (Ergot) 6
1.3. Ácido Lisérgico e Seus Derivados 8
1.4. Descoberta de Efeitos Psíquicos do LSD 10
1.5. Auto Experiência 10
2. LSD em Experiências com Animais e Pesquisa Biológica 14
2.1. Quão Tóxico é o LSD? 14
2.2. Propriedades Farmacológicas do LSD 15
3. Modificações químicas do LSD 17
4. Uso do LSD na Psiquiatria 19
4.1. Primeira Auto-experiência de um Psiquiatra 19
4.2. Os Efeitos Psíquicos do LSD 23
5. De Remédio a Inebriante 28
5.1. Uso Não Medical do LSD 28
5.2. Sandoz Interrompe a Distribuição de LSD 30
5.3. Perigos das Experiências Não Medicinais do LSD 32
5.4. Reações psicopatas 32
5.5. LSD do mercado negro 34
5.6. O Caso do Dr. Leary 35
5.7. Encontro com Timothy Leary 37
5.8. Viagens ao Universo da Alma 38
5.9. Dança dos Espíritos do Vento 39
5.10. Pólipos das Profundezas 40
5.11. A Experiência de LSD de um Pintor 41
5.12. Uma Alegre Canção do Ser 44
6. Os Parentes mexicanos do LSD 47
6.1. O cogumelo Sagrado Teonanacatl 47
6.2. Psilocybin e Psilocin 52
6.3. Uma Viagem ao Universo da Alma com Psilocybin 53
6.4. Onde o Tempo Permanece Parado 53
6.5. A Mágica "Glória Matutina" Ololiuhqui 54
6.6. À procura da Planta Mágica "Ska Maria Pastora" no Território Mazatec 58
6.7. Passeio Através de Sierra Mazateca 58
6.8. Uma Cerimônia de Cogumelo 63
7. Esplendor de Ernst Junger 66
7.1. Ambivalência no Uso de Drogas 70
7.2. Uma Experiência com Psilocybin 73
7.3. Outra Sessão de LSD 75
8. Encontro com Aldous Huxley 77
9. Correspondência com o Médico-Poeta Walter Vogt 80
10. Vários Visitantes 84
11. Experiência de LSD e Realidade 87
11.1. Valiosas Realidades 87
11.2. Mistério e Mito 89

Prefácio do Autor

Existem experiências que a maioria de nós hesita em falar a respeito porque elas não combinam com a realidade cotidiana e desafiam uma explicação racional. Estas não são ocorrências externas particulares, mas sim eventos de nossas vidas interiores que geralmente são refutados como invenções da imaginação e são excluídos da nossa memória. De repente, a visão familiar de nossos ambientes é transformada de um modo estranho, delicioso, ou alarmante: aparece para nós sob uma nova luz, assumindo um significado especial. Tal experiência pode ser rápida como a luz e passageira como uma respiração de ar, ou pode se imprimir profundamente em nossas mentes.

Um encantamento deste tipo, que eu experimentei na infância, permaneceu notavelmente vívido desde então na minha memória. Aconteceu numa manhã de maio - eu esqueci o ano - mas ainda posso apontar o lugar exato onde aconteceu, num caminho da floresta em Martinsberg perto de Baden, Suíça. Enquanto eu passeava pelos frescos bosques verdejantes, cheios de canções de pássaros e iluminado pelo sol da manhã, tudo de uma vez e cada coisa apareceu numa incomum luz clara. Isto era algo que eu simplesmente não tinha notado antes? Estava eu descobrindo, de repente, como de fato a floresta da primavera se parece? Brilhava com o esplendor mais bonito, falando ao coração, como se quisesse me cercar de sua majestade. Eu estava repleto de uma indescritível sensação de alegria, identidade, e uma segurança repleta de felicidade.

Eu não tenho nenhuma idéia de quanto durou este encantamento. Mas me recordo da preocupação ansiosa que eu sentia enquanto a radiação ia lentamente se dissolvendo e eu nela caminhando: como pôde uma visão, que era tão real e convincente, tão diretamente e profundamente sumir - como pôde terminar tão depressa? E como eu poderia contar para qualquer pessoa sobre isto, como minha alegria transbordante me compelia a fazer, já que eu sabia não haver palavras para descrever o que eu tinha visto? Parecia estranho que eu, uma criança, tinha visto algo tão maravilhoso, algo que os adultos obviamente não percebem - porque eu nunca tinha os ouvido mencionarem algo semelhante.

Enquanto eu era uma criança, experimentei vários outros destes momentos de profunda euforia em minhas correrias pela floresta e pelo prado. Estas foram experiências que moldaram os principais esboços de minha visão do mundo e me convenceram da existência de uma realidade milagrosa, poderosa, insondável, que estava oculta da visão cotidiana.

Naquele tempo, freqüentemente ficava preocupado desejando saber se algum dia eu iria, como adulto, poder comunicar estas experiências; se eu teria uma chance para descrever minhas visões em poesias ou pinturas. Mas sabendo que eu não tinha o dom para ser um poeta ou artista, assumi que teria de manter estas experiências para mim mesmo, importantes como eram para mim.

Inesperadamente, por uma rara casualidade, muito mais recentemente e já na meia idade, um vínculo foi estabelecido entre minha profissão e estas experiências visionárias da infância.

Porque eu quis aumentar meu conhecimento sobre a estrutura e essência do assunto, tornei-me um químico de pesquisa. Intrigado pelo mundo das plantas desde cedo na infância, decidi me especializar na pesquisa dos componentes de plantas medicinais. No decorrer desta carreira fui conduzido às substâncias psicoativas e causadoras de alucinação que, sob certas condições, podem evocar estados visionários semelhantes às experiências espontâneas justamente descritas. A mais importante destas substâncias alucinógenas veio a ser conhecida como LSD. Alucinógenos, como combinações ativas de interesse científico considerável, ganharam entrada na pesquisa medicinal, biologia e psiquiatria, e depois - especialmente o LSD - também obtiveram larga difusão na cultura das drogas.

Estudando a literatura relacionada com meu trabalho, dei conta do grande significado universal da experiência visionária. Representa um papel dominante não só em misticismo e história da

religião, mas também no processo criativo na arte, literatura e ciência. Recentes investigações mostraram que muitas pessoas também têm experiências visionárias na vida diária. A maioria de nós, entretanto, não reconhece seu significado e valor. Experiências místicas, como essa que marcou minha infância, aparentemente estão longe de serem raras.

Há hoje um esforço difundido em relação à experiências místicas para inovações visionárias, para uma realidade mais profunda, mais abrangente do que percebe a nossa consciência racional cotidiana. Estão sendo feitos esforços para transcender nossa visão mundial materialista de vários modos, não só pelos participantes de movimentos religiosos Orientais, mas também por psiquiatras profissionais que estão adotando tal experiência espiritual profunda como um princípio terapêutico básico.

Eu compartilho da convicção de muitos de meus contemporâneos que a crise espiritual que penetra todas as esferas da sociedade industrial Ocidental só pode ser curada por uma mudança em nossa visão mundial. Nós teremos que trocar do materialismo, da convicção dualista que as pessoas e o ambiente delas são duas coisa separadas, para uma nova consciência de uma realidade toda abrangente que abraça o ego experimentado, uma realidade na qual as pessoas sentem a unicidade delas com natureza animada e o todo da criação.

Tudo o que puder contribuir para uma tal alteração fundamental da nossa percepção da realidade deve demandar então uma séria atenção. Em primeiro lugar entre tais aproximações, estão os vários métodos de meditação, ou religiosos ou ainda num contexto secular que apontam para o aprofundamento da consciência da realidade por via de uma experiência mística total. Outro importante, mas ainda controverso, caminho para a esta mesma meta é o uso das propriedades de alteração da consciência por alucinógenos psico-farmacêuticos. O LSD encontra tal aplicação na medicina, ajudando os pacientes em psicanálise e psicoterapia a perceber os seus problemas no seu verdadeiro significado.

A provocação deliberada de uma experiência mística, particularmente por LSD e alucinógenos relacionados, em contraste com experiências visionárias espontâneas, envolvem perigos que não devem ser menosprezados. Médicos têm que levar em conta os efeitos peculiares destas substâncias, isto é, sua habilidade para influenciar nossa consciência, a essência íntima do nosso ser. A história do LSD, por exemplo, demonstra amplamente as conseqüências catastróficas que podem resultar quando seu efeito profundo é mal utilizado e a substância é desviada para uma droga de prazer. São requeridas de antemão preparações especiais internas e externas; com elas, uma experiência de LSD pode se tornar uma experiência significante. O uso errado e impróprio motivou que o LSD se tornasse o problema de minha criação.

É meu desejo neste livro dar um quadro completo do LSD, sua origem, seus efeitos e seus perigos, para proteger contra o abuso crescente do uso desta droga extraordinária. Espero enfatizar possíveis usos do LSD que são compatíveis com sua ação característica. Acredito que, se as pessoas aprenderem a usar a capacidade do LSD de induzir visões sob condições satisfatórias, mais sabiamente em práticas médicas então, no futuro, junto com meditação, esta criança-problema poderá vir a se tornar uma criança-maravilha.

Albert Hofmann

1. Como o LSD se Originou.

No reino da observação científica, a sorte
só é concedida aos que estão preparados.
Louis Pasteur

Freqüentemente eu ouço ou leio que o LSD foi descoberto através de um acidente. Isto é verdadeiro somente em parte. Aconteceu que o LSD estava dentro de um programa de pesquisa sistemático e o "acidente" não aconteceu até muito depois: quando o LSD já tinha cinco anos e eu decidi experimentar seus efeitos desconhecidos em meu próprio corpo, ou melhor, na minha própria mente.

Olhando para trás na minha carreira profissional para localizar os eventos influentes e decisões que eventualmente guiaram meu trabalho para a síntese do LSD, eu percebo que o passo mais decisivo foi minha escolha de emprego quando concluí meus estudos de química. Se aquela decisão tivesse sido diferente, então esta substância, que se tornou conhecida no mundo todo, poderia nunca ter sido criada. Para contar a história da origem de LSD, então também tenho que mencionar brevemente minha carreira como químico, desde que os dois desenvolvimentos são indissoluvelmente inter-relacionados.

Na primavera de 1929, ao concluir meus estudos de química na Universidade de Zurique, eu me juntei ao laboratório de pesquisa químico-farmacêutica da Companhia Sandoz na Basiléia, como colega de trabalho do Professor Arthur Stoll, fundador e diretor do departamento farmacêutico. Eu escolhi esta posição porque me propiciava a oportunidade de trabalhar com produtos naturais, considerando que as duas outras ofertas de trabalho, de firmas químicas da Basiléia, estavam envolvidas com trabalhos no campo da química sintética.

1.1 - Primeiras Explorações Químicas

Meu trabalho doutoral em Zurique, sob a responsabilidade do Professor Paul Karrer, já tinha me dado uma chance para prosseguir meu interesse na química vegetal e animal. Fazendo uso de suco gastrintestinal do caracol do vinhedo, eu realizei a degradação enzimática da quitina, o material estrutural do qual as conchas, asas e garras de insetos, crustáceos e outros animais inferiores são compostos. Eu pude derivar a estrutura química da quitina a partir da divisão de um produto, um açúcar contendo nitrogênio, obtido por esta degradação. A quitina mostrou-se ser um análogo da celulose, o material estrutural das plantas. Este importante resultado, obtido depois de somente três meses de pesquisa, conduziu a uma tese doutoral classificada "com distinção".

Quando eu me uni a firma Sandoz, o número de pessoas do departamento químico-farmacêutico ainda era bastante modesto. Quatro químicos com graus de doutorados trabalhavam em pesquisa e três na produção.

No laboratório do professor Stoll eu achei o emprego que combinava completamente comigo como químico de pesquisa. O objetivo que Professor Stoll tinha estabelecido para o seu laboratório de pesquisa químico-farmacêutica era o de isolar os princípios ativos, isto é, os componentes efetivos de plantas medicinais conhecidas para produzir elementos puros destas substâncias. Isto é particularmente importante no caso de plantas medicinais cujos princípios ativos são instáveis, ou do qual a potência está sujeita a uma grande variação, o que torna difícil uma dosagem exata. Mas, se o princípio ativo está disponível na forma pura, fica possível fabricar um preparado farmacêutico estável, exatamente quantificável através do peso. Pensando nisto, o Professor Stoll havia resolvido estudar substâncias de plantas de valor reconhecido como as substâncias da dedaleira (Digitalis purpurea), cebola do mediterrâneo (Scilla maritima) e cravagem do centeio (Claviceps purpurea ou Secale cornutum) os

quais, por possuírem alta instabilidade e dosagens incertas, tinham sido pouco utilizados em medicamentos.

Meus primeiros anos nos laboratórios da Sandoz foram quase que exclusivamente dedicados aos estudos dos princípios ativos da cebola do mediterrâneo [Scilla maritima]. Dr. Walter Kreis, um dos colaboradores mais antigos do Professor Stoll, me envolveu neste campo de pesquisa. Os componentes mais importantes da cebola do mediterrâneo já existiam na pura forma. Os agentes ativos deles, como também os da dedaleira lanosa (Digitalis lanata), tinham sido isolados e purificados principalmente pelo Dr. Kreis, com uma habilidade extraordinária.

Os princípios ativos da cebola do mediterrâneo pertencem ao grupo dos glicosídeos cardioativos (glicosídeo = substância contendo açúcar) e servem, como fazem os da dedaleira, no tratamento da insuficiência cardíaca. Os glicosídeos cardiotônicos são substâncias extremamente ativas. Porque as doses terapêuticas e as doses tóxicas são muito próximas, torna-se então especialmente importante ter aqui uma dosagem exata, baseada em combinações puras.

No começo de minhas investigações, um preparado farmacêutico com glicosídeos da Scilla já tinha sido introduzido em terapias pela Sandoz, porém a estrutura química destas combinações ativas, com a exceção da porção de açúcar, permanecia altamente desconhecida.

Minha contribuição principal para a pesquisa da Scilla, na qual eu participei com entusiasmo, foi elucidar a estrutura química do núcleo comum dos glicosídeos da Scilla e mostrar suas diferenças, por um lado, os glicosídeos da Digitalis e, por outro lado, a relação estrutural íntima deles com os princípios tóxicos isolados de glândulas da pele de sapos. Em 1935 estes estudos foram temporariamente interrompidos.

Procurando um novo campo de pesquisa, eu pedi ao Professor Stoll que me deixasse continuar as investigações nos alcalóides da cravagem do centeio (ergot) que ele tinha começado em 1917 e que tinha conduzido diretamente ao isolamento da ergotamina em 1918. A Ergotamina descoberta por Stoll foi o primeiro alcalóide da cravagem do centeio obtido em forma química pura. Embora a ergotamina tenha tomado rapidamente um significativo lugar nas terapias (sob o nome comercial Gynergen) como um remédio hemostático na obstetrícia e como um medicamento no tratamento da enxaqueca, a pesquisa química da cravagem do centeio nos laboratórios da Sandoz ficou relegada ao isolamento da ergotamina e à determinação de sua fórmula empírica. Enquanto isso, no começo dos anos trinta, laboratórios americanos e ingleses tinham começado a determinar a estrutura química dos alcalóides da cravagem do centeio. Eles também tinham descoberto um novo alcalóide da cravagem do centeio, solúvel em água, que poderia ser igualmente isolado da tintura-mãe alcoólica da produção da ergotamina. Assim pensei que era tempo oportuno para que a Sandoz retomasse a pesquisa química dos alcalóides da cravagem do centeio, a menos que quiséssemos arriscar perder nosso papel principal num campo de pesquisa medicinal que já estava se tornando muito importante.

O professor Stoll concedeu meu pedido com algumas recomendações: "Tenho que o advertir das dificuldades que você enfrentará trabalhando com alcalóides da cravagem do centeio. Estas substâncias são sumamente sensíveis, facilmente decompostas, menos estáveis do que qualquer uma das combinações que você já investigou no campo dos glicosídeos cardíacos. Mas você é bem-vindo para tentar".

E assim os botões foram apertados, eu achei e me ocupei de um campo de estudo que se tornaria a principal meta da minha carreira profissional. Nunca me esqueci da alegria criativa, da antecipação ansiosa que eu senti embarcando no estudo dos alcalóides da cravagem do centeio, naquele momento, um campo relativamente obscuro de pesquisa.

1.2 - Cravagem do Centeio (Ergot)

Pode ser útil aqui dar um pouco de informação de base sobre a própria cravagem. Para informação adicional sobre a cravagem, os leitores devem se referir às monografias de G. Barger, "Ergot and Ergotism" (Gurney e Jackson, Londres, 1931) e A. Hofmann, "Die Mutterkornalkaloide" (F. Enke Verlag, Stuttgart, 1964). O primeiro é uma apresentação clássica da história da droga, enquanto o segundo enfatiza seus aspectos químicos. É produzido por um pequeno fungo (Claviceps purpurea) que cresce parasitamente no centeio e, em menor escala, em outras espécies de cereais e gramas selvagens. Núcleos infestados com este fungo desenvolvem cavilhas encurvadas (sclerotia) de cor marrom-claro para violeta-dourado que são empurradas para fora no lugar dos grãos normais. Cravagem é descrita botanicamente como "sclerotium", a forma que o fungo da cravagem toma no inverno. Cravagem do centeio (Secale cornutum) é a variedade medicinalmente usada.

Cravagem do centeio, mais que qualquer outra droga, tem uma história fascinante, no curso da qual seu papel e significando foram invertidos: inicialmente taxada como um veneno, com o passar do tempo este conceito mudou para um depósito rico de valiosos remédios. A cravagem do centeio apareceu primeiramente numa fase da história, no início da Idade Média, como a causa das eclosões de envenenamento em massa que afetaram milhares de pessoas a cada vez. A enfermidade, cuja conexão com a cravagem do centeio ficou por muito tempo obscura, aparecia sob duas formas características: uma gangrenosa (ergotismus gangraenosus) e outra convulsiva (ergotismus convulsivus). Nomes populares para o ergotismo tais como "mal dos ardentes", "ignis sacer", "heiliges Feuer", ou "fogo de Santo Antonio" referem-se à forma gangrenosa da doença. O santo protetor das vítimas do ergotismo era Santo Antonio e foi principalmente a Ordem de Santo Antonio que tratou estes pacientes.

Até tempos recentes, epidemias como as eclosões de envenenamento pela cravagem do centeio, foram registradas na maioria dos países europeus, incluindo certas áreas da Rússia. Com o progresso da agricultura e desde a revolução industrial no décimo sétimo século, epidemias de ergotismo por causa de pão contento cravagem do centeio tem diminuído consideravelmente. A última grande epidemia aconteceu em certas áreas da Rússia meridional nos anos 1926-27. O envenenamento em massa na cidade francesa meridional de Pont Sainte Esprit no ano 1951, o qual muitos escritores atribuíram ao pão contendo cravagem do centeio, de fato não teve nada a ver com ergotismo. Este envenenando foi motivado por uma combinação de mercúrio orgânico que foi utilizado para desinfetar sementes.

A primeira menção ao uso medicinal da cravagem do centeio aparece como um ecbólico (medicamento para precipitar o parto) e está no herbário da cidade de Frankfurt, do médico Adam Lonitzer, datado de 1582. Embora como Lonitzer declarou, a cravagem do centeio tenha sido usada desde tempos antigos por parteiras, não foi antes de 1808 que esta droga ganhou entrada na medicina acadêmica, em virtude de um trabalho do médico americano John Stearns, intitulado "Account of the Putvis Parturiens, a Remedy for Quickening Childbirth (Contabilidade do Putvis Parturiens, um Remédio para Acelerar o Parto)". O uso da cravagem do centeio como um ecbólico, porém não teve duração. Logo os médicos se deram conta do grande perigo para a criança, principalmente devido à grande incerteza da dosagem que, quando muito alta, conduzia a espasmos uterinos. Dali em diante, o uso da cravagem do centeio na obstetrícia, foi limitado a parar hemorragia de pós-parto (sangramento após o parto).

Não foi senão após o reconhecimento da cravagem do centeio por vários farmacopéias durante a primeiro metade do décimo nono século que foram dados os primeiros passos para isolar os princípios ativos da droga. Porém, de todos os investigadores que analisaram este problema durante os primeiros cem anos, nenhum teve sucesso identificando as substâncias atuais responsáveis pela atividade terapêutica. Em 1907 os ingleses G. Barger e F. H. Carr foram os primeiros a isolar da cravagem do centeio uma preparação alcaloidal ativa que eles denominaram ergotoxina porque produzia mais propriedades tóxicas do que propriedades terapêuticas. (Esta preparação não era homogênea, mas, ao contrário, era uma mistura de vários alcalóides como pude demonstrar trinta e cinco anos mais tarde). Não obstante, o farmacólogo H. Dale descobriu que a ergotoxina, além do efeito uterotônico, também tinha uma atividade antagônica na adrenalina, no sistema nervoso autônomo, que poderia conduzir os alcalóides da cravagem do centeio ao uso terapêutico. Só com o isolamento da ergotamina por A. Stoll (como mencionado anteriormente) os alcalóides da cravagem do centeio fizeram entrada e tiveram seu uso difundido em terapias.

O início da década de 30 trouxe uma nova era na pesquisa da cravagem do centeio. Começam com a determinação da estrutura química dos alcalóides da cravagem do centeio por laboratórios Americanos e Ingleses, como já mencionado anteriormente. Através da divisão química, W. A. Jacobs e L. C. Craig, ambos do Instituto Rockefeller de Nova Iorque, tiveram sucesso isolando e caracterizando o núcleo comum a todos os alcalóides da cravagem do centeio. Eles denominaram a isto ácido lisérgico. Então veio um desenvolvimento maior, tanto para a química como para medicamentos: o isolamento do específico princípio hemostático uterotônico da cravagem do centeio que foi publicado simultaneamente e independentemente através de quatro instituições, inclusive os laboratórios da Sandoz. A substância, um alcalóide de estrutura comparativamente simples, foi denominada ergobasine (syn. ergometrine, ergonovine) por A. Stoll e E. Burckhardt. Pela degradação química da ergobasine, W. A. Jacobs e L. C. Craig obtiveram ácido lisérgico e a propanolamina amino álcool como produtos desta divisão.

Eu fixei como minha primeira meta, o problema de preparar este alcalóide sinteticamente através da junção química dos componentes da ergobasine, ácido lisérgico e propanolamina.

O ácido lisérgico necessário para estes estudos teve que ser obtido por divisão química de algum outro alcalóide da cravagem do centeio, de vez que então só a ergotamina estava disponível como um alcalóide puro e já estava sendo produzida em quantidades de quilograma no departamento de produção farmacêutica. Eu escolhi este alcalóide como o material inicial para o meu trabalho e consegui obter 0,5 g de ergotamina das pessoas da produção da cravagem do centeio. Quando eu enviei o formulário de requisição interna ao Professor Stoll para sua assinatura, ele apareceu em meu laboratório e me repreendeu: "Se você quer trabalhar com alcalóides da cravagem do centeio, você terá que se familiarizar com as técnicas de micro-química. Eu não posso ter você consumindo uma tão grande quantidade da minha cara ergotamina nas suas experiências".

O departamento de produção da cravagem do centeio, além de usar cravagem do centeio de origem suíça para obter a ergotamina, também tratava cravagem de centeio portuguesa que rendia um preparado alcaloidal amorfo que correspondia primeiro à ergotoxina acima mencionada, produzida por Barger e Carr. Eu decidi usar este material menos caro para a preparação do ácido lisérgico. O alcalóide obtido do departamento de produção teve que ser purificado antes de fosse satisfatório para a divisão a fim de obter o ácido lisérgico. Observações feitas durante o processo de purificação me levaram a pensar que a ergotoxina pudesse ser uma mistura de vários alcalóides, em lugar de um alcalóide homogêneo. Eu falarei depois da seqüela de longo alcance destas observações.

Aqui tenho que divagar para descrever brevemente as condições técnicas e de trabalho que prevaleciam naqueles dias. Estas observações podem ser de interesse à presente geração de químicos de pesquisa em indústrias que, de longe, estão acostumados a melhores condições.

Nós éramos muito econômicos. Laboratórios individuais eram considerados uma rara extravagância. Durante os primeiros seis anos de meu emprego na Sandoz, eu compartilhei um laboratório com outros colegas. Nós, três químicos mais um assistente cada, trabalhávamos na mesma sala em três campos

diferentes: Dr. Kreiss em glicosídeos cardíacos; Dr. Wiedemann, que se uniu à Sandoz praticamente no mesmo tempo que eu, trabalhava no pigmento da clorofila de folhas; e eu, em última instância, em alcalóides da cravagem do centeio. O laboratório era equipado com duas coifas de fumaça (compartimentos providos com saídas), provendo exaustão insuficiente através de chamas de gases. Quando nós pedimos que essas coifas fossem equipadas com ventiladores, nosso chefe recusou alegando que a ventilação através de chama de gás tinha sido suficiente no laboratório de Willstatter.

Durante os últimos anos da Primeira Guerra Mundial, o Professor Stoll tinha sido assistente, em Berlim e Munich, do famoso químico mundial, laureado com Nobel, Professor Richard Willstatter e com ele foram conduzidas as investigações fundamentais da clorofila e a assimilação de dióxido de carbono. Havia escassadamente uma discussão científica com o Professor Stoll na qual ele não mencionava seu venerado Professor Willstatter e seu trabalho no laboratório de Willstatter.

As técnicas de trabalho disponíveis aos químicos no campo da química orgânica naquele tempo (começo dos anos trinta) eram essencialmente iguais àquelas empregadas por Justus von Liebig cem anos antes. O desenvolvimento mais importante alcançado desde então foi a introdução da micro-análise por B. Pregl que tornou possível averiguar a composição elementar de um composto com apenas alguns miligramas de amostra, considerando que antes eram precisos alguns centigramas. Das outras técnicas físico-químicas à disposição do químico hoje - técnicas que mudaram seu modo de trabalho, tornando-o mais rápido e mais efetivo, criando completamente novas possibilidades, acima de tudo para a elucidação da estrutura - contudo nada disso existia naqueles dias.

Para as investigações dos glicosídeos da Scilla e os primeiros estudos no campo da cravagem do centeio, eu ainda usei a velha separação e técnicas de purificação dos dias de Liebig: extração fracionária, precipitação fracionária, cristalização fracionária, e tal. A introdução da coluna de cromatografia, o primeiro passo importante nas técnicas moderna de laboratório, somente foi de grande valor para mim nas investigações mais recentes. Para a determinação da estrutura, que hoje pode ser obtida rapidamente e elegantemente com a ajuda de métodos espectroscópicos (UV, IR, NMR) e cristalografia por raio-X, nós tivemos que confiar, no primeiro estudo fundamental da cravagem do centeio, completamente nos velhos métodos laboriosos de degradação química e derivatização.

1.3 - Ácido lisérgico e Seus Derivados

O Ácido lisérgico provou ser uma substância bastante instável e sua recombinação com radicais básicos impunham dificuldades. Na técnica conhecida como Síntese de Curtius, eu finalmente achei um processo que provou ser útil para combinar ácido lisérgico com aminas. Com este método eu produzi um grande número de compostos do ácido lisérgico. Combinando ácido lisérgico com propanolamina amino álcool, obtive uma combinação que era idêntica ao alcalóide natural ergobasine da cravagem do centeio. Com isso, a primeira síntese, quer dizer, a primeira produção artificial de um alcalóide da cravagem do centeio foi realizada. Isto não só foi de interesse científico como a confirmação da estrutura química da ergobasine, mas também de significado prático, porque ergobasine, especificamente o princípio hemostático uterotônico, só está presente na cravagem do centeio em quantidades muito insignificantes. Com esta síntese, agora poderiam ser convertidos outros alcalóides, que existem abundantemente na cravagem do centeio, em ergobasine que era valiosa na obstetrícia.

Após este primeiro sucesso no campo da cravagem do centeio, minhas investigações prosseguiram adiante em duas frentes. Primeiro eu tentei melhorar as propriedades farmacológicas da ergobasine por variações de seu radical amino álcool. Meu colega, Dr. J. Peyer, e eu desenvolvemos um processo para a produção econômica da propanolamine e de outros amino álcool. Realmente, por substituição da propanolamine contida na ergobasine com o butanolamine amino álcool, foi obtido um princípio ativo que até mesmo ultrapassou o alcalóide natural em suas propriedades terapêuticas. Isto implicou em que a ergobasine fosse usada mundialmente em aplicação como um remédio hemostático uterotônico

seguro, sob o nome comercial Methergine e é hoje o principal medicamento para esta indicação na obstetrícia.

Mais adiante eu empreguei meu procedimento sintético para produzir novos compostos do ácido lisérgico para os quais a atividade uterotônica não era proeminente, mas dos quais, baseado nas suas estruturas químicas, poderiam ser esperados outros tipos de propriedades farmacológicas interessantes. Em 1938 eu produzi a vigésima-quinta substância desta série de derivados do ácido lisérgico: ácido lisérgico diethylamide, abreviado LSD-25 (Lyserg-saure-diathylamid) para uso laboratorial.

Eu tinha planejado a síntese desta combinação com a intenção de obter um estimulante circulatório e respiratório (um analéptico). Poderiam ser esperadas tais propriedades estimulantes para o ácido lisérgico diethylamide porque já mostrava semelhança de estrutura com a substância química do analéptico conhecido naquela ocasião, isto é o ácido nicotínico diethylamide (Coramine). Durante o teste do LSD-25 no departamento farmacológico da Sandoz, cujo diretor era na ocasião o Professor Ernst Rothlin, foi estabelecido um forte efeito no útero. Sendo atribuído cerca de 70 por cento decorrentes da atividade da ergobasine. De passagem, o relatório de pesquisa também notou que os animais experimentais ficaram inquietos durante o narcotismo. Porém a nova substância não despertou nenhum interesse especial em nossos farmacólogos e médicos; os testes foram então descontinuados.

Durante os próximos cinco anos nada mais foi ouvido falar da substância LSD-25. Enquanto isso, meu trabalho no campo da cravagem do centeio tinha avançado em outras áreas. Pela purificação da ergotoxine, o material inicial para o ácido lisérgico, eu obtive, como já mencionado, a impressão de que esta preparação alcaloidal não era homogênea, mas era realmente uma mistura de diferentes substâncias. Esta dúvida sobre a homogeneidade da ergotoxine foi reforçada quando na sua hidrogenação foram obtidos dois produtos da hidrogenação distintamente diferentes, considerando que o homogêneo alcalóide ergotamine, sob as mesmas condições, rende só um único produto da hidrogenação (hidrogenação = introdução de hidrogênio). Sistemáticas investigações analíticas estendidas da suposta mistura de ergotoxine conduziram, em última instância, à separação deste preparado alcaloidal em três componentes homogêneos. Um dos três alcalóides da ergotoxine, quimicamente homogêneos, provou ser idêntico a um alcalóide isolado anteriormente no departamento de produção, que A. Stoll e E. Burckhardt tinham denominado ergocristine. Os outros dois alcalóides eram ambos novos. O primeiro eu nomeei ergocornine; e para o segundo, o último a ser isolado e que tinha permanecido escondido por muito tempo na tintura-mãe alcoólica, escolhi o nome de ergokryptine (kryptos = escondido). Depois foi detectado que a ergokryptine acontece em duas formas isômeras que foram diferenciadas como alfa e beta-ergokryptine.

A solução do problema da ergotoxine não foi apenas cientificamente interessante, mas também teve grande significado prático. Um valioso remédio surgiu disto. Os três alcalóides da ergotoxine hidrogenada que eu produzi no curso destas investigações, dihydroergocristine, dihydroergokryptine e dihydroergocornine, medicinalmente exibiram propriedades úteis durante os testes realizados pelo Professor Rothlin no departamento farmacológico. Destas três substâncias, foi desenvolvido o preparado farmacêutico Hydergine, um medicamento para melhoria da circulação periférica e da função cerebral no controle das desordens geriátricas. Hydergine provou ser um remédio efetivo para estas indicações na geriatria. Hoje é o produto farmacêutico mais importante da Sandoz.

Dihydroergotamine, que eu igualmente produzi no curso destas investigações, também encontrou aplicação em terapias como a investigação da circulação e medicamento para a estabilização da pressão sanguínea, sob o nome comercial Dihydergot.

Enquanto que hoje a pesquisa em projetos importantes quase sempre é executada exclusivamente por um grupo de trabalho, as investigações em alcalóides da cravagem, descritas acima, foram executadas por uma só pessoa. Até mesmo os passos químicos adicionais na evolução de preparados comerciais permaneceram em minhas mãos, quero dizer, o preparo de quantidades maiores para as tentativas clínicas e, finalmente, a perfeição dos primeiros procedimentos para produção em massa da Methergine, Hydergine e Dihydergot. Este plano incluiu os controles analíticos para o desenvolvimento da primeira forma comercial destes três preparados: ampolas, soluções líquidas e

comprimidos. Meus ajudantes naquele momento incluíam um assistente de laboratório, um ajudante de laboratório e mais tarde, em adição, um segundo assistente de laboratório e um técnico químico.

1.4 - Descoberta de Efeitos Psíquicos do LSD

A solução do problema da ergotoxine, descrito brevemente aqui, tinha conduzido a resultados frutíferos e tinha aberto caminhos adicionais de pesquisa, mas eu ainda não podia esquecer o relativamente desinteressante LSD-25. Um pressentimento peculiar, o sentimento de que esta substância pudesse possuir propriedades diferentes das que foram estabelecidas nas primeiras investigações me induziram, cinco anos depois da primeira síntese, a produzir o LSD-25 uma vez mais, na forma de uma amostra que poderia ser dada ao departamento farmacológico para testes adicionais. Isto era bastante incomum; substâncias experimentais, como regra geral, estavam definitivamente fora do programa de pesquisa uma vez determinada a falta de interesses farmacológicos.

Não obstante, na primavera de 1943, eu repeti a síntese do LSD-25. Como na primeira síntese, isto envolveu somente a produção de alguns centigramas da combinação.

No passo final da síntese, durante a purificação e a cristalização do ácido lisérgico diethylamide na forma de um tartarato (sal de ácido tartárico), eu tive que interromper meu trabalho por causa de sensações incomuns. A seguinte descrição deste incidente vem do relatório que na ocasião enviei ao Professor Stoll:

> *Sexta-feira passada, 16 de abril de 1943, fui forçado a interromper meu trabalho no laboratório, no meio da tarde e retornei a minha casa afetado por uma inquietude notável, combinada com uma leve vertigem. Em casa eu me deitei e afundei numa condição não desagradável de um tipo de intoxicação, caracterizada pela uma imaginação extremamente estimulada. Num estado como que em sonho, com os olhos fechados, eu achei a luz do dia desagradavelmente brilhante, eu percebia um fluxo ininterrupto de quadros fantásticos, formas extraordinárias com um intenso caleidoscópico jogo de cores. Depois de umas duas horas esta condição diminuiu.*

Isto tudo foi uma experiência completamente notável, tanto no seu súbito aparecimento quanto no seu curso extraordinário. Parecia ter sido o resultado de uma influência tóxica externa; eu imaginei uma conexão com a substância com a qual eu tinha estado trabalhando na ocasião, o tartarato de ácido lisérgico diethylamide. Mas isto conduziu a outra pergunta: como eu tinha conseguido absorver este material? Por causa da conhecida toxicidade das substâncias da cravagem, eu mantinha sempre meticulosamente limpos os uniformes de trabalho. Possivelmente um pouco da solução de LSD tinham entrado em contato com as pontas dos meus dedos durante a cristalização e um traço da substância foi absorvida pela pele. Se o LSD-25 realmente tivesse sido a causa desta experiência estranha, então deveria ser uma substância de potência extraordinária. Parecia haver só um modo de se chegar ao fundo disto. Eu decidi por fazer uma auto-experiência.

Exercendo uma precaução extrema, comecei a série de experiências planejada com a menor quantidade que poderia ser esperado que produzisse um pouco de efeito e poderia ser considerada como atividade dos alcalóides da cravagem conhecidos na ocasião: isto é, 0,25 mg (mg = miligrama = um milionésimo de uma grama) de tartarato de ácido lisérgico diethylamide. Abaixo está citado o registro desta experiência no meu diário de laboratório de 19 de abril de 1943.

1.5 - Auto-experiência

> *4/19/43 16:20: 0,5 cc de 1/2 solução aquosa de promil tartarato de diethylamide oralmente = 0,25 mg. de tartarato. Tomado diluído com aproximadamente 10 cc. de água. Insípido.*

17:00: Começando uma vertigem, sentimento de ansiedade, de distorções visuais, sintomas de paralisia, desejo de rir.

Suplemento de 4/21: Fui para Casa através de bicicleta. Das 18:00 às 20:00 crise mais severa. (Veja relatório especial).

Aqui cessam as notas do meu diário de laboratório. Eu só pude escrever as últimas palavras com um grande esforço. Agora já estava claro para mim que o LSD tinha sido a causa da notável experiência da sexta-feira prévia, pelas percepções alteradas que eram do mesmo tipo de antes só que com uma intensidade muito maior. Eu tive que lutar para falar de forma inteligível. Eu pedi para meu assistente de laboratório, que estava ciente da minha auto-experiência, que me acompanhasse até minha casa. Nós fomos de bicicleta, nenhum automóvel estava disponível por causa das restrições de seu uso durante a guerra. Uma vez em casa, minha condição começou a assumir formas ameaçadoras. Tudo em meu campo de visão oscilava e estava distorcido como se visto num espelho torto. Eu também tive a sensação de estar impossibilitado de sair do lugar. Não obstante, meu assistente me falou depois que nós tínhamos viajado muito rapidamente. Felizmente nós chegamos em casa são e salvos e eu fui capaz de pedir para meu companheiro chamar nosso médico de família e mesmo pedir leite aos vizinhos.

Apesar da minha condição delirante, confusa, eu tive breves períodos de pensamento claro e efetivo e escolhi leite como um antídoto não específico para o envenenamento.

A vertigem e sensação de desmaio às vezes ficavam tão fortes que eu já não podia ficar em pé e tive que me deitar num sofá. Meus ambientes tinham se transformado agora de modo terrificante. Tudo no quarto estava girado ao meu redor e os objetos mais familiares, as peças de mobília assumiam formas grotescas, ameaçadoras. Elas estavam em contínuo movimento, animadas, como se dirigidas por uma inquietude interna. A vizinha, que eu reconheci parcamente, trouxe-me leite e, durante a noite, bebi mais de dois litros. Ela não era mais nenhuma Senhora R., mas sim uma bruxa malévola, insidiosa com uma máscara colorida.

Até pior que estas transformações endiabradas do mundo exterior, eram as alterações que eu percebia em mim, em meu próprio ser interno. Todo esforço na minha tentativa para pôr um fim na desintegração do mundo exterior e na dissolução de meu ego, parecia ser um esforço desperdiçado. Um demônio tinha me invadido, tinha tomado posse do meu corpo, mente, e alma. Saltei, gritei e tentei me livrar dele, entretanto afundei novamente e me deitei impotente no sofá. A substância, que eu tinha querido experimentar, tinha me derrotado. Era o demônio que desdenhosamente triunfava sobre minha vontade. Fui tomado pelo terrível medo de ter ficado louco. Eu fui levado para um outro mundo, um outro lugar, um outro tempo. Meu corpo parecia estar sem sensações, inanimado, estranho. Estaria eu morrendo? Esta era a transição? Às vezes eu acreditava que estava fora do meu corpo e então percebia claramente, como um observador externo, a completa tragédia da minha situação. Eu nem mesmo tinha tido a oportunidade de me despedir da minha família (minha esposa, com nossas três crianças, tinha viajado naquele dia para visitar seus pais, em Lucerne). Entenderiam eles que eu não tinha experimentado irrefletidamente, irresponsavelmente, mas com uma precaução bastante extrema e isto era um resultado totalmente imprevisível? Meu medo e desespero se intensificaram, não só porque uma família jovem poderia perder seu pai, mas também porque eu temia ter que deixar meu trabalho de pesquisa química inacabado no meio de um desenvolvimento frutífero, promissor. Outra reflexão que tomou forma foi uma idéia cheia de ironia amarga: se eu fosse forçado a deixar este mundo prematuramente, seria por causa deste ácido lisérgico diethylamide que eu mesmo tinha trazido ao mundo.

Antes que o doutor chegasse, o clímax da minha desesperada condição já tinha passado. Meu assistente de laboratório o informou sobre minha auto-experiência porque eu não era ainda capaz de formular uma frase coerente. Ele, perplexo, balançou sua cabeça depois de minhas tentativas para descrever o perigo mortal que ameaçava meu corpo. Ele não pôde descobrir nenhum sintoma anormal diferente das pupilas extremamente dilatadas. Pulso, pressão sanguínea e a respiração estavam totalmente normais. Ele não via nenhuma razão para prescrever qualquer medicamento. Ao invés disso

ele me levou para minha cama e ficou me vigiando. Lentamente eu voltei de um mundo misterioso, pouco conhecido e reassumindo a realidade cotidiana. O horror suavizou-se e deu lugar a um sentimento de muita felicidade e gratidão, quanto mais normais as percepções e os pensamentos devolvidos, fiquei mais confiante de que o perigo da loucura tinha definitivamente passado.

Agora, pouco a pouco, eu poderia começar a desfrutar as cores sem precedentes e os jogos de forma que persistiram por trás de meus olhos fechados. Imagens caleidoscópicas, fantásticas surgiram em mim, variando, alternando, abrindo e então se fechando em círculos e espirais, explodindo em fontes coloridas, reorganizando e se cruzando em fluxos constantes. Era particularmente notável como cada percepção acústica, como o som de uma maçaneta de porta ou de um automóvel passando, foi transformada em percepção óptica. Todo som gerava uma vívida imagem variável, com sua própria forma, consistência e cor.

Mais tarde, à noite, minha esposa voltou de Lucerne. Alguém a tinha informado, através de um telefonema, que eu estava sofrendo um desarranjo misterioso. Ela tinha voltado para casa imediatamente e tinha deixado para trás as crianças com os pais dela. Até então eu já tinha me recuperado suficientemente para lhe contar o que tinha me acontecido.

Exausto, então eu dormi para despertar na próxima e fresca manhã com uma mente clara, embora ainda um pouco cansado fisicamente. Uma sensação de bem-estar e vida renovada fluía por mim. O café da manhã teve um gosto delicioso e me deu um extraordinário prazer. Quando depois eu fui ao jardim, no qual o sol brilhava depois de uma chuva da primavera, tudo brilhou e centelhou numa luz fresca. O mundo era como se tivesse sido recentemente criado. Todos meus juízos vibravam em uma condição mais alta de sensibilidade que persistiu durante o dia inteiro.

Esta auto-experiência mostrou que o LSD-25 se comportara como uma substância de propriedades psicoativas extraordinárias e com muita potência. Não havia no meu conhecimento, nenhuma outra substância que provocasse tais efeitos psíquicos profundos em tais doses extremamente baixas e que causassem tais mudanças dramáticas na consciência humana e na nossa experiência do mundo interior e exterior.

O que parecia mais significante era que eu podia até mesmo lembrar-me da experiência de inebriação do LSD em todos os detalhes. Isto só poderia significar que a função gravadora da consciência não foi interrompida, até mesmo no clímax da experiência do LSD, apesar do desarranjo profundo da visão normal do mundo. Durante toda a experiência, eu tinha estado ciente, até mesmo atento, da participação em uma experiência, mas apesar deste reconhecimento da minha condição, não pude eu, com todo o esforço do meu querer, sacudir o mundo do LSD. Tudo foi experimentado como completamente real, como uma realidade alarmante; alarmante porque o quadro da outra, a familiar realidade cotidiana, ainda tinha sido completamente preservada na memória para comparação.

Outro aspecto surpreendente do LSD foi sua habilidade de produzir um estado de longo alcance, poderoso de inebriação, sem deixar uma ressaca. Totalmente ao contrário, no dia seguinte ao experimento do LSD eu mesmo me senti, como já descrevi, em excelente condição física e mental.

Eu estava seguro que o LSD, uma combinação ativa nova com tais propriedades, teria que ter uso na farmacologia, na neurologia e especialmente na psiquiatria, e que atrairia o interesse dos especialistas envolvidos. Mas naquele momento eu não tive nenhuma percepção de que a nova substância também viria a ser usada, além da ciência médica, como um inebriante no cenário das drogas. Considerando que minha auto-experiência tinha revelado o LSD em seu terrificante e endiabrado aspecto, a última coisa que eu poderia ter esperado era que esta substância pudesse mesmo achar aplicação como qualquer coisa se aproximando de uma droga de prazer. Eu, além disso, não reconheci a conexão significante entre a inebriação do LSD e as experiências visionárias espontâneas, até muito mais recente, depois de experiências adicionais que foram levadas a cabo com doses muito mais baixas e debaixo de condições diferentes.

No próximo dia eu escrevi ao Professor Stoll o relato acima mencionado, informando sobre minha experiência extraordinária com o LSD-25 e enviei uma cópia ao diretor do departamento farmacológico, Professor Rothlin.

Como esperado, a primeira reação foi de uma incrédula surpresa. Imediatamente uma chamada telefônica veio da administração; o Professor Stoll perguntou: "Você está certo que não cometeu nenhum engano de julgamento? A dose declarada está realmente correta?" Professor Rothlin também me chamou e fez a mesma pergunta. Eu estava certo deste ponto, porque tinha executado o peso e a dosagem com minhas próprias mãos. Ainda que suas dúvidas fossem até certo ponto justificadas, até então nenhuma substância conhecida tinha exibido o efeito psíquico mais leve até mesmo em doses de fração de um miligrama. Uma combinação ativa de tal potência parecia quase incrível.

O Professor Rothlin e dois de seus colegas foram os primeiros a repetir minha experiência, com só um terço da dose que eu tinha utilizado. Mas até mesmo naquele nível, os efeitos ainda foram extremamente impressionantes e bastante fantásticos. Todas as dúvidas sobre as declarações do meu relatório foram eliminadas.

2. LSD em Experiências com Animais e Pesquisa Biológica

Depois da descoberta de seus efeitos psíquicos extraordinários, a substância LSD-25, que cinco anos antes tinha sido excluída de investigação adicional depois das primeiras experiências com animais, foi readmitida novamente na série de preparações experimentais. A maioria dos estudos fundamentais com animais foi executada pelo Dr. Aurélio Cerletti no departamento farmacológico da Sandoz, coordenado pelo Professor Rothlin.

Antes que uma nova substância ativa possa ser investigada em testes clínicos sistemáticos com seres humanos, devem ser determinados extensos dados de seus efeitos e de efeitos colaterais em testes farmacológicos com animais. Estas experiências têm que analisar a assimilação e a eliminação da substância particular nos organismos e, acima de tudo, sua tolerância e relativa toxicidade. Somente os relatos mais importantes em experiências do LSD com animais e aqueles inteligíveis às pessoas leigas serão vistos aqui. Em muito excederia o âmbito deste livro se eu tentasse mencionar todos os resultados das várias centenas de investigações farmacológicas que foram administradas no mundo inteiro em relação ao trabalho fundamental do LSD nos laboratórios da Sandoz.

Experiências com animais revelam pouco sobre as alterações mentais causadas pelo LSD porque efeitos psíquicos raramente são determináveis em animais inferiores e até mesmo nos mais altamente desenvolvidos eles só podem ser estabelecidos até uma extensão limitada. O LSD produz seus efeitos, acima de tudo, na esfera das mais altas funções psíquicas e intelectuais. É então compreensível que só podem ser esperadas reações específicas do LSD em animais superiores. Não podem ser estabelecidas mudanças psíquicas sutis em animais porque, mesmo que eles soubessem o que está acontecendo, o animal não pode nos dar a informação. Assim, só perturbações psíquicas relativamente grandes se expressam no comportamento alterado dos animais de pesquisa e se torna discernível. Quantidades substancialmente maiores que as doses efetiva do LSD em seres humanos são então necessárias, até mesmo em animais superiores como gatos, cachorros e macacos.

Enquanto o rato sob a influência do LSD só demonstra perturbações motoras e alterações no comportamento de higiene, no gato vemos, além de sintomas vegetativos como eriçar o cabelo (piloerection) e salivação, indicações que apontam para a existência de alucinações. Os animais fitam ansiosamente o ar e, em vez de atacar o rato, o gato deixa-o ir embora ou até mesmo se levantará com medo dele. Uma pessoa também poderia concluir que o comportamento de cachorros que estão sob a influência do LSD envolve alucinações. Uma comunidade enjaulada de chimpanzés reage muito sensivelmente se um membro da tribo recebeu LSD. Embora nenhuma mudança apareça neste único animal, a gaiola inteira entra em alvoroço porque o chimpanzé do LSD já não observa as leis de sua ordem tribal hierárquica finamente coordenada.

Do restante das espécies de animais nas quais o LSD foi testado, só os peixes de aquário e aranhas merecem ser mencionados aqui. Nos peixes foram observadas posturas natatórias incomuns e nas aranhas, alterações na construção da teia foram, aparentemente, produzidas através do LSD. Com doses otimizadas em valores muito baixos, as redes tinham até uma melhor proporção e foram construídas mais exatas do que o normal, porém com doses mais altas as redes estavam mal e rudimentarmente feitas.

2.1 Quão Tóxico é o LSD?

A toxicidade do LSD foi determinada em várias espécies animais. Um padrão para a toxicidade de uma substância é o LDso, ou a dose letal média, quer dizer, a dose com que 50 por cento dos animais tratados morrem. Em geral flutua amplamente de acordo com a espécie animal. Assim também acontece com o LSD. O LDso para o camundongo é de 50-60 mgtkg i.v. (quer dizer, 50 a 60 milésimos de um grama de LSD por quilograma de peso do animal em injeção de uma solução de LSD nas veias). No rato, o LDso cai para 16,5 mg/kg e em coelhos, para 0,3 mg/kg. Um elefante, ao qual foi dado 0,97 g de LSD, morreu depois de alguns minutos. Foi determinado que o peso deste animal fosse de cerca de 5.000 kg, o que correspondem a uma dose letal de 0,06 mg/kg (0,06 milésimos de

um grama por quilograma de peso do corpo). Porque isto envolveu só um único caso, este valor não pode ser generalizado, mas nós podemos pelo menos deduzir disto que o maior animal da terra reage proporcionalmente muito mais sensivelmente em relação ao LSD, porque a dose letal em elefantes mostrou ser 1.000 vezes menor que a do rato. A maioria dos animais que receberam uma dose letal de LSD morreu devido à parada respiratória.

As diminutas doses que causam morte nas experiências animais podem dar a impressão que o LSD é uma substância muito tóxica. Porém, se a pessoa compara a dose letal em animais com a dose efetiva em seres humanos que é de 0,0003-0,001 mg/kg (0,0003 a 0,001 milésimos de grama por quilograma de peso do corpo), isto mostra uma extraordinária baixa toxicidade para o LSD. Só uns 300 a 600 apresentaram overdose de LSD, comparado à dose letal em coelhos, ou arredondamente uns 50.000 - a 100.000 apresentaram overdose, em comparação à toxicidade nos ratos, teriam resultados fatais em seres humanos. Estas comparações de toxicidade relativa, para se estar seguro, somente são compreensíveis como estimativas de ordens de magnitude; para a determinação do índice terapêutico (quer dizer, a relação entre a dose efetiva e a dose letal) só é significante dentro de uma determinada espécie. Tal procedimento não é possível neste caso porque a dose letal do LSD para humanos não é conhecida. Do meu conhecimento, ainda não houve qualquer vítima em conseqüência direta de envenenamento por LSD. Foram registrados numerosos episódios de conseqüências fatais atribuídos realmente à ingestão de LSD, mas estes eram acidentes, até mesmo suicídios que podem ser atribuídos à condição mentalmente desorientada pela intoxicação de LSD. O perigo do LSD repousa não na sua toxicidade, mas antes na imprevisibilidade de seus efeitos psíquicos.

Alguns anos atrás apareceram relatórios na literatura científica e também na imprensa especializada, alegando que danos para os cromossomos ou para o material genético teriam sido causados por LSD. Porém estes efeitos foram observados só em alguns poucos casos individuais. Porém amplas investigações subseqüentes, com um número estatisticamente significante de casos, mostrou que não havia nenhuma conexão entre anomalias de cromossomos e medicamentos de LSD. O mesmo se aplica aos relatórios sobre deformidades fetais que supostamente teriam sido produzidas pelo LSD. Em experiências com animais realmente é possível induzir deformidades fetais por doses extremamente altas de LSD, que ficam bem acima das doses usadas em seres humanos. Mas sob tais condições, até mesmo substâncias inocentes também produzem danos. Exames de casos individuais informados de deformidades fetais humanas revelaram, novamente, não haver nenhuma conexão entre o uso do LSD e tais danos. Se houvesse alguma tal conexão, isto teria há muito tempo chamado a atenção desde então, pelos vários milhões de pessoas que até agora já tomaram LSD.

2.2 Propriedades farmacológicas do LSD

O LSD é facilmente e completamente absorvido pela área do trato gastrintestinal. É então desnecessário injetar LSD, exceto em casos de propósitos especiais. Experiências em ratos, com LSD associado à radioatividade, estabeleceram que o LSD injetado intravenosamente desapareceu, até o menor vestígio, muito rapidamente da circulação sangüínea e foi distribuído ao longo do organismo. Inesperadamente, a mais baixa concentração é achada no cérebro. Concentra-se em certos centros do meio do cérebro que representam um papel na regulagem da emoção. Tais achados dão indicações sobre a localização de certas funções psíquicas no cérebro.

A concentração de LSD nos vários órgãos atinge o máximo estimado em 10 a 15 minutos depois da injeção, então cai novamente rapidamente. O intestino delgado, no qual a concentração atinge o máximo dentro de duas horas, constitui uma exceção. A eliminação do LSD é administrada a maior parte (até uns 80 por cento) pelos intestinos, pelo fígado e bílis. Somente 1 a 10 por cento do produto eliminado contém LSD inalterado; o remanescente é composto de vários produtos transformados.

Como os efeitos psíquicos do LSD persistem até mesmo depois que ele já não possa mais ser detectado no organismo, nós temos que assumir que o LSD não é ativo como tal, mas isto aponta mais propriamente para certos mecanismos bioquímicos e neurofisiológicos, e também para

mecanismos psíquicos que provocam a condição inebriante e continuam mesmo na ausência do princípio ativo.

O LSD estimula os centros do sistema nervoso simpático no meio do cérebro o que conduz a dilatação das pupilas, ao aumento da temperatura do corpo, e à subida do nível de açúcar no sangue. A atividade uterino-constritora do LSD já foi mencionada.

Uma propriedade farmacológica especialmente interessante do LSD, descoberta por J. H. Gaddum na Inglaterra, é seu efeito bloqueador de serotonina. Serotonina é uma substância parecida com hormônio, ocorrendo naturalmente em vários órgãos de animais de sangue quente. Concentrando-se no meio do cérebro, representa um importante papel na propagação de impulsos em certos nervos e então na bioquímica de funções psíquicas. O rompimento do funcionamento natural da serotonina pelo LSD, foi durante algum tempo considerado uma explicação de seus efeitos psíquicos. Todavia foi logo demonstrado que também certos derivados do LSD (compostos no qual a estrutura química do LSD é ligeiramente modificada), que não exibiam nenhuma propriedade alucinógena, inibiam os efeitos da serotonina da mesma maneira forte ou ainda mais fortemente que o LSD inalterado. O efeito bloqueador de serotonina do LSD não é suficiente para explicar suas propriedades alucinógenas.

O LSD também influencia funções neurofisiológicas que são conectadas com a dopamina que, como a serotonina, é uma substância parecida com hormônio, ocorrendo naturalmente. A maioria dos centros do cérebro receptivos para a dopamina é ativada pelo LSD, enquanto os outros são deprimidos.

Como ainda nós não conhecemos os mecanismos bioquímicos pelos quais o LSD mostra seus efeitos psíquicos, investigações das interações do LSD com fatores do cérebro como a serotonina e a dopamina, porém, são exemplos de como o LSD pode servir como uma ferramenta na pesquisa do cérebro, no estudo dos processos bioquímicos que estão por baixo das funções psíquicas.

3. Modificações químicas do LSD

Quando um novo tipo de composto ativo é descoberto durante a pesquisa de substâncias química-farmacêuticas, seja pelo isolamento de uma droga de uma planta ou de um órgão animal ou pela produção sintética como no caso do LSD, então o químico tenta, através de alterações na sua estrutura molecular, produzir novas combinações com atividades semelhantes, talvez melhoradas ou com outras propriedades ativas valiosas. Nós chamamos a este processo de uma modificação química do tipo de substância ativa. De aproximadamente 20.000 novos produtos que são produzidos anualmente nos laboratórios de pesquisa de substâncias farmacêutico-químicas do mundo, a maioria esmagadora é de produtos resultantes da modificação da proporcionalidade de poucos componentes ativos. A descoberta de um tipo realmente novo de substância ativa - novo com respeito à estrutura da substância química e do efeito farmacológico - é um raro golpe de sorte.

Em seguida a descoberta dos efeitos psíquicos do LSD, foi designada dois outros colaboradores para me ajudar a empreender as modificações químicas do LSD numa base mais ampla e em investigações adicionais no campo dos alcalóides da cravagem. O trabalho na estrutura química dos alcalóides da cravagem do tipo peptídeo, que compreende também o grupo da ergotamina e dos alcalóides da ergotoxina, continuou com o Dr. Theodor Petrzilka. Trabalhando com o Dr. Franz Troxler produzi um grande número de modificações químicas do LSD e tentamos ganhar conhecimentos adicionais na estrutura do ácido lisérgico para o qual os investigadores americanos já tinham proposto uma fórmula estrutural. Em 1949 nós tivemos sucesso corrigindo esta fórmula e especificando a estrutura deste núcleo válida para todos os alcalóides da cravagem, e claro, incluindo o LSD.

As investigações dos alcalóides peptídeos da cravagem conduziram às fórmulas estruturais completas destas substâncias as quais publicamos em 1951. Sua exatidão foi confirmada pela síntese total da ergotamina que foi realizada dez anos depois em colaboração com dois colaboradores mais jovens: Dr. Albert J. Frey e Dr. Hans Ott. Outro colaborador, Dr. Paul A. Stadler, foi, em grande parte, o responsável pelo desenvolvimento desta síntese num processo praticável em escala industrial. A produção sintética de alcalóides peptídeos da cravagem que usam ácido lisérgico obtido de culturas especiais do fungo da cravagem em tanques tem grande importância econômica. Este procedimento é usado para produzir a matéria prima para os medicamentos Hydergine e Dihydergot.

Então nós retornamos às modificações químicas do LSD. Desde 1945 foram produzidos muitos derivados do LSD em colaboração com o Dr. Troxler, mas nenhum provou ser mais alucinogenicamente ativo do que o LSD. Realmente, os parentes muito mais próximos se provaram essencialmente menos ativo neste respeito.

Há quatro possibilidades diferentes de arranjo espacial dos átomos na molécula do LSD. Eles são diferenciados em linguagem técnica pelo prefixo iso e as letras D e L. Além do LSD que é mais corretamente designado como ácido D-lisérgico diethylamide que eu também produzi e igualmente testei em auto-experiência, as três outras formas espaciais diferentes, isto é ácido D-isolisérgico dietilamida (iso-LSD), ácido L-lisérgico dietilamida (L-LSD), e ácido L-isolisérgico dietilamida (L-iso-LSD). As últimas três formas de LSD não mostraram nenhum efeito psíquico até uma dose de 0,5 mg, que corresponde a 20 vezes a quantidade de uma dose de LSD distintamente ativa.

Uma substância bastante relacionada ao LSD, o ácido lisérgico monoetilamido (LAE-23), no qual um grupo etil é substituído por um átomo de hidrogênio no resíduo dietilamido de LSD, provou ser cerca de dez vezes menos psicoativo que o LSD. O efeito alucinógeno desta substância também é qualitativamente diferente: é caracterizado por um componente narcótico. Este efeito narcótico ainda é mais pronunciado no amido ácido lisérgico (LA-111) no qual ambos os grupos etil do LSD foram deslocados através de átomos de hidrogênio. Estes efeitos, que estabeleci em comparativos nas auto-experiências com o LA-111 e LAE-32, foram confirmados através de investigações clínicas subseqüentes.

Quinze anos depois nós encontramos o amido ácido lisérgico, que tinha sido produzido sinteticamente como resultado daquelas investigações, como um princípio ativo de ocorrência natural na droga mágica mexicana chamada ololiuhqui. Num próximo capítulo darei mais detalhes desta inesperada descoberta.

Certos resultados da modificação química do LSD provaram ser valorosas para a pesquisa medicinal; foram achados derivados de LSD que eram só fracamente ou mesmo não alucinógeno, em vez disto eles exibiam outros efeitos do LSD numa extensão ainda maior. Tal como um efeito do LSD é o seu efeito bloqueante no neurotransmissor de serotonina (referir-se ao previamente já discutido sobre as propriedades farmacológicas do LSD). Como serotonina desempenha um papel em processos alérgico-inflamatórios e também na geração de enxaqueca, uma substância específica bloqueadora da serotonina era de grande significado para a pesquisa medicinal. Nós procuramos então sistematicamente um derivado do LSD sem efeitos alucinógenos, mas com a possível atividade bloqueadora da serotonina mais elevada. A primeira substância ativa parecida foi achada no bromo-LSD que se tornou conhecido na pesquisa medicinal-biológica sob a designação BOL-148. No curso de nossas investigações em antagonistas de serotonina, o Dr. Troxler produziu então combinações ainda mais fortes e mais especificamente ativas. Os mais ativos entraram no mercado medicinal como um medicamento para o tratamento da enxaqueca, sob a marca registrada "Deseril" ou, em países de língua inglesa, "Sansert".

4. Uso do LSD na Psiquiatria

Logo depois que o LSD foi experimentado em animais, foi feita a primeira investigação sistemática da substância em seres humanos, na clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique. Werner A. Stoll, M.D. (filho do Professor Arthur Stoll), conduziu esta pesquisa e publicou seus resultados em 1947 no "Schweizer Archiv und fur Neurologie und Psychiatrie", sob o título "Lysergsaure-diathylamid, ein Phantastikum aus der Mutterkorngruppe" [ácido lisérgico diethylamide, um fantástico do grupo da cravagem].

Os testes envolveram objetos de pesquisa saudáveis e também pacientes esquizofrênicos. A dosagem, substancialmente abaixo da minha primeira auto-experiência que foi feita com 0,25 mg tartarato de LSD, importou só de 0,02 a 0,13 mg. O estado emocional durante a inebriação do LSD foi aqui predominantemente eufórico, considerando que em minha experiência o humor estava marcado por efeitos colaterais sérios que são resultados de overdose e, claro que, do medo de um resultado incerto.

Esta publicação fundamental, que deu uma descrição científica de todas as características básicas da inebriação do LSD, classificou o novo princípio ativo como um fantástico. Porém a questão da aplicação terapêutica do LSD permaneceu sem resposta. Por outro lado, o relatório enfatizou a atividade extraordinariamente alta do LSD, que corresponde à atividade motivada por traços de substâncias [N.T. quantidades ínfimas] que ocorrem naturalmente no organismo e que são com certeza consideradas como responsáveis pelas desordens mentais. Outro assunto discutido nesta primeira publicação foi a possível aplicação do LSD como uma ferramenta de pesquisa na psiquiatria devido a sua tremenda atividade psíquica.

4.1. Primeira auto-experiência por um Psiquiatra

No seu artigo, W. A. Stoll também deu uma descrição detalhada da sua própria experiência com o LSD. Desde que esta foi a primeira auto-experiência publicada por um psiquiatra e que também descreve muitas características específicas da inebriação do LSD, é interessante citar extensivamente este relatório. Eu agradeço calorosamente o autor pela amável permissão para republicar este extrato.

> *Às 8 horas tomei 60 mcg (0,06 miligramas) de LSD. Uns 20 minutos mais tarde, apareceram os primeiros sintomas: peso nos membros, sintomas de ataques leves (i.e., confusos, sem coordenação). Seguiu-se uma fase subjetivamente muito desagradável de males generalizados em paralelo com a queda da pressão sanguínea registrada pelos examinadores.*
>
> *Uma certa euforia então começou, entretanto me pareceu mais fraca do que a que eu experimentara numa vez anterior. A ataxia aumentou e eu comecei a "navegar" ao redor do quarto a largos passos. Eu me sentia um pouco melhor, mas ficava contente em permanecer deitado.*
>
> *Posteriormente o quarto foi escurecido (experiência escura); seguiu-se uma experiência sem precedentes, de uma intensidade inimaginável, que continuou aumentando em força. Isto foi caracterizado por uma profusão incrível de alucinações ópticas que apareciam e desapareciam com grande velocidade, constituindo incontáveis novas imagens. Eu vi uma profusão de círculos, vórtices, faíscas, chuveiros, cruzes e espirais em constante e contínuo fluxo.*
>
> *As imagens pareciam fluir em mim predominantemente do centro do campo visual ou da mais baixa extremidade esquerda. Quando um quadro aparecia no meio, o restante do campo de visão estava simultaneamente cheio com um grande número de visões semelhantes. Tudo era colorido: brilhante, vermelho luminoso, amarelo e verde predominaram.*

Eu nunca consegui me demorar em qualquer quadro. Quando o supervisor da experiência enfatizou minhas grandes fantasias, a riqueza de minhas declarações, só pude reagir com um simpático sorriso. De fato, eu sabia que não podia reter, muito menos descrever, mais que uma fração dos quadros. Tinha que me esforçar para dar uma descrição. Condições como "fogos de artifício" ou "caleidoscópio" eram pobres e inadequadas. Eu sentia que tinha que submergir cada vez mais profundamente neste mundo estranho e fascinante para permitir que sua exuberância, sua riqueza inimaginável, trabalhassem em mim.

No princípio, as alucinações eram elementares: raios, feixes de raios, anéis, vórtices, laçadas, sprays, nuvens, etc. Então visões altamente organizadas também apareceram: arcos, filas de arcos, um mar de telhados, paisagens de deserto, terraços, fogos bruxelantes, céus estrelados de um esplendor incrível. As imagens originais, mais simples, continuavam no meio destas alucinações altamente organizadas. Eu me lembro particularmente das seguintes imagens:

Uma sucessão de construções muito altas, abóbodas góticas, um coro infinito do qual eu não podia ver as partes mais baixas.

Uma paisagem de arranha-céus, quadros rememorativos da entrada para um porto de Nova Iorque; prédios cambaleavam uns atrás e ao lado de outros com inumeráveis filas de janelas. Novamente faltavam as fundações.

Um sistema de mastros e cordas que me fizeram lembrar da reprodução de uma pintura vista no dia anterior (dentro de uma barraca de circo).

Um céu do anoitecer de um inimaginável azul pálido sobre os telhados escuros de uma cidade espanhola. Eu tive um peculiar sentimento de antecipação, estava cheio de alegria e decididamente pronto para aventura. Todas de uma vez, as estrelas chamejaram, acumularam-se e viraram uma densa chuva de estrelas e faíscas que fluía para mim. A cidade e o céu tinham desaparecido.

Eu estava num jardim, via um vermelho brilhante, amarelo, e luzes verdes caindo num trabalho escuro de treliça, uma indescritível e encantadora experiência.

Era significante que todas as imagens consistiam em incontáveis repetições dos mesmos elementos: muitas faíscas, muitos círculos, muitos arcos, muitas janelas, muitos fogos, etc. eu nunca via imagens isoladas, mas sempre duplicações da mesma imagem, que eternamente se repetia.

Eu me sentia unificado com todos os romanticistas e sonhadores, com os pensamentos de E. T. A. Hoffmann, vi o turbilhão de Poe (embora na ocasião que eu li Poe, sua descrição me pareceu exagerada). Freqüentemente eu parecia me levantar ao pináculo da experiência artística; eu luxuriava nas cores do altar de Isenheim e conheci a euforia e a exultação de uma visão artística. Também devo ter falado novamente e novamente de arte moderna; eu pensava em quadros abstratos e parecia entender tudo de uma vez. Então novamente, havia impressões de uma pobreza extrema, tanto nas suas formas quanto nas suas combinações de cor. Os mais vulgares ornamentos de luminária modernos e baratos e travesseiros de sofá entraram na minha mente. O ritmo do pensamento ficou acelerado. Mas eu tinha a sensação que o supervisor da experiência ainda poderia manter meu ritmo. Claro que eu sabia intelectualmente que eu o estava apressando. No princípio eu tinha as descrições rapidamente sob controle. Com o ritmo crescendo freneticamente, ficou impossível refletir um pensamento até seu fim. Eu devo ter apenas só começado muitas frases.

Quando eu tentei me restringir a assuntos específicos, a experiência se revelou mais um fracasso. Minha mente enfocava até mesmo, num certo sentido, imagens contraditórias: arranha-céus em vez de uma igreja, um grande deserto em vez de uma montanha.

Eu assumi que tinha estimado com precisão o decorrer do tempo, mas não levei o assunto muito seriamente. Tais perguntas nem de leve não me interessavam.

O estado de minha mente era conscientemente eufórico. Eu desfrutei esta condição, estava sereno e tomei o mais ativo interesse pela experiência. De vez em quando eu abria meus olhos. A fraca luz vermelha parecia misteriosa, muito mais que antes. O atarefado supervisor que estava anotando a pesquisa me pareceu estar muito distante. Freqüentemente tive sensações completamente peculiares: acreditei que minhas mãos estavam presas em algum corpo distante, mas não estava certo de que era eu mesmo.

Depois do término da primeira experiência escura, passeei um pouco no quarto, estava inseguro de minhas pernas, e novamente me sentia menos bem. Senti frio e fiquei grato que o supervisor da pesquisa me cobriu com uma manta. Eu me sentia desleixado, barbudo e sujo. O quarto parecia estranho e amplo. Depois me agachei num tamborete alto, pensando o tempo todo que eu estava lá como um pássaro no poleiro.

O supervisor enfatizou minha própria aparência miserável. Ele parecia notavelmente gracioso. Eu tinha mãos pequenas, finamente formadas. Quando as lavei, isto estava acontecendo longe de mim, em algum lugar abaixo e à direita. Se elas eram as minhas próprias mãos era questionável, mas totalmente sem importância.

Na paisagem do lado de fora, bem conhecida para mim, muitas coisas pareciam ter mudado. Além das alucinações, eu também podia ver agora a realidade. Mais tarde isto já não mais possível, embora eu permanecesse ciente que aquela realidade era ao contrário.

Um barracão e a garagem que se encontrava diante dele à esquerda, de repente se transformou em uma paisagem de ruínas, quebrada em pedaços. Eu vi destroços de paredes e vigas projetando-se, inspiradas indubitavelmente pela memória dos eventos de guerra nesta região.

Num campo uniforme e extenso continuei vendo figuras que eu tentei gravar, mas não pude adquirir mais nenhum detalhe além de toscos esboços. Eu vi uma ornamentação escultural extremamente rica, numa metamorfose constante, num fluxo contínuo. Fizeram-me lembrar de toda cultura estrangeira possível, vi motivos mexicanos, índios. Entre um gradil de pequenas vigas e gavinhas parecendo um pouco uma caricatura, ídolos, máscaras, de repente estranhamente misturadas com desenhos infantis de pessoas. A duração foi mais curta quando comparada com a da experiência escura.

Agora a euforia tinha desaparecido. Eu fiquei deprimido, especialmente durante a segunda experiência escura que se seguiu. Considerando que durante a primeira experiência escura, as alucinações tinham se alternado com grande rapidez em cores brilhantes e luminosas, agora prevalecia o azul, o violeta, e o verde escuro. O movimento das imagens maiores era mais lento, mais moderado, mais quieto, embora até mesmo estes eram compostos de pontos elementares finamente "chuviscando" que fluíam e giravam bastante depressa. Durante a primeira experiência escura, uma comoção freqüentemente tinha se intrometido em mim; agora, freqüentemente ficava distintamente longe de mim, no centro do quadro onde aparecia uma boca chupando. Eu vi grutas com erosões fantásticas e estalactites que me faziam lembrar do livro de criança "Im Wunderreiche des Bergkonigs" [No maravilhoso reino do rei montês]. Serenos sistemas de arcos rosados em cima. No lado direito, de repente apareceu uma fila de telhados de abrigos; eu pensei no trajeto noturno para casa durante o serviço militar. Significativamente ele envolveu um passeio para casa: não havia há muito tempo nada parecido com uma partida ou amor por aventura. Eu me sentia protegido, envolvido pelo sentimento materno, estava em paz. As alucinações já não eram excitantes, mas ao contrário, eram moderadas e estavam se atenuando. Pouco depois tive a sensação de possuir a mesma força maternal. Eu percebi uma inclinação, um desejo para ajudar e me comportei então de

uma exagerada maneira sentimental e sem valor onde éticas médicas estão envolvidas. Eu percebi isto e pude parar.

Mas o estado mental depressivo permaneceu. Eu tentava ver imagens luminosas e jubilosas novamente e novamente. Mas sem proveito; somente emergiam padrões azuis e verdes escuros. Eu desejei imaginar um fogo luminoso como o da primeira experiência escura. E vi fogos; porém, eles eram fogos sacrificatórios no meio sombrio de uma fortaleza num brejo distante, outonal. Uma vez eu consegui ver o brilho de uma multidão ascendente de faíscas, mas a meia altura elas se transformaram num grupo de silenciosas manchas móveis do rabo de um pavão. Durante a experiência eu fiquei muito impressionado do meu estado mental e o tipo de alucinações harmonizadas tão constantemente e ininterruptamente.

Durante a segunda experiência escura eu observei os ruídos casuais e também aqueles ruídos intencionalmente produzidos pelo supervisor da experiência. Eles provocavam simultâneas mudanças nas impressões ópticas (synesthesia). Da mesma maneira, pressionando-se o globo ocular produzia-se alterações nas percepções visuais.

Ao final da segunda experiência escura, comecei a assistir fantasias sexuais que eram, todavia, totalmente ausentes. De nenhuma maneira eu podia experimentar desejo sexual. Eu quis imaginar uma cena de uma mulher; só uma escultura crua primitiva-moderna apareceu. Parecia completamente anti-erótica e suas formas foram substituídas imediatamente por agitados círculos e laços.

Depois da segunda experiência escura eu me senti dormente e fisicamente indisposto. Eu suei e estava exausto. Fiquei grato por não ter que ir até a lanchonete para uma refeição. O assistente de laboratório que nos trouxe a comida me pareceu pequeno e distante, da mesma delicadeza notável como o supervisor da experiência.

Em algum momento por volta das 3:00 da tarde eu me senti bem, de forma que o supervisor pôde retornar ao seu trabalho. Com algum esforço eu próprio consegui tomar notas. Eu me sentei à mesa, queria ler, mas não podia me concentrar. Às vezes eu me sentia como uma forma de um quadro surrealista cujos membros não estão conectados com o corpo, mas ao contrário, foi pintado em algum lugar perto de....

Eu estava deprimido e pensando com interesse na possibilidade de suicídio. Com algum horror eu temi que aqueles tais pensamentos me eram notavelmente familiares. Parecia singularmente patente que uma pessoa deprimida cometesse suicídio....

À noite, quando já estava em casa, novamente fiquei eufórico e transbordante com as experiências da manhã. Eu tinha experimentado coisas inesperadas, impressionantes. Parecia para mim que uma grande época da minha vida tinha sido comprimida em algumas horas. Eu fiquei tentado a repetir a experiência.

No próximo dia eu estava descuidado de meu pensamento e conduta, tinha grandes dificuldades em me concentrar, estava apático.... Este estado, ligeiramente parecido como uma condição de sonho, persistiu durante a tarde. Eu tinha grandes dificuldades em focalizar, de qualquer modo organizado, um problema simples. Eu sentia um cansaço geral crescente, uma consciência crescente que estava retornando agora para a realidade cotidiana.

O segundo dia depois da experiência trouxe um estado irresoluto.... Moderado, mas uma depressão distinta foi experimentada durante toda a semana seguinte, um sentimento que claramente só poderia ser relacionado indiretamente a LSD.

4.2. Os Efeitos Psíquicos do LSD

O quadro da atividade do LSD, obtido destas primeiras investigações, não era novo para a ciência. Ele coincidia amplamente com a visão comumente conhecida da mescalina, um alcalóide que já tinha sido investigado, em grande parte, por volta do início da virada do século. Mescalina é um componente psicoativo extraído de um cacto mexicano chamado Lophophora williamsii (syn. Anhalonium lewinii). Este cacto era usado por índios americanos desde tempos pré-colombianos. Ainda hoje é usado como uma droga sagrada em cerimônias religiosas. Na sua monografia Fantástica (Verlag Georg Stilke, Berlim, 1924), L. Lewin descreveu amplamente a história desta droga, chamada peyot pelos astecas. O alcalóide da mescalina foi isolado do cacto por A. Heffter em 1896, e em 1919 foi elucidada sua estrutura química e foi produzido sinteticamente por E. Spath. Foi o primeiro alucinógeno ou phantasticum (como este tipo de combinação ativa foi descrito por Lewin) a ficar disponível como uma substância pura, permitindo o estudo de mudanças quimicamente induzidas nas percepções sensoriais, ilusões mentais (alucinações) e alterações do estado de consciência. Nos anos vinte, experimentações complementares com a mescalina foram feitas em animais e seres humanos, tudo amplamente descrito por K. Beringer em seu livro Der Meskalinrausch (Verlag Julius Springer, Berlim, 1927). Porque estas investigações não indicaram qualquer aplicação da mescalina em medicamentos, o interesse por esta substância ativa declinou.

Com a descoberta do LSD, a pesquisa de alucinógenos recebeu um novo impulso. A novidade do LSD em oposição à mescalina era sua alta atividade que ficava numa diferente ordem de magnitude. A dose ativa da mescalina, cerca de 0,2 a 0,5 g, é comparável a 0,00002 a 0,0001 g de LSD; em outras palavras, o LSD é umas 5.000 a 10.000 vezes mais ativo que a mescalina.

A posição sem igual do LSD entre os psico-farmacêuticos não é devida somente à sua alta atividade num sentido quantitativo. A substância também tem significado qualitativo: manifesta um alto nível de especificidade, quer dizer, uma atividade especificamente apontada à psique humana. Pode ser assumido então que o LSD afeta os centros de controle mais altos das funções psíquicas e intelectuais.

Os efeitos psíquicos do LSD, produzido por tais quantidades mínimas de material, são tão significantes e também tão multiformes para serem explicados por alterações tóxicas das funções do cérebro. Se o LSD só agisse por um efeito tóxico no cérebro, então as experiências com LSD seriam completamente psicopatológicas, resultando sem qualquer interesse psicológico ou psiquiátrico. Pelo contrário, ele se parece com as alterações da condutividade dos nervos e influência na atividade das conexões dos nervos (synapses), que foram experimentalmente demonstrados e que representam um papel importante. Isto poderia significar que uma influência está sendo inserida no sistema extremamente complexo das conexões-cruzadas e synapses entre os muitos bilhões de células do cérebro, o sistema do qual dependem as mais altas funções psíquicas e intelectuais. Esta seria uma área promissora para explorar na procura de uma explicação da eficácia radical do LSD.

A natureza da atividade do LSD poderia conduzir a numerosas possibilidades de usos medicinal-psiquiátricos, como os estudos básicos de W. A. Stoll já tinham mostrado. A Sandoz então disponibilizou a nova substância ativa para institutos de pesquisa e médicos, como uma droga experimental, dando-lhe o nome de comercial de Delysid (D-Lysergsaure-diathylamid), o qual eu havia proposto. O prospecto impresso adiante reproduzido descreve possíveis aplicações deste grupo e cita as precauções necessárias.

Delysid (LSD 25) tartarato dietilamido de ácido D-lisérgico

Tabletes cobertos de açúcar contendo 0,025 mg. (25 microg.), Ampolas de 1 ml, contendo 0,1 mg (100 microg.), para administração oral.

A solução também pode ser injetada s.c. ou i.v. O efeito é idêntico ao da administração oral mas atua mais rapidamente.

PROPRIEDADES

A administração de doses muito pequenas de Delysid (1/2-2 microg. /kg. do peso do corpo) resulta em efeitos de perturbações transitórias, alucinações, despersonalização, revivência de recordações reprimidas, e sintomas neurovegetativos moderados. O efeito começa depois de 30 a 90 minutos e geralmente dura de 5 a 12 horas. Porém intermitentes perturbações dos sentimentos podem persistir ocasionalmente durante vários dias.

MÉTODO DE ADMINISTRAÇÃO

Para administração oral, o conteúdo de 1 ampola de Delysid é diluído numa solução de 1% de ácido tartárico, com água destilada ou água de torneira sem halogênio.

A absorção da solução é um pouco mais rápida e mais constante que a dos tabletes.

Ampolas que não foram abertas, que ficaram protegidos contra a luz e foram armazenados num lugar fresco, são estáveis por um período ilimitado. Ampolas que foram abertas ou foram diluídas em soluções, retêm sua efetividade durante 1 a 2 dias, se armazenadas em um refrigerador.

INDICAÇÕES E DOSAGEM

a) Psicoterapia analítica, para trazer à tona e liberar material reprimido e prover relaxamento mental, particularmente em estados de ansiedade e neuroses obsessivas.

A dose inicial é 25 microg. (1/4 de um ampola ou 1 tablete). Esta dose é aumentada a cada tratamento através de 25 microg. até a dose ótima ser encontrada (normalmente entre 50 e 200 microg.). Os tratamentos individuais são melhores se dados em intervalos de uma semana.

b) Estudos experimentais na natureza das psicoses: O próprio psiquiatra tomando Delysid, pode ganhar um conhecimento do mundo de idéias e sensações dos pacientes mentais. Delysid também pode ser usado para induzir modelo de psicoses de curta duração em objetos normais, facilitado assim estudos na patogênese de doenças mentais.

Em objetos normais, doses de 25 a 75 microg. geralmente são suficientes para produzir uma psicose alucinatória (em uma média 1 microg. /kg. peso do corpo). Em certas formas de psicose e em alcoolismo crônico, doses mais elevadas podem ser necessárias (2 a 4 microg. /kg. peso do corpo).

PRECAUÇÕES

Condições mentais patológicas podem ser intensificadas pelo Delysid. Precaução particular é necessária em objetos com tendência suicida e nos casos onde um desenvolvimento psicopata parece iminente. A responsabilidade psico-afetiva e a tendência para cometer atos impulsivos ocasionalmente podem durar alguns dias.

Delysid só deve ser administrado sob rígida supervisão médica. A supervisão não deverá ser descontinuada até que os efeitos da droga tenham cessado completamente.

ANTÍDOTO

Os efeitos mentais de Delysid podem ser revertidos rapidamente pela administração i.m. de 50 mg. chlorpromazine.

Literatura disponível por pedido.

SANDOZ LTD, BASILÉIA, SUÍÇA.

O uso do LSD em psicoterapia analítica está baseado principalmente nos seguintes efeitos psíquicos.

Na inebriação pelo LSD, a visão usual do cotidiano sofre uma transformação profundamente assentada e desintegração. Conectado a isto há uma perda ou mesmo a suspensão da barreira Eu-Você. Pacientes que estão atolados sob um ciclo de problemas egocêntricos podem assim serem ajudados a se liberarem de suas fixações e do isolamento. O resultado pode ser uma concordância melhorada com o doutor e uma maior suscetibilidade para a influência psicoterápica. O aumento da sugestabilidade sob a influência do LSD trabalha para a mesma meta.

Outra significante e psicoterapeuticamente valiosa característica da inebriação do LSD é a tendência de que conteúdos de experiências anteriores, por muito tempo esquecidos ou suprimidos, aparecerem novamente na consciência. Eventos traumáticos que são buscados em psicanálise podem então ficar acessíveis ao tratamento psicoterápico. Numerosas folhas clínicas contam experiências, até mesmo da infância mais remota, que foram vividamente recordadas durante psicanálise sob a influência do LSD. Isto não envolve uma memória ordinária, não uma reminiscência, mas sim uma verdadeira revivência, como citado pelo psiquiatra francês Jean Delay.

O LSD não age como um verdadeiro medicamento; tão somente representa o papel de uma droga de ajuda no contexto do tratamento psicanalítico e psicoterápico e serve para canalizar o tratamento mais efetivamente e encurtar sua duração. Pode cumprir esta função de dois modos particulares.

Em um procedimento desenvolvido em clínicas européias e denominado terapia psicolítica, são administradas doses moderadamente fortes do LSD em várias sessões sucessivas em intervalos regulares. Subseqüentemente às experiências do LSD existem trabalhos à parte, em discussões de grupo e em terapias de expressão desenhando e pintando. O termo terapia psicolítica foi cunhado por Ronald A. Sandison, terapeuta inglês, de orientação Jungiana e um pioneiro da pesquisa clínica do LSD. A raiz -lysis ou -lytic significa a dissoluç&atillde;o da tensão ou conflitos na psique humana.

Em um segundo procedimento, que é o tratamento praticado nos Estados Unidos, uma única dose muito alta de LSD (0,3 a 0,6 mg) é administrada depois de correspondente intensiva preparação psicológica dos pacientes. Este método, descrito como terapia psicodélica, tenta induzir uma experiência místico-religiosa pelo efeito de choque do LSD. Esta experiência pode servir então como um ponto de partida para uma reestruturação e cura da personalidade do paciente no tratamento psicoterápico acompanhado. O termo psicodélico, que pode ser traduzido como "manifestação da mente" ou "expansão-mental", foi introduzido por Humphry Osmond, um pioneiro da pesquisa do LSD nos Estados Unidos.

Os benefícios aparentes do LSD como uma droga auxiliar na psicanálise e psicoterapia são derivados de propriedades diametralmente opostas aos efeitos psico-farmacêuticos do tipo tranqüilizante. Considerando que tranqüilizantes tendem a encobrir os problemas e conflitos do paciente e reduzem sua aparente gravidade e importância. Pelo contrário, o LSD os faz mais exposto e experimentados mais intensamente. Este claro reconhecimento dos problemas e conflitos traz, em troca, uma maior suscetibilidade ao tratamento psicoterápico.

A conveniência e o sucesso do LSD na psicanálise e psicoterapia ainda são assuntos de controvérsia em círculos profissionais. Porém o mesmo poderia ser dito de outros procedimentos empregados na psiquiatria como o eletro choque, terapia de insulina ou psico-cirurgia, procedimentos que, além disso, incorrem em um aumento de risco em relação ao uso do LSD que, sob condições satisfatórias de uso, pode ser considerado praticamente seguro.

Porque experiências esquecidas ou reprimidas, sob a influência do LSD, podem se tornar conscientes com uma velocidade considerável, o tratamento pode ser encurtado de forma correspondente. Porém, para alguns psiquiatras, esta redução na duração da terapia é uma desvantagem. Eles são de opinião que esta precipitação deixa para o paciente um tempo insuficiente para o funcionamento do tratamento

psicoterápico. Eles acreditam que o efeito terapêutico persiste durante um tempo menor do que quando há um tratamento gradual, inclusive um processo lento de formação consciente das experiências traumáticas.

Psicolítica e especialmente terapia psicodélica requerem uma preparação completa do paciente para a experiência com o LSD, para evitar que ele fique assustado pelo incomum e o pouco conhecido. Só então uma interpretação positiva da experiência será possível. A seleção de pacientes também é importante, desde que nem todos os tipos de perturbação psíquica respondem igualmente bem a estes métodos de tratamento. O sucesso no uso do LSD, na ajuda da psicanálise e psicoterapia, pressupõe conhecimento específico e experiência.

A este respeito, auto-exame por psiquiatras, como W. A. Stoll mostrou, pode ser muito útil. Eles proporcionam para os doutores um conhecimento direto, baseado em experiência de primeira mão, no estranho mundo da inebriação do LSD e tornam verdadeiramente possível para eles, entender este fenômeno nos seus pacientes e o interpretar corretamente, tirando completa vantagem deles.

Os seguintes pioneiros no uso do LSD como uma droga de ajuda na psicanálise e na psicoterapia merecem ser citados em primeiro grau: A. K. Busch e W. C. Johnson, S. Cohen e B. Eisner, H. A. Abramson, H. Osmond e A. Hoffer nos Estados Unidos; R. A. Sandison na Inglaterra; W. Frederking e H. Leuner na Alemanha; e G. Roubicek e S. Grof na Tchecoslováquia.

A segunda indicação para o LSD, citada no prospecto da Sandoz sobre o Delysid, é concernente ao seu uso em investigações experimentais na natureza das psicoses. Isto surge do fato de que estados psíquicos extraordinários produzidos experimentalmente pelo LSD em objetos saudáveis de pesquisa, são semelhante a muitas manifestações de certas perturbações mentais. No início das pesquisas do LSD foi reivindicado freqüentemente que a inebriação do LSD tem algo que ver com um tipo de "modelo de psicose". Porém esta idéia foi abandonada porque investigações comparativas estendidas mostraram que havia diferenças essenciais entre as manifestações da psicose e a experiência do LSD. Com o modelo do LSD, não obstante, é possível estudar divergências da condição normal psíquica e mental e observar as alterações bioquímicas e eletrofisiológicas associadas com eles. Talvez nós ganharemos assim novas perspicácias na natureza das psicoses. De acordo com certas teorias, várias perturbações mentais poderiam ser produzidas através de psicotóxicos, produtos metabólicos que têm o poder, até mesmo em quantidades mínimas, de alterar as funções das células do cérebro. O LSD representa uma substância que certamente não acontece no organismo humano, mas cuja existência e atividade deixaram isto parecer possível que produtos metabólicos anormais poderiam existir, que até mesmo em quantidades ínfimas, poderiam produzir perturbações mentais. Como resultado, a concepção de uma origem bioquímica de certas perturbações mentais recebeu maior apoio e foi estimulada a pesquisa nesta direção.

Um uso medicinal do LSD que toca nas questões éticas fundamentais é sua administração ao moribundo. Esta prática surgiu de observações em clínicas americanas que poderiam ser aliviadas as condições especialmente dolorosas e severas de pacientes de câncer que já não respondem ao medicamento lenitivo convencional ou ainda que pudessem ser completamente abolidas pelo LSD. Claro que isto não envolve um efeito analgésico no verdadeiro sentido. A diminuição da sensibilidade da dor pode acontecer porque os pacientes, sob a influência do LSD, estão assim psicologicamente dissociados de seus corpos que a dor física já não penetra na consciência deles. Para que o LSD seja efetivo em tais casos, é especialmente crucial que os pacientes estejam preparados e instruídos sobre o tipo de experiências e transformações que os esperam. Em muitos casos demonstrou ser benéfico para um clérigo ou um psicoterapeuta guiar os pensamentos do paciente numa direção religiosa. Numerosos casos históricos falam de pacientes que ganharam conhecimentos significantes sobre a vida e a morte nos seus leitos de morte porque, livres da dor e em êxtase do LSD, se reconciliaram com seus destinos e enfrentaram o medo do falecimento terrestre em paz.

O conhecimento existente até aqui sobre a administração do LSD para o doente terminal, foi resumido e foi publicado por S. Grof e J. Halifax em seu livro "O Encontro Humano com Morte" (E. P. Dutton,

Nova Iorque, 1977). Os autores, junto com E. Kast, S. Cohen e W. A. Pahnke, estão entre os pioneiros desta aplicação do LSD.

A mais recente publicação abrangente no uso do LSD na psiquiatria, Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research (The Viking Press, New York, 1975), veio igualmente de S. Grof, o psiquiatra Tcheco que emigrou para os Estados Unidos. Este livro oferece uma avaliação crítica da experiência do LSD, do ponto de vista de Freud e Jung, como também da análise existencial.

5. De Remédio a Inebriante

Durante os primeiros anos depois de sua descoberta, o LSD me trouxe a mesma felicidade e satisfação que qualquer químico farmacêutico sentiria em saber que uma substância que ele produziu poderia resultar possivelmente no desenvolvimento de um valioso medicamento. A criação de remédios novos é a meta da atividade de pesquisa de um químico farmacêutico; nesse sentido reside o significado do seu trabalho.

5.1. Uso Não Medicinal do LSD

Esta alegria de ter gerado o LSD foi maculada depois de mais de dez anos de pesquisa científica ininterrupta e do uso medicinal, quando o LSD foi arrastado numa onda enorme de uso inebriante que começou a esparramar-se no mundo Ocidental ao término dos anos cinqüenta, principalmente nos Estados Unidos. Foi estranho como rapidamente o LSD adotou seu novo papel como inebriante e, durante um certo tempo, se tornou a droga embriagadora número um, pelo menos até onde a publicidade estava preocupada. Quanto mais foi disseminado seu uso como inebriante e trazendo um aumento no número de incidentes desfavoráveis causados por descuido e por falta de supervisão médica, mais o LSD se tornou uma criança-problema para mim e para a firma Sandoz.

Era óbvio que uma substância com tais efeitos fantásticos na percepção mental e na experiência do mundo exterior e interior despertaria também interesses fora da ciência médica, mas eu não tinha esperado isto do LSD que, com seus insondáveis efeitos misteriosos, profundos, tão ao contrário do caráter de uma droga recreativa, fosse capaz de achar um uso mundial como um inebriante. Eu tinha esperado curiosidade e interesse fora da medicina por parte de artistas - os artistas, pintores, e escritores - mas não entre as pessoas em geral. Depois das publicações científicas, por volta da virada do século, sobre a mescalina - a qual, como já mencionado, evoca totalmente efeitos psíquicos quase semelhantes aos do LSD - o uso deste composto permaneceu limitado à medicina e para experiências dentro de círculos artísticos e literários. Eu tinha esperado o mesmo destino para o LSD. E realmente, as primeiras auto-experiências não médicas com o LSD foram experimentadas por escritores, pintores, músicos e outros intelectuais.

Sessões de LSD reportadamente provocaram extraordinárias experiências estéticas e concederam novas perspicácias na essência do processo criativo. Foram influenciados os artistas nos seus trabalhos criativos de modos não convencionais. Um tipo particular de arte se desenvolveu e isso ficou conhecido como arte psicodélica. Inclui criações produzidas sob a influência do LSD e de outras drogas psicodélicas, pelo fato de que as drogas agiam como incentivo e fonte de inspiração. A publicação padrão neste campo é o livro de Robert E. L. Masters e Jean Houston: Psychedelic Art - Arte Psicodélica - (Balance House, 1968). Não foram criados trabalhos de arte psicodélica enquanto a droga estava atuando, mas só posteriormente, tendo sido o artista inspirado por estas experiências. Contanto tão logo a condição inebriante termina a atividade criativa fica impedida, senão completamente detida. A afluência de imagens é muito grande e bastante acelerada para ser retratado e modelada. Uma visão opressiva paralisa a atividade. Então, produções artísticas que surgem diretamente da inebriação do LSD são principalmente de caráter rudimentares e não merecem consideração por causa de seu mérito artístico, mas porque elas são um tipo de psico-programa que oferece perspicácia nas estruturas mentais mais fundas do artista ativado e conscientizado pelo LSD. Isto foi demonstrado depois em uma ampla experiência executada pelo psiquiatra de Munique, Richard P. Hartmann, na qual trinta pintores famosos tomaram parte. Ele publicou os resultados em seu livro "Mlerei aus Bereichen des Unbewussten: Kunstler Experimentieren unter LSD" [Pintando das esferas do inconsciente: experimentos artísticos com o LSD], Verlag M. Du Mont Schauberg, Cologne, 1974.

Experimentos com o LSD também deram novo ímpeto na exploração da essência religiosa e experiências místicas. Os estudiosos religiosos e filósofos discutiram a pergunta se as experiências religiosas e místicas freqüentemente descobertas em sessões de LSD eram genuínas, ou seja, comparáveis a esclarecimentos místico-religiosos espontâneos.

Contudo esta séria fase não medicinal de pesquisa de LSD, às vezes em paralelo com a pesquisa medicinal, às vezes seguindo-a, foi crescentemente obscurecendo no começo dos anos sessenta com o uso do LSD se esparramado com velocidade epidêmica por todas as classes sociais como uma droga embriagadora sensacional, no curso da mania de inebriantes nos Estados Unidos. A rápida subida do uso da droga que teve seu começo neste país aproximadamente vinte anos atrás não foi, porém, uma conseqüência da descoberta do LSD como observadores superficiais freqüentemente declararam. Tampouco estava fundamentada em causas sociológicas: materialismo, alienação da natureza pela industrialização e urbanização crescente, falta de satisfação no emprego profissional, enfado e falta de motivação num mundo mecanizado, de funcionamento inanimado, numa sociedade rica, saturada e falta de religiosidade nutrindo a fundação filosófica significante da vida.

A existência do LSD foi considerada, até mesmo pelos entusiastas da droga, como uma coincidência predestinada - teve que ser descoberta precisamente neste momento para trazer ajuda para as pessoas que sofrem sob as condições modernas. Não é surpreendente que o LSD entrou primeiro em circulação como uma droga inebriante nos Estados Unidos, o país no qual a industrialização, a urbanização e a mecanização até mesmo da agricultura, estão amplamente avançados. Estes são os mesmos fatores que conduziram à origem e ao crescimento do movimento dos hippies que se desenvolveu simultaneamente com a onda do LSD. Os dois não podem ser dissociados. Seria conveniente investigar até que ponto o consumo de drogas psicodélicas motivou o movimento hippie e vice versa.

A expansão do LSD de medicamento e psiquiatria para o cenário das drogas foi introduzida e estimulada através de publicações sensacionalistas de experiências com o LSD que, embora elas fossem executadas em clínicas psiquiátricas e universidades, não foram então informadas em publicações científicas, mas somente em revistas e documentos diários altamente tendenciosos. Repórteres se fizeram disponível como porcos de guiné. Por exemplo, Sidney Katz participou de uma experiência com LSD no Hospital de Saskatchewan, no Canadá, sob a supervisão de psiquiatras notáveis; porém suas experiências não foram publicadas em um diário médico, ao invés, ele as descreveu em um artigo intitulado "Minhas Doze Horas como um Louco" em sua revista MacLean's Canada National Magazine, coloridamente ilustrada numa abundância fantástica de detalhes. A revista alemã de maior distribuição rapidamente, em seu exemplar número 12 de 21 1954 de março, informou um depoimento sensacional de testemunha ocular em "Ein kuhnes wissenschaftliches Experiment" [uma experiência científica ousada] pelo pintor Wilfried Zeller que "tomou" algumas gotas de ácido lisérgico na Clínica Psiquiátrica Universitária Vienense. Dentre as numerosas publicações deste tipo de propaganda não profissional do LSD é suficiente citar justo mais um exemplo: um amplo e ilustrado artigo na revista Look de setembro de 1959. Intitulado "A História Curiosa Atrás do Novo Cary Grant" que deve ter contribuído enormemente para a difusão do consumo do LSD. O famoso astro de cinema tinha recebido LSD numa respeitada clínica na Califórnia, no curso de um tratamento psicoterápico. Ele informou ao repórter da revista Look que ele tinha buscado paz interior durante toda sua inteira vida, mas ioga, hipnose e misticismo não o tinham ajudado. Só o tratamento com LSD o tinha feito um novo e vigorosamente potente homem, de forma que depois de três matrimônios frustrantes ele se acreditava agora ser realmente capaz de amar e fazer uma mulher feliz.

A evolução do LSD de remédio para droga inebriante, porém, foi principalmente promovida pelas atividades do Dr. Timothy Leary e Dr. Richard Alpert da Universidade de Harvard. Numa próxima seção eu entrarei em mais detalhes sobre Dr. Leary e minhas reuniões com este personagem que ficou conhecido mundialmente como um apóstolo do LSD.

Também apareceram livros no mercado norte-americano nos quais foram informados mais completamente os efeitos fantásticos do LSD. Aqui só dois dos testamentos mais importantes são mencionados: "Exploring Inner Space" por Jane Dunlap (Harcourt Brace and World, New York, 1961) e "My Self and I" por Constance A. Newland (N A.L. Signet Books, New York, 1963). Embora em ambos os casos o LSD foi usado dentro do âmbito de um tratamento psiquiátrico, os autores destinaram seus livros, que se tornaram best-sellers, ao público leigo. No livro dela, intitulado "O Registro Íntimo e Completamente Franco da Experiência Corajosa de Uma Mulher com a Droga mais Nova da Psiquiatria, o LSD 25", Constance A. Newland descreveu em detalhes íntimos como ela foi curada da frigidez. Depois de tais declarações, pode-se imaginar facilmente que muitas pessoas

quereriam experimentar neles aquele medicamento maravilhoso. A propaganda enganosa criada desta forma informa que simplesmente seria suficiente tomar LSD para realizar tais efeitos milagrosos e transformações em si mesmo. Logo conduziu a uma ampla difusão de auto-experimentação com a nova droga.

Livros objetivos e informativos sobre o LSD e seus problemas também apareceram, como o excelente trabalho do psiquiatra Dr. Sidney Cohen, The Beyond Within "Dentro do Além" (Atheneum, New York, 1967) no qual os perigos do uso descuidado estão claramente expostos. Porém isto não teve nenhum poder para pôr uma parada na epidemia do LSD.

Como as experiências com o LSD freqüentemente foram executadas num ambiente de ignorância do misterioso, do desconhecido, dos efeitos profundos e sem supervisão médica, elas chegavam freqüentemente a um final ruim. Com o crescente consumo do LSD no cenário das drogas, aconteceu também um aumento nas "viagens de horror" - experiências de LSD que conduziram a condições desorientadas e pânico e freqüentemente resultaram em acidentes e mesmo crimes.

A rápida subida do consumo não medicinal do LSD no começo dos anos sessenta, também foi em parte atribuível ao fato de que as leis anti drogas de então, na maioria dos países, não incluía o LSD. Por isto o hábito de consumo de drogas mudou de narcóticos, legalmente proscritos, para a substância do LSD, ainda legal. Além disso, a última das patentes da Sandoz para a produção do LSD expirou em 1963 e removeu um impedimento adicional para a fabricação ilegal e descontrolada da droga.

A subida do LSD na cena das drogas causou um fardo laborioso e não produtivo para nossa firma. Laboratórios de controle nacionais e autoridades de saúde nos pediam declarações sobre a substância química, propriedades farmacológicas, estabilidade e toxicidade do LSD, também métodos analíticos para sua descoberta em provas de droga confiscada, como também testes no corpo humano, no sangue e na urina. Isto acarretou uma correspondência volumosa que se expandiu do mundo inteiro com relação a investigações sobre acidentes, envenenamento, atos criminais e assim sucessivamente, resultados do abuso do LSD. Tudo isso significou enormes dificuldades improdutivas que a administração empresarial da Sandoz considerou com desaprovação. Assim aconteceu que um dia o Professor Stoll, diretor administrativo da firma na ocasião, disse repreendendo-me: "Eu gostaria muito que você não tivesse descoberto o LSD".

Desde aquele momento, de vez em quando, eu fui tomado por dúvidas se a preciosidade dos efeitos farmacológicos e psíquicos do LSD poderiam ser excedidos em valor por seus perigos e através de possíveis danos devido ao abuso. O LSD se tornaria uma bênção ou uma maldição para humanidade? Isto eu me perguntei freqüentemente quando pensava na minha criança-problema. Minhas outras preparações, Methergine, Dihydroergotamine e Hydergine não me causaram nenhum problema e dificuldades similares. Elas não eram crianças-problema; faltando as propriedades extravagantes que conduziam ao abuso, elas se desenvolveram de uma maneira harmônica, resultando em valiosos medicamentos terapêuticos.

A publicidade sobre o LSD atingiu seu ponto mais alto pelos anos de 1964 a 1966, não só com respeito a reivindicações entusiásticas sobre os efeitos maravilhosos do LSD por fanáticos da droga e hippies, mas também pelos relatórios de acidentes, desarranjo mentais, atos criminosos, assassinatos e suicídios praticados sob a influência do LSD. Reinou uma verdadeira histeria do LSD.

5.2. Sandoz Interrompe a Distribuição do LSD

Devido a esta situação, a administração da Sandoz foi forçada a fazer uma declaração pública do problema do LSD e prestar contas das correspondentes medidas que tinham sido tomadas. A carta pertinente, datada de 23 de agosto de 1965 por Dr. A. Cerletti, na ocasião o diretor do Departamento Farmacêutico da Sandoz, está reproduzida abaixo:

Decisão Relativa ao LSD 25 e Outras Substâncias Alucinógenas

Mais de vinte anos decorreram desde a descoberta do LSD 25 por Albert Hofmann nos Laboratórios da SANDOZ. Considerando que a importância fundamental desta descoberta pode ser avaliada pelo seu impacto no desenvolvimento da pesquisa psiquiátrica moderna, deve ser reconhecido que colocou um fardo pesado de responsabilidade na SANDOZ, a dona deste produto.

O achado de uma nova substância química com propriedades biológicas excelentes, aparte do sucesso científico implicado por sua síntese, normalmente é o primeiro passo decisivo para o desenvolvimento lucrativo de uma nova droga. No caso do LSD porém, ficou logo claro que, apesar das propriedades excelentes desta combinação, ou melhor, por causa da natureza destas mesmas qualidades, embora o LSD fosse completamente protegido através de patentes de propriedade da SANDOZ desde os tempos de sua primeira síntese em 1938, não puderam ser atingidos os meios habituais de exploração prática.

Por outro lado, toda a evidência obtida seguindo os estudos iniciais em animais e humanos, executados nos laboratórios de pesquisa da SANDOZ, apontaram o papel importante que esta substância poderia representar como uma ferramenta investigacional na pesquisa neurológica e na psiquiatria.

Foi decidido tornar disponível o LSD livre de ônus para experimentações qualificadas e investigadores experimentais no mundo inteiro. Este apoio amplo de pesquisa foi realizada pela provisão de qualquer ajuda técnica necessária e, em muitas instâncias, também por apoio financeiro.

Uma enorme quantidade de documentos científicos, publicados principalmente na literatura bioquímica e médica internacional e sistematicamente listada na "Bibliografia SANDOZ do LSD" como também no "Catálogo de Literatura do Delysid" periodicamente editado pela SANDOZ, dá prova vívida do que foi alcançado seguindo esta linha de política durante quase duas décadas. Pelo exercício deste tipo de "nobile officium" conforme os mais altos padrões de éticas médicas e com todos os tipos de precauções auto-impostas e restrições, foi por muitos anos possível evitar o perigo de abuso (i.e. o uso por pessoas não competentes nem qualificadas) que sempre é inerente em uma combinação de excepcional atividade CNS.

Apesar de todas nossas precauções, casos de abuso do LSD aconteceram de vez em quando em circunstâncias variadas, completamente fora do controle da SANDOZ. Muito recentemente este perigo aumentou consideravelmente e em algumas partes do mundo alcançou o nível de uma séria ameaça para a saúde pública. Este estado de negócios alcançou um ponto crítico agora pelas seguintes razões:

1. *uma expansão mundial de más concepções do LSD foi causada por um aumento crescente de publicidade, apontada por provocar um interesse ativo, nas pessoas leigas, por meio de histórias e declarações sensacionalistas;*
2. *Na maioria dos países, nenhuma legislação adequada existe para controlar e regular a produção e distribuição de substâncias como o LSD;*
3. *O problema da disponibilidade do LSD, uma vez limitado em solos técnicos, mudou fundamentalmente com o advento da produção em massa do ácido lisérgico, através de procedimentos de fermentação. Desde que a última patente do LSD expirou em 1963, não é surpreendente encontrar que um número crescente de negociantes de substâncias químicas puras está oferecendo LSD de fontes desconhecidas a um preço reconhecidamente alto a ser pago por fanáticos do LSD.*

Levando em conta todas as circunstâncias acima mencionadas e a inundação de pedidos de LSD que ficou agora incontrolável, a administração farmacêutica da SANDOZ decidiu interromper imediatamente toda produção adicional e distribuição do LSD. A mesma política

se aplicará a todos os derivados ou análogos do LSD com propriedades alucinógenas como o Psilocybin, Psilocin e seus congêneres alucinógenos.

Durante algum tempo a distribuição do LSD e Psilocybin foi interrompida completamente pela Sandoz. A maioria dos países tinha proclamado regulamentos rígidos subseqüentemente relativo à posse, distribuição e uso de alucinógenos, de forma que médicos, clínicas psiquiátricas e institutos de pesquisa, pudessem obter das respectivas autoridades nacionais de saúde, uma permissão especial para trabalhar com estas substâncias, e poderiam novamente ser providos com o LSD e Psilocybin. Nos Estados Unidos o Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) empreendeu a distribuição destes agentes para institutos de pesquisa autorizados.

Todas estas precauções legislativas e oficiais porém, tiveram pequena influência no consumo do LSD no cenário das drogas, contudo, por outro lado, dificultou e continua dificultando o uso medicinal-psiquiátrico e a pesquisa do LSD na biologia e neurologia porque muitos investigadores romperam a fita vermelha que está conectada com a obtenção de uma licença para o uso do LSD. A reputação ruim do LSD - sua representação como uma "droga de loucura" e uma "invenção satânica" - constitui uma razão adicional para que muitos doutores evitassem o uso do LSD em suas práticas psiquiátricas.

No curso de recentes anos sossegou o alvoroço de publicidade sobre o LSD e o consumo do LSD como um inebriante, também diminuiu, até onde isso pode ser concluído através dos raros relatórios sobre acidentes e outras ocorrências lamentáveis seguintes a ingestão de LSD. Pode ser que a diminuição de acidentes do LSD porém, simplesmente não seja devido a um declínio do consumo do LSD. Possivelmente os usuários recreativos, com o tempo, se deram mais conta dos efeitos particulares e perigos do LSD e estão mais cauteloso no uso desta droga. Certamente o LSD, que durante um tempo foi considerado no mundo Ocidental, acima de tudo nos Estados Unidos, ser um inebriante, renunciou a este papel principal para outros inebriantes como o haxixe e o habituando e igualmente drogas fisicamente destrutivas como a heroína e a anfetamina. As drogas mencionadas por último representam hoje um alarmante problema de saúde sociológico e público.

5.3. Perigos das Experiências Não Medicinais com o LSD

Enquanto o uso profissional do LSD na psiquiatria quase não demanda qualquer risco, a ingestão desta substância fora da prática médica e sem supervisão médica, está sujeita a múltiplos perigos. Estes perigos residem, por um lado, em circunstâncias externas conectadas com uso ilegal de droga e, por outro lado, na peculiaridade dos efeitos psíquicos do LSD.

Os defensores do uso descontrolado e livre do LSD e outros alucinógenos, fundamentam sua atitude em duas reivindicações:

1. este tipo de droga não produz nenhum hábito, e
2. até agora nenhum perigo para saúde no uso moderado de alucinógenos foi demonstrado.

Ambos são verdades. Hábito genuíno, caracterizado pelo fato que freqüentemente aparecem perturbações psíquico e físicas severas com a retirada da droga, não foi observado, até mesmo em casos nos quais o LSD foi tomado freqüentemente e por um longo período de tempo. Nenhum dano orgânico ou morte como conseqüência direta da intoxicação do LSD foram ainda informadas. Como discutido anteriormente em maiores detalhes, no capítulo "LSD em Experiências com Animais e Pesquisas Biológicas", o LSD é de fato uma substância relativamente não tóxica em proporção a sua atividade psíquica extraordinariamente alta.

5.4. Reações psicopatas

Como os outros alucinógenos, o LSD é perigoso, porém, num sentido completamente diferente. Enquanto os perigos psíquicos e físicos dos narcóticos viciantes como ópio, anfetaminas e assim

sucessivamente, só apareça com uso crônico, o perigo possível do LSD existe numa única experiência. Isto ocorre porque estados desorientados severos podem aparecer durante qualquer inebriação do LSD. É verdade que por uma cuidadosa preparação da experiência e do experimentador podem ser evitados em grande parte tais episódios, mas eles não podem ser com certeza excluídos. Crises do LSD se assemelham a ataques psicopatas com um caráter maníaco ou depressivo.

Na condição maníaca hiperativa, o sentimento de onipotência ou invulnerabilidade pode conduzir a sérias conseqüências. Tais acidentes aconteceram quando pessoas inebriadas se confundem neste modo - acreditando serem invulneráveis - caminham na frente de um automóvel em movimento ou pulam para fora por uma janela dada à convicção que eles podem voar. Este tipo de vítima do LSD, porém, não é tão comum como as pessoas poderiam ser induzidas a pensar com base nos relatórios sensacionalistas e exagerados dos meios de comunicação de massa. Não obstante, tais relatórios têm que servir como sérias advertências.

Por outro lado, um relatório que circulou mundialmente em 1966, sobre um assassinato supostamente cometido sob a influência do LSD, pode não ser verdade. O suspeito, um jovem de Nova Iorque, acusado de ter matado sua sogra, explicou durante sua prisão, imediatamente após o fato, que ele não sabia nada sobre o crime e que ele tinha estado numa "viagem" de LSD durante três dias. Mas uma inebriação do LSD, até mesmo com as doses mais altas, nenhuma demora mais que doze horas e repetidas ingestões levam à tolerância em que doses extras são ineficazes. Além disso, a inebriação do LSD é caracterizada pelo fato de que a pessoa se recorda exatamente do que ela experimentou. Presumivelmente o acusado neste caso esperava indulgência por circunstâncias atenuantes, devido à insanidade temporária da mente.

O perigo de uma reação psicopata é especialmente grande se o LSD é dado a alguém sem conhecimento dele. Isto foi demonstrado em um episódio que aconteceu logo depois da descoberta do LSD, durante as primeiras investigações com a nova substância na Clínica Psiquiátrica Universitária de Zurique, quando as pessoas não estavam ainda cientes do perigo de tal brincadeira. Um jovem doutor, cujos colegas tinham colocado disfarçadamente LSD no café dele, quis nadar no Lago de Zurique durante o inverno numa temperatura de menos 20 graus Celsius (-20ºC, -4ºF) e teve que ser contido à força.

Há um perigo diferente quando a desorientação induzida pelo LSD exibe um caráter depressivo no lugar de um maníaco. No curso de uma experiência com LSD, visões assustadoras, agonia de morte ou o medo de se tornar louco, podem conduzir a um desarranjo psíquico ameaçador ou até mesmo para o suicídio. Deste modo a viagem do LSD se torna uma "viagem de horror".

O falecimento do Dr. Olson, a quem tinha sido dado LSD sem seu conhecimento no curso de experimentos de drogas do Exército norte-americano, e que cometeu suicídio saltando de uma janela, causou uma particular sensação. Sua família não pôde entender como este homem quieto e bem-ajustado poderia ter sido dirigido a esta ação. Não até quinze anos depois, quando foram publicados os documentos secretos sobre as experiências, aí eles aprendem as verdadeiras circunstâncias, ao que o presidente dos Estados Unidos se desculpou publicamente aos dependentes.

As condições para o resultado positivo de uma experiência do LSD, com pequena possibilidade de um desvio psicopata, residem por um lado, no indivíduo e por outro lado, no ambiente externo da experiência. Os fatores internos, pessoais são chamados "set", as condições externas "setting".

A beleza de uma sala de estar ou de uma localização ao ar livre é percebida com particular força por causa dos órgãos dos sentidos altamente estimulados durante a inebriação do LSD e qualquer sutileza tem uma influência significativa no curso da experiência. As pessoas presentes, suas aparências, suas características, também são parte do estabelecimento do ambiente (setting) que determina o curso da experiência. O ambiente acústico é igualmente significante. Até mesmo ruídos inocentes podem vir a atormentar e reciprocamente, música agradável pode levar a uma experiência de euforia. Com experiências de LSD em ambientes feios ou ruidosos, porém, há um maior perigo de um resultado negativo, inclusive crises psicopatas. As máquinas e o ritmo do mundo de hoje oferecem muitas

paisagens e todos os tipos de ruído que podem muito bem ser o gatilho para o pânico durante a sensibilidade aumentada.

De mesma maneira significante como o ambiente externo da experiência do LSD, se não mesmo mais importante, é a condição mental dos experimentadores, o estado atual da mente deles, a atitude deles para com a experiência da droga e as expectativas deles em relação a isto. Até mesmo os sentimentos inconscientes de felicidade ou medo podem ter um efeito. O LSD tende a intensificar o estado psíquico atual. Pode ser exaltado um sentimento de felicidade a uma supra felicidade, uma depressão pode afundar para o desesperador. LSD é assim o meio mais impróprio imaginável para curar um estado deprimido. É perigoso tomar LSD em um estado transtornado, infeliz de mente, ou em um estado de medo. A probabilidade que a experiência terminará em um desarranjo psíquico é então bastante alta.

Entre pessoas com estruturas de personalidade instáveis, tendendo a reações psicopatas, a experimentação do LSD deve ser completamente evitada. Aqui um choque do LSD, lançando uma psicose oculta, pode produzir um dano mental duradouro.

A psique de pessoas muito jovens também deveria ser considerada como instável, no sentido de ainda não ter amadurecido. Em todo caso, o choque de tal fluxo poderoso de percepções novas e sentimentos estranhos, como aqueles gerados pelo LSD, arrisca a sensibilidade do psico-organismo ainda em desenvolvimento. Até mesmo o uso medicinal do LSD em jovens abaixo de dezoito anos de idade, no âmbito de tratamento psicanalítico ou psicoterápico, é desencorajado nos círculos profissionais, assim corretamente em minha opinião. Para a maior parte dos jovens ainda faltam uma relação segura e sólida para realidade. Tal relação é necessária antes da experiência dramática de dimensões novas da realidade que podem ser significativamente integrados na visão mundial. Em vez de conduzir a um alargamento e aprofundamento da consciência da realidade, tal experiência na adolescência conduzirá a insegurança e a um sentimento de estar perdido. Por causa da frágil percepção sensorial na mocidade e a capacidade ainda limitada para estas experiências, freqüentemente acontecem experiências visionárias espontâneas muito mais que na vida posterior. Por isto, agentes psico-estimulantes não deveriam ser usados por jovens.

Até mesmo em pessoas adultas saudáveis, mesmo com aderência de todas as medidas preparatórias e protetoras discutidas, uma experiência do LSD pode falhar e pode causar reações psicopatas. A supervisão médica é então seriamente recomendada, até mesmo para experiências não medicinais de LSD. Isto deveria incluir um exame do estado de saúde antes da experiência. O doutor pode não estar presente na sessão; porém, a ajuda médica precisa estar prontamente disponível, a toda hora.

Podem ser cortadas pequenas psicoses agudas do LSD e podem ser trazidas rapidamente e confiantemente para um estado de controle através da injeção de chlorpromazine ou outro sedativo deste tipo.

A presença de uma pessoa familiar, que pode pedir ajuda médica no caso de uma emergência, também é uma garantia psicológica indispensável. Embora a inebriação do LSD seja caracterizado principalmente por uma imersão no mundo interno individual, uma profunda necessidade de contato humano surge às vezes, especialmente em fases depressivas.

5.5. LSD do mercado negro

O consumo não medicinal do LSD pode trazer perigos de um tipo completamente diferente do que foi discutido até agora: a maioria do LSD oferecido no cenário das drogas é de origem desconhecida. Preparações do LSD do mercado negro são incertas quanto à qualidade e a dosagem. Elas raramente contêm a quantidade declarada, usualmente tem menos LSD, freqüentemente nenhum, e às vezes até mesmo muito. Em muitos casos outras drogas ou até mesmo substâncias venenosas são vendidas como LSD. Estas observações foram feitas em nosso laboratório de análise através de um grande número de amostras do LSD do mercado negro. Elas coincidem com as experiências do departamento nacional de controle de drogas.

A insegurança na potência dos preparados de LSD do mercado ilícito de drogas pode conduzir a uma perigosa overdose. Overdoses demonstraram freqüentemente ser a principal causa de experiências falhas com o LSD que conduziram a severos desarranjos psíquicos e físicos. Relatórios de alegações de envenenamento fatal pelo LSD, porém, ainda têm que ser confirmados. Invariavelmente a análise detalhada de tais casos estabelece outros fatores como causa.

O seguinte caso que aconteceu em 1970 é citado como um exemplo dos possíveis perigos do mercado negro do LSD. Nós recebemos da polícia, para investigação, um pó de uma droga distribuída como LSD. Oriunda de um jovem que foi admitido no hospital em condição crítica e cujo amigo também tinha ingerido esta preparação e em conseqüência tinha morrido. A análise mostrou que o pó não continha nenhum LSD, mas sim o alcalóide estriquinina, muito venenoso.

Se a maioria de preparações do mercado negro de LSD contêm menos que a quantidade declarada e freqüentemente nenhum LSD, a razão disso é a deliberada falsificação ou a grande instabilidade desta substância. O LSD é muito sensível ao ar e à luz. É oxidativamente destruído no ar pelo oxigênio e é transformado em uma substância inativa sob a influência da luz. Isto deve ser levado em conta durante a síntese e especialmente durante a produção de uma forma estável e estocável de LSD. Informações de que o LSD pode ser facilmente preparado, ou que todo estudante de química em um laboratório meio-decente é capaz de produzir isto, não é confiável. Procedimentos para a síntese do LSD foram realmente publicados e ficaram acessíveis a todo mundo. Com estes procedimentos detalhados na mão, químicos poderiam executar a síntese contanto tivessem ácido lisérgico puro à sua disposição; hoje, porém, sua posse está sujeita aos mesmos regulamentos rígidos como o LSD. Para isolar o LSD na forma cristalina pura a partir da solução de reação de maneira a produzir preparações estáveis requer, todavia, equipamentos especiais e uma grande experiência específica adquirida que não é facilmente obtida, e isto se deve (como declarado anteriormente) pela grande instabilidade desta substância.

Só em ampolas completamente livres de oxigênio e protegidas da luz o LSD é absolutamente estável. Tais ampolas, contendo 0,1 mg de tartarato de LSD (sal de ácido tartárico do LSD) em 1 cc de solução aquosa, foram produzidas para pesquisas biológicas e uso medicinal pela firma Sandoz. LSD preparados em tabletes com elementos aditivos que inibem a oxidação, conquanto não são absolutamente estáveis, pelo menos assim se mantêm durante um longo tempo. Mas preparações do LSD achadas freqüentemente no mercado negro de LSD que foram aplicadas em solução sobre cubos de açúcar ou papel manchando - decompunha-se no curso de semanas ou de alguns meses.

Com uma tal substância altamente potente como o LSD, a dosagem correta é de suprema importância. Aqui a opinião de Paracelsus se aplica muito bem: ***a dose determina se uma substância age como um remédio ou como um veneno***. Porém, uma dosagem controlada não é possível com preparações oferecidas pelo mercado negro cuja força ativa não está de nenhuma forma garantida. Um dos maiores perigos do LSD em experiências não medicinais reside então nas mentiras de tais preparações de proveniência desconhecida.

5.6. O Caso do Dr. Leary

Dr. Timothy Leary, que ficou mundialmente conhecido no papel de apóstolo de drogas, teve uma influência extraordinariamente forte na difusão do consumo do LSD ilegal nos Estados Unidos. Na ocasião de umas férias no México, no ano 1960, Leary tinha consumido os legendários "cogumelos sagrados" que ele tinha comprado de um shaman. Durante a inebriação devida ao cogumelo, ele entrou em um estado de êxtase místico-religioso que ele descreveu como sendo a experiência religiosa mais profunda da sua vida. Dali em diante Dr. Leary, que na ocasião era um conferencista em psicologia na Universidade de Harvard em Cambridge Massachusetts, se dedicou totalmente a pesquisar os efeitos e as possibilidades do uso de drogas psicodélicas. Junto com seu colega, Dr. Richard Alpert, ele iniciou vários projetos de pesquisa na universidade na qual, nesta fase, foram empregados LSD e Psilocybin por nós isolados.

A reintegração de condenados na sociedade, a produção de experiências místico-religiosas de teólogos e membros do clero, o aumento da criatividade nos artistas e escritores com a ajuda do LSD e do Psilocybin foram testados com metodologia científica. Até mesmo pessoas como Aldous Huxley, Arthur Koestler e Allen Ginsberg participaram destas investigações. Foi dada particular consideração à pergunta: até que grau a preparação mental e a expectativa dos assuntos, junto com o ambiente externo da experiência, podem influenciar o curso e o caráter dos estados de inebriação psicodélica?

Em janeiro de 1963, Dr. Leary me enviou um relatório detalhado destes estudos, nos quais ele deu entusiasticamente os resultados positivos obtidos e deu expressão às suas convicções nas vantagens e possibilidades muito promissoras de tal uso destas combinações ativas. Ao mesmo tempo, a firma Sandoz recebeu um pedido de fornecimento de l00g de LSD e 25 kg de psilocybin, assinados pelo Dr. Timothy Leary, do Departamento de Relações Sociais da Universidade de Harvard. A finalidade declarada para uma tal quantidade enorme (as quantias declaradas correspondem a 1 milhão de doses de LSD e 2,5 milhões de doses de Psilocybin) foi "estudos". Nós condicionamos a provisão destas substâncias a uma licença de produção e de importação em nome das autoridades de saúde norte-americanas. Imediatamente nós recebemos a ordem para as quantidades declaradas do LSD e Psilocybin, junto com um cheque para $10.000 como depósito, mas sem a licença de importação exigida. Dr. Leary assinou esta ordem, não mais como professor e conferencista da Universidade de Harvard, mas sim como presidente de uma organização que ele tinha recentemente fundado, a Federação Internacional para a Liberdade Interna (IFIF). Além disso, porque nossas investigações junto ao decano responsável da Universidade de Harvard, nos tinha mostrado que as autoridades universitárias não aprovaram a continuação do projeto de pesquisa do Leary e Alpert, nós cancelamos o pedido e retornamos o depósito recebido.

Logo depois disso, Leary e Alpert foram destituídos do pessoal pedagógico da Universidade de Harvard porque suas investigações, no princípio administradas num ambiente acadêmico, tinham perdido seu caráter científico. As experiências tinham se transformado em festas de LSD.

A viagem de LSD

LSD como um ingresso para uma jornada aventureira em mundos novos de experiência física e mental - se tornou a mais recente moda excitante entre mocidade acadêmica e esparramou-se rapidamente de Harvard para outras universidades. A doutrina de Leary - que o LSD não só servia para achar o divino e descobrir o ego, mas realmente ainda era o afrodisíaco mais potente descoberto - seguramente contribuiu muito decisivamente para a propagação rápida do consumo do LSD entre a geração mais jovem. Depois, em uma entrevista com a revista mensal Playboy, Leary disse que a intensificação da experiência sexual e a potenciação do êxtase sexual pelo LSD era uma das principais razões para o estrondoso sucesso do LSD.

Após sua expulsão da Universidade de Harvard, Leary estava completamente transformado de um conferencista de psicologia que procura pesquisas, no messias do movimento psicodélico. Ele e seus amigos do IFIF fundaram um centro de pesquisa psicodélico em ambientes adoráveis, cênicos nas cercanias de Zihuatanejo, México. Eu recebi um convite pessoal do Dr. Leary para participar do planejamento de alto nível de uma sessão de drogas psicodélicas, programada para se realizar lá em agosto de 1963. Eu teria alegremente aceitado este convite principal, no qual me foi oferecido reembolso para despesas de viagem e alojamento livre, para aprender por observação pessoal os métodos, a operação e a atmosfera inteira de tal centro de pesquisa psicodélico sobre qual estavam então, circulando relatórios contraditórios, até certo ponto muito marcantes. Infelizmente, obrigações profissionais me impediram naquele momento de voar para o México para adquirir um quadro em primeira mão do controvertido empreendimento. O Centro de Pesquisa de Zihuatanejo não existiu por muito tempo. Leary e seus partidários foram expulsos do país pelo governo mexicano. Porém Leary, que tinha se tornado agora não só o messias mas também no mártir do movimento psicodélico, logo recebeu ajuda de William Hitchcock, um jovem milionário de Nova Iorque que tornou sua mansão numa grande propriedade em Millbrook, Nova Iorque, disponível para Leary como sua nova casa e

sede. Millbrook também foi a sede de uma outra fundação para o modo psicodélico e transcendental de vida, a Fundação de Castalia.

Numa viagem para a Índia, em 1965, Leary foi convertido ao Hinduísmo. No ano seguinte ele fundou uma comunidade religiosa, a Liga para a Descoberta Espiritual cujas iniciais dão a abreviação "LSD".

A proclamação de Leary para mocidade, condensada em torno do slogan "Turn on, tune in, drop out!", se tornou o dogma central do movimento hippie. Leary é um dos pais da fundação do movimento hippie. O último destes três preceitos, "drop out" (jogue fora), era o desafio para escapar da vida burguesa, virar uma pessoa pregressa da sociedade, deixar a escola, de estudar, do emprego, e se dedicar a si mesmo, completamente para o verdadeiro universo interior, o estudo do próprio sistema nervoso da pessoa, depois que a pessoa mudou com o LSD. Este desafio, acima de tudo, foi além do domínio psicológico e religioso para assumir significado social e político. É compreensível então que Leary não só resultou no filho terrível da universidade entre seus colegas acadêmicos de psicologia e psiquiatria, mas também porque ganhou a ira das autoridades políticas. Então ele foi colocado sob vigilância, foi seguido e em última instância foi recluso em prisão. As altas penas - o encarceramento de dez anos cada, para serem cumpridas no Texas e na Califórnia, relativo a posse de LSD e maconha, e a condenação (depois revogada) com uma sentença de encarceramento de trinta anos por contrabando de maconha - mostra que a punição destas ofensas foi só um pretexto: a real pontaria era pôr debaixo de chave e cadeado o sedutor e instigador da mocidade que de outra maneira não podia ser processado. Na noite de 13-14 de setembro de 1970, Leary conseguiu escapar da prisão da Califórnia em San Luis Obispo. Em um desvio de Algeria, onde ele fez contato com Eldridge Cleaver, um líder do movimento Pantera Negra que vive lá em exílio, Leary veio para a Suíça e lá solicitou asilo político.

5.7. Encontro com Timothy Leary

Dr. Leary viveu com sua esposa Rosemary, na cidade de Villars-sur-Ollon na Suíça ocidental. Pela intercessão do Dr. Mastronardi, o advogado de Leary, foi estabelecido um contato entre nós. Em 3 de setembro de 1971, eu conheci Dr. Leary numa lanchonete da estação da estrada de ferro, em Lausanne. A saudação foi sincera, um símbolo de nossa relação fatal através do LSD. Leary era de tamanho médio, esbelto, muito ativo, sua face marrom, cercada com cabelo ligeiramente ondulado misturado com cinza, jovem, com sorridentes olhos luminosos. Isto deu a Leary um pouco da impressão de um campeão de tênis no lugar de um anterior conferencista de Harvard. Nós viajamos de automóvel a Buchillons onde, no interior do restaurante A la Grande Foret, acompanhado de um prato de peixe e um vinho branco, o diálogo entre o pai e o apóstolo do LSD finalmente começou.

Eu expressei meu pesar pelo que as investigações com LSD e Psilocybin na Universidade de Harvard que tinham começado promissoramente tinham se degenerado a uma tal uma extensão que sua continuação no ambiente acadêmico ficou impossível.

Minha queixa mais séria contra Leary, todavia, era a preocupação com a propagação do uso de LSD entre os jovens. Leary não tentou refutar minhas opiniões sobre os perigos particulares do LSD para a mocidade. Porém, ele manteve que eu era injustificado lhe reprovando a sedução de pessoas imaturas para consumir drogas, porque os adolescentes nos Estados Unidos, com respeito à informação e experiência de vida, eram comparáveis aos europeus adultos. Maturidade, com satisfação e estagnação intelectual, era alcançada muito cedo nos Estados Unidos. Por isso, ele julgou a experiência LSD significativamente útil e enriquecedora, até mesmo para pessoas ainda muito jovem em anos.

Nesta conversação eu objetei, mais adiante, a grande publicidade que Leary buscou para o seu LSD e suas investigações do Psilocybin, desde que ele tinha convidado repórteres de jornais e revistas para suas experiências e também tinha mobilizado o rádio e a televisão. Foi assim colocada ênfase na publicidade no lugar da informação objetiva. Leary defendeu este programa de publicidade porque ele tinha sentido que o fatal papel histórico dele seria tornar mundialmente conhecido o LSD. A grande sabedoria e os positivos efeitos de tal disseminação, acima de tudo entre a geração mais jovem da

América, tornaria qualquer dano insignificante, qualquer acidente lamentável como resultado do uso impróprio do LSD, sem importância em comparação com o ganho. Um pequeno preço a pagar.

Durante esta conversação, averigüei que fizeram uma injustiça com Leary descrevendo-o indiscriminadamente como um apóstolo da droga. Ele sempre fez uma afiada distinção entre drogas psicodélicas - LSD, psilocybin, mescalina, haxixe - das quais ele estava persuadido que tinham efeitos saudáveis, e narcóticos viciantes como a morfina, heroína, etc., contra o uso das quais ele repetidamente se acautelou.

Minha impressão do Dr. Leary nesta reunião pessoal, foi a de um personagem encantador, convencido de sua missão, que ainda defendia suas opiniões com humor descompromissado; um homem que verdadeiramente planou alto nas nuvens, penetrado por convicções dos maravilhosos efeitos das drogas psicodélicas e pelo otimismo daí resultante e assim, um homem que tendeu a menosprezar ou completamente negligenciar dificuldades práticas, fatos desagradáveis e perigosos. Leary também mostrou descuido relativo aos perigos e pressões concernentes a sua própria pessoa, como o caminho adicional de sua vida enfaticamente mostrou.

Durante sua curta estada na suíça, eu reencontrei casualmente uma vez mais Leary, em fevereiro de 1972, na Basiléia, por ocasião de uma visita de Michael Horowitz, o curador do Fitz Hugh Ludlow Memorial Library de São Francisco, uma biblioteca que se especializou na literatura de drogas. Nós viajamos junto para minha casa perto do condado de Burg onde retomamos nossa conversação de setembro passado. Leary parecia irrequieto e destacado, provavelmente devido a uma indisposição momentânea, de forma que nossas discussões foram menos produtivas nesta ocasião. Essa foi minha última reunião com o Dr. Leary.

Ele deixou a Suíça ao término do ano, depois de ter se separado de sua esposa, Rosemary, agora acompanhado pela sua nova amiga, Joanna Harcourt Smith. Depois de uma pequena permanência na Áustria, onde ele ajudou num filme documentário sobre heroína, Leary e sua amiga viajaram para o Afeganistão. No aeroporto em Kabul ele foi detido por agentes do serviço secreto americano e foi reconduzido para a prisão de San Luis Obispo na Califórnia.

Depois disso, por muito tempo, mais nada de notícias de Leary foram ouvidas até que seu nome apareceu novamente nos documentos diários, no verão 1975, com o anúncio de uma liberdade condicional e logo a liberação da prisão. Mas ele não foi solto antes do início de 1976. Eu ouvi de seus amigos que ele estava agora ocupado com problemas psicológicos das viagens espaciais e com a exploração de relações cósmicas entre o sistema nervoso humano e espaço interestelar - quer dizer, com problemas cujo estudo não lhe traria nenhuma dificuldade adicional por parte de autoridades governantes.

5.8. Viagens ao Universo da Alma

Assim o estudioso islâmico, Dr. Rudolf Gelpke, intitulou seus relatos de auto-experiência com o LSD e psilocybin, que apareceram na publicação Antaios durante janeiro de 1962, e este título também poderia ser usado para as seguintes descrições de experiências do LSD. Viagens do LSD e os vôos espaciais dos astronautas são em muitos aspectos comparáveis. Ambos os empreendimentos requerem preparações muito cuidadosas, até onde importa para segurança como também para os objetivos envolvidos, de maneira a minimizar os perigos e derivar os mais valiosos resultados possíveis. Os astronautas não podem permanecer no espaço nem o experimentador do LSD em esferas transcendentais, eles têm que retornar à terra e a realidade cotidiana onde as experiências recentemente adquiridas devem ser avaliadas.

Os relatórios seguintes foram selecionados para demonstrar quão variado as experiências de inebriação do LSD podem ser. A motivação particular por empreender as experiências também era decisiva na seleção deles. Sem exceção, esta seleção envolve só relatórios de pessoas que simplesmente não experimentaram o LSD por curiosidade ou como uma droga sofisticada de prazer, mas que a

experimentaram no sentido de questionar as possibilidades de expandir as experiências do mundo interior e exterior e que tentaram, com ajuda desta droga-chave, destrancar novas portas "da percepção" (William Blake); ou, continuar com a comparação escolhido por Rudolf Gelpke que empregou o LSD para sobrepujar a força da gravidade do espaço e tempo na visão mundial cotidiana para chegar assim a novas perspectivas e compreensões no "universo da alma".

Os dois primeiros dos seguintes registros de pesquisas são tomados do relatório previamente citado, de Rudolf Gelpke, em Antaios.

5.9. Dança dos Espíritos do Vento

(0,075 mg LSD 23 1961 de junho, 13:00 horas)

Depois que ingeri esta dose, que poderia ser considerada comum, eu conversei muito animadamente com um colega profissional até aproximadamente as 14:00 horas. Em Seguida, fui sozinho até a livraria Werthmuller onde seguramente a droga começou a agir. Eu pensei, acima de tudo, que os assuntos dos livros, os quais eu folheava pacificamente nos fundos da loja, me eram indiferentes entretanto, detalhes fortuitos do meu redor, de repente, se salientavam fortemente e, de alguma maneira, pareciam ser "significantes"... Então, depois de uns dez minutos, eu fui descoberto por um casal conhecido e tive que me deixar ser envolvido numa conversação com eles que, admito, não foi nada agradável para mim, contudo não realmente tediosa. Eu escutava a conversação (até mesmo para mim) "como muito longínqua". As coisas que estavam sendo discutidas (tratavam-se de histórias Persas que eu havia traduzido)" pertenciam a um outro mundo: "um mundo sobre o qual eu poderia me expressar realmente (afinal de contas eu tinha recentemente habitado lá e me lembrava das "regras do jogo"!), mas para as quais eu já não possuía nenhuma conexão emocional. Meu interesse nisto foi obliterado - só que eu não ousava reconhecer isso.

Depois que eu consegui me despedir, eu passeei mais longe pela cidade indo até um mercado. Eu não tinha "visões", via e ouvia tudo como usualmente, e ainda assim tudo também estava alterado de um modo indescritível; "paredes vítreas imperceptíveis" em todos lugares. Com cada passo que eu dava, eu me tornava cada vez mais um autômato. Especialmente fui assaltado pela impressão de que eu tinha perdido o controle da parte de cima da minha musculatura facial - me convencendo que minha face se tornara a de um cadáver, completamente inexpressiva, esvaziada, inativa e como uma máscara. A única razão de eu ainda poder caminhar e poder me pôr em movimento, era porque eu me lembrava que e como eu tinha "anteriormente" me movido. Mas quanto mais distante eu recorria à memória, mais incerto eu ficava. Eu me lembro que minhas próprias mãos estavam de alguma maneira no meu caminho: Eu as pus em meus bolsos, as deixei oscilar, as enlacei atrás da minha parte de trás... como alguns objetos penosos que devem ser arrastados ao nosso redor e os quais ninguém sabe jogar totalmente fora. Eu tive esta mesma reação em relação ao meu corpo inteiro. Eu já não sabia por que estava lá, e onde eu deveria ir. Todas as sensações para decisões daquele tipo estavam perdidas. Elas poderiam ser reconstruídas só laboriosamente e poderiam ser levadas a um desvio por recordações do passado. Travei uma luta deste tipo para conseguir cobrir uma distância relativamente pequena desde o mercado até minha casa, a qual alcancei aproximadamente as 15:10.

De nenhuma maneira eu tinha o sentimento de estar inebriado. O que eu experimentava era somente uma extinção mental gradual. Eu não estava de todo assustando; mas posso imaginar que na transição de certas perturbações mentais - naturalmente dispersas em um longo período de tempo - que algo muito similar acontece: contanto que exista ainda uma lembrança individual anterior do mundo humano, o paciente, que ficou inconexo, pode ainda se acalmar (até certo ponto) e achar o seu modo de se aproximar do mundo: porém, quando as recordações se enfraquecem e em última instância desaparecem, ele perde completamente esta habilidade.

Logo após ter entrado no meu quarto, o "torpor transparente" me dominou. Eu me sentei, olhando para fora da janela e fui imediatamente arrebatado: a janela estava totalmente aberta, as cortinas leves estavam abertas de um lado e então um vento moderado do exterior jogava com estes véus e com as silhuetas de plantas em vasos e folhagens do peitoril atrás dos quais a luz solar delineava sombras nas cortinas inspiradas pela brisa. Este espetáculo me cativou completamente. Eu "mergulhei" nisto, só via este ondulando gentil, incessante e as sombras das plantas balançando devido ao sol e ao vento. Eu soube o que "isto" era, mas eu procurei o nome disto, depois a fórmula, depois a "palavra mágica" e eu soube que já conhecia isto: Totentanz, a dança do morto.... Isto era o que o vento e a luz estavam mostrando para mim na leve tela. Estava me assustando? Estaria eu amedrontado? Talvez no princípio. Entretanto uma grande alegria me infiltrou e ouvi a música do silêncio, e até mesmo minha alma dançou com as sombras redimidas ao assobio do vento. Sim, eu entendi: esta é a cortina, e esta cortina é o segredo, o "último" que se escondeu. Então, porque rasgar isto? Ele que faz isso só para chorar de si próprio. Porque "lá atrás", atrás da cortina, não há "nada"...

5.10. Pólipos das Profundezas

(0,150 mg LSD em 15 de abril de 1961, 9:15 horas)

O efeito já começou, depois de aproximadamente 30 minutos, com forte agitação interna, mãos trêmulas, pele frias, gosto de metal no paladar.

10:00: O ambiente do quarto se transforma em ondas fosforescentes e correndo a partir dos pés através do meu corpo. A pele - e acima de tudo os dedões do pé - estava como que eletricamente carregada; uma excitação constantemente crescente dificultava todos os pensamentos claros....

10:20: Fogem-me as palavras para descrever minha condição atual. É como se um "outro" completamente estranho estivesse tomando posse de mim, pedaço por pedaço. Eu Tinha a maior dificuldade para escrever (tipo "inibiu" ou "inibiou"? - Eu não sabia!).

Este processo sinistro de uma auto-alienação avançando, despertou em mim um sentimento de extrema fraqueza, de estar completamente desamparado. Ao redor das 10:30, através dos olhos fechados, eu vi inumeráveis linhas entrelaçadas num fundo vermelho. Um céu tão pesado quanto chumbo parecia comprimir tudo; eu sentia meu ego comprimido nele mesmo, e me sentia como um anão murcho.... Logo mais, antes das 13:00, escapei da atmosfera do estúdio, da companhia que estava cada vez mais opressora, na qual nós só nos escondíamos reciprocamente um ao outro da completa imersão na inebriação. Eu me sentei no chão de um pequeno quarto vazio, com meu traseiro contra a parede e vi, pela única janela na frente estreita oposta a mim, um pouco de cinza - um céu branco e nublado. Isto, como todo o ambiente em geral, parecia ser desesperadamente normal neste momento. Eu estava abatido e meu próprio EU parecia tão repulsivo e odioso para mim que eu não teria ousado (e neste dia até mesmo teria realmente repetidamente desesperadamente evitado) olhar num espelho ou na face de outra pessoa. Eu desejei muito que esta inebriação finalmente acabasse, mas meu corpo ainda estava totalmente em sua possessão. Eu imaginei que eu percebi, profundamente dentro de seu peso opressivo e teimoso, como se meus membros estivessem seguros e cercados por cem braços de pólipos - sim, eu na verdade experimentei isto num ritmo misterioso; com contatos eletrificados, a partir de uma realidade, realmente imperceptível, mas como um ser sinistro enviado, o qual eu me dirigi em voz alta, ultrajando-o, convidando-o e desafiando-o para estabelecer um combate. "É só a projeção maldosa do seu ego", outra voz me assegurou. "É sua alma monstruosa!" Esta percepção era como uma espada flamejante. Atravessou-me com agudeza redentora. Os braços do pólipo caíram longe de mim - como se cortados pela espada - e simultaneamente o no céu sombrio e cinza-branco, de trás da janela aberta, de repente apareceram chispadas de gotas de água iluminadas pelo sol. Enquanto eu olhava isto achando encantador, tudo mudou (pelo menos para mim!) para uma água real: uma fonte

subterrânea que tinha irrompido lá, tudo de uma vez e agora jorrava para cima para mim, querendo se tornar uma tempestade, um lago, um oceano, com milhões e milhões de gotas - e em todas estas gotas, em cada uma delas, a luz dançou.... quando o quarto, a janela e o céu retornaram para a minha consciência (eram 13:25 horas), a inebriação certamente não estava no seu fim - não ainda - mas sua duração que esteve seguramente em mim durante duas horas, em muito se assemelhou a um arco-íris que segue uma tempestade.

Tanto a alienação do ambiente quanto a alienação individual do corpo, experimentadas em ambas as experiências precedentes descritas por Gelpke - como também o sentimento de ser um alienígena, um demônio que toma possessão de si mesmo - são características da inebriação do LSD que, apesar de toda outra diversidade e variabilidade da experiência, são citadas na maioria dos relatórios de pesquisa. Eu já descrevi a possessão pelo demônio do LSD como uma experiência misteriosa, em minha primeira auto-experiência planejada. Ansiedade e terror me afetaram então de uma forma especialmente forte, porque naquele momento eu não tinha nenhum meio de saber se o demônio liberaria sua vítima.

As aventuras descritas no seguinte relatório, de um pintor, pertencem a um tipo completamente diferente de experiência de LSD. Este artista me visitou para obter minha opinião de como a experiência do LSD deveria ser entendida e interpretada. Ele temia que uma profunda transformação da sua vida pessoal, que tinha sido o resultado da sua experiência com LSD, pudesse resultar de uma mera ilusão. Minha explicação - aquele LSD, como um agente bioquímico, só ativou suas visões mas não as tinha criado e que estas visões se originaram da sua própria alma - isto lhe deu confiança no significado de sua transformação.

5.11. A Experiência de LSD de um Pintor

... Então eu viajei com Eva para um vale montês solitário. Lá em cima, na natureza, pensei que seria particularmente bonito estar lá com a Eva. Eva era jovem e atraente. Vinte anos mais velho que ela, eu já estava no meio da vida. Apesar das conseqüências dolorosas que eu tinha experimentado previamente, como resultado de travessuras eróticas, apesar da dor e das decepções que eu infligi nesses que me amaram e tinham acreditado em mim, eu estava novamente tenso com o irresistível poder desta aventura, pela Eva, pela mocidade dela. Eu estava enfeitiçado por esta menina. Nosso caso realmente estava só começando, mas eu sentia este poder sedutor mais fortemente que nunca. Eu soube que já não podia resistir. Numa segunda vez da minha vida eu estava novamente pronto a abandonar minha família, deixar minha posição, quebrar todas as barreiras. Eu quis me lançar desinibidamente nesta inebriação luxuriosa com Eva. Ela era vida, mocidade. Novamente isto clamou em mim, novamente e novamente esvaziar a xícara da luxúria e da vida até a última gota, até a morte e a perdição. Deixe o Diabo ir me buscar mais tarde! Eu realmente tinha rompido há muito tempo com Deus e o Diabo. Eles só eram para mim invenções humanas que vieram a ser utilizadas por uma minoria cética, sem escrúpulos para suprimir e explorar a crendice de pessoas ingênua. Eu não queria ter nada a ver com esta moral social mentirosa. Desfrutar, a todo custo, eu desejava desfrutar "et apres nous te deluge". O que era uma esposa para mim, o que era uma criança para mim - deixe-as mendigarem, se eles tiverem fome. Eu também percebia a instituição do matrimônio como uma mentira social. O matrimônio de meus pais e os matrimônios de meus conhecidos pareciam me confirmar suficientemente isto. Casais permaneciam junto porque era mais conveniente; eles estavam acostumados a isto, e "sim, se não fosse pelas crianças..." Debaixo da pretensão de um bom matrimônio, cada um atormentava emocionalmente o outro, ao ponto de erupções cutâneas e úlceras de estômago, ou cada um ia para o seu próprio lado. Tudo em mim se rebelava contra o pensamento de ter que amar uma única e mesma mulher por muito tempo de vida. Francamente, eu percebia isto como repugnante e antinatural. Assim estava minha disposição interna naquela portentosa tarde de verão no lago montês.

Às sete horas da noite, ambos tomamos uma dose moderadamente forte de LSD, cerca de 0,1 miligrama. Então passeamos junto ao lago e nos sentamos num banco. Nós lançamos pedras na água e assistimos os círculos de onda se formando. Nós sentíamos uma leve inquietude interna. Ao redor das oito horas nós entramos no salão do hotel e pedimos chá e sanduíches. Alguns hóspedes também estavam sentados por lá, contando piadas e rindo ruidosamente. Eles piscaram para nós. Os olhos deles centelhavam estranhamente. Nós nos sentíamos estranhos e distantes e tivemos o sentimento que eles notaram algo em nós. Lá fora lentamente foi ficando escuro. Nós só relutantemente decidimos ir para o nosso quarto do hotel. Uma rua sem luzes, ao longo do lago preto, conduzia para a distante casa de hóspede. Quando eu acendi a luz, a escadaria de granito que dava acesso da orla da estrada para a casa pareceu arder de degrau em degrau. Eva estremeceu toda, assustou-se. "Infernal" passou pela minha mente e, de repente, o horror atravessou meus membros e eu soube: agora tudo vai sair mal. De longe, na aldeia, um relógio bateu nove horas.

Estranhamente estávamos em nosso quarto, Eva lançou-se na cama e me olhou com seus olhos largos. Não era possível ao menos pensar em amor. Eu me sentei na extremidade da cama e segurei suas mãos. Então veio o terror. Nós afundamos num horror fundo, indescritível que nenhum de nós compreendia.

"Olhe em meus olhos, olhe para mim", eu implorei a Eva, contudo novamente e novamente o olhar dela foi evitado de mim, e então ela clamou alto em terror e tremeu todo o seu corpo. Não havia nenhum modo de sair daquilo. Lá fora havia somente uma noite sombria e ao fundo um lago preto. Na casa pública todas as luzes se apagaram; as pessoas provavelmente tinham ido dormir. O que teriam dito eles se pudessem nos ver agora? Possivelmente eles chamariam a polícia, e então tudo se tornaria ainda muito pior. Um escândalo de droga - pensamentos agonizantes e intoleráveis.

Nós já não podíamos nos mover da luz. Nós nos sentamos cercado por quatro paredes de madeira cujas juntas brilhavam infernalmente. Ficava mais insuportável a cada momento. De repente a porta se abriu e "algo terrível" entrou. Eva gritou de modo selvagem e se escondeu debaixo das cobertas da cama. Uma vez mais um grito. O horror debaixo das cobertas era ainda pior. "Olhe diretamente em meus olhos!"! gritei para ela, mas ela rodou os olhos dela de um lado para outro como se fora de si. Ela está ficando louca, eu percebi. Em desespero eu a prendi pelo cabelo de forma que ela já não podia virar a face dela para longe de mim. Eu vi um medo terrível nos olhos dela. Tudo ao redor de nós era hostil e ameaçador, como se tudo quisesse nos atacar no próximo momento. Você tem que proteger Eva, você a tem que salvar até manhã, então os efeitos descontinuarão, eu disse a mim mesmo. Porém então novamente eu mergulhei num horror sem nome. Não havia mais nenhum tempo ou razão; parecia como se esta condição nunca mais iria terminar.

Os objetos do quarto tinham se tornado caricaturas animadas; tudo em todos os lados zombava desdenhosamente. Eu vi os sapatos amarelo-negro de Eva, que eu havia achado estimulantes, parecerem duas grandes vespas, mas que rastejam no chão. A pia de água do banheiro tornou-se uma cabeça de dragão cujos olhos, as duas torneiras de água, me observavam malevolamente. Meu primeiro nome, George, entrou na minha mente, e tudo de uma vez, eu sentia como Knight George que teve que lutar pela Eva.

Os gritos de Eva me resgataram destes pensamentos. Tomando um banho de transpiração e tremendo, ela se firmou em mim. "Eu estou sedenta", ela gemeu. Com grande esforço, sem soltar a mão de Eva, eu tive sucesso em pegar um copo de água para ela. Mas a água parecia enlodada e viscosa, era venenosa, e nós não pudemos extinguir nossa sede com ela. As duas luminárias das mesinhas ardiam com um brilho estranho, com uma luz infernal. O relógio bateu doze horas.

Isto é o inferno, pensei. Realmente não havia nenhum Diabo e nem demônio, ainda mesmo que eles fossem perceptíveis para nós, enchiam o quarto, e nos atormentaram com um terror

inimaginável. Imaginação, ou não? Alucinações, projeções? - perguntas insignificantes quando confrontadas com a realidade do medo que tinha se fixado em nossos corpos e nos tremia: só o medo existia. Algumas passagens do livro de Huxley "As Portas de Percepção" vieram a mim e me trouxeram um breve conforto. Eu olhei para Eva, estava choramingando, horrorizada no seu tormento e caída em grande remorso e piedade. Ela tinha se tornado estranha para mim; eu quase não a reconhecia mais. Ela usava uma bela correntinha dourada ao redor de seu pescoço com um medalhão da Virgem Maria. Tinha sido um presente de seu irmão mais jovem. Eu notei como uma radiação benevolente, confortante, conectada com puro amor, emanava deste colar. Entretanto o terror correu novamente solto, como se caminhando para nossa destruição final. Eu precisei de minha força inteira para constranger Eva. Ruidosamente eu ouvi o fio elétrico batendo lá fora na porta como se quisesse fazer, no próximo momento, um anúncio mais importante, mau, devastador para mim. Desdém, menosprezo e malignidade sussurraram novamente de todos os pregos e fendas. Lá, no meio desta agonia, eu percebi o soar longínquo de sinos de vacas, como se fosse uma música maravilhosa, promissora. Logo tudo ficou novamente quieto, e o medo renovado recomeçou uma vez mais. Como um homem se afogando a espera de uma prancha salvadora, assim eu desejei que as vacas quisessem novamente pastar perto da casa. Mas tudo permaneceu quieto e só um besouro ameaçador zumbiu nos arredores, como um inseto invisível, malévolo.

Finalmente amanheceu. Com grande alívio notei como as brechas das venezianas da janela estavam iluminadas. Agora eu poderia deixar Eva por conta dela mesma; ela tinha se acalmado. Exausta, ela fechou os olhos e dormiu. Chocado e profundamente triste, eu ainda me sentei na extremidade da cama. Tinha ido embora meu orgulho e auto-estima; tudo, o que tinha permanecido em mim era um montão pequeno de miséria. Eu me examinei no espelho e reconheci: Eu tinha ficado dez anos mais velho no curso da noite. Abatido, eu encarei a luz da luminária da mesinha como a uma sombra horrorosa de cordas de plástico entrelaçadas. Tudo de uma vez, a luz parecia ficar mais luminosa e as cordas de plástico começaram a centelhar e centelhar; ardiam como diamantes e pedras preciosas de todas as cores, e um sentimento opressivo de bem aventurança e felicidade caiu em cima de mim. Tudo de uma vez, luminárias, alojamento e Eva desapareceram e eu me achei numa paisagem maravilhosa, fantástica. Era comparável ao interior de uma imensa nave de igreja gótica, com uma infinidade de colunas e arcos góticos. Porém estes não eram consistidos de pedra, mas sim de cristal. Colunas cristalinas azuladas, amareladas, lácteas e claramente transparentes me cercaram como árvores em uma floresta aberta. Seus pontos e arcos se perdiam nas alturas. Uma luz luminosa apareceu ante o interior de meus olhos e uma voz maravilhosa, gentil falou-me a partir da luz. Eu não ouvi isto com os meus ouvidos externos, mas apenas percebi isto como se fossem pensamentos claros que iam surgindo.

Eu percebi isso no horror da noite e no transcurso eu tinha experimentado da minha própria condição individual: egoísmo. Meu egoísmo tinha me mantido separado do gênero humano e tinha me conduzido a um isolamento interno. Eu só tinha me amado, não ao meu próximo; amado só a satisfação que o outro me proporcionava. O mundo só existia para a satisfação da minha cobiça. Eu tinha ficado duro, frio e cínico. Então, o inferno tinha significado isso: egoísmo e falta de amor. Então tudo tinha parecido estranho e inconexo para mim, tão depreciativo e ameaçador. Entre lágrimas correntes, eu fui iluminado com o conhecimento que o verdadeiro amor significa sobrepujar o egoísmo e que não são os desejos mas o amor bastante abnegado que forma a ponte para o coração dos membros da nossa raça humana. Ondas de inafável felicidade fluíram pelo meu corpo. Eu tinha sofrido a graça de Deus. Mas como poderia ser possível que estava irradiando para mim, particularmente neste lugarejo barato? Então uma voz interna respondeu: Deus está em tudo.

A experiência no lago da montanha me deu a certeza que, além do mundo efêmero, material, também existe uma realidade imperecível, espiritual que é a nossa verdadeira casa. Agora eu estou no meu caminho de casa.

Para Eva tudo permaneceu somente como um sonho ruim. Nós nos separamos pouco tempo depois disso.

As seguintes notas tomadas por um agente de publicidade de vinte e cinco anos de idade, estão contidas em "A História do LSD" por John Cashman (Publicações Fawcett, Greenwich, Conn., 1966). Elas foram incluídas nesta seleção de relatos de LSD, junto com o precedente exemplo, porque a progressão que eles descrevem - de visões terrificantes para uma euforia extrema, um tipo de ciclo de renascimento - é característico de muitas experiências de LSD.

5.12. Uma Alegre Canção do Ser

Minha primeira experiência com LSD aconteceu na casa de um amigo íntimo que serviu como meu guia. Os ambientes estavam confortavelmente familiarizados e relaxantes. Eu levei duas ampolas (200 microgramas) de LSD misturado na metade de um vidro de água destilada. A experiência durou por perto de onze horas, das 8 horas de uma noite de sábado até quase 7 horas da manhã seguinte. Eu não tenho nenhum ponto firme de comparação, mas estou certo que nenhum santo nunca viu visões mais gloriosas ou jubilosamente bonitas ou tenha experimentado um estado mais feliz de transcendência. Meus poderes para conduzir os milagres são toscos e de longe muito inadequadas para a tarefa. Um esboço, isento de arte, tem que bastar onde só a mão de um grande mestre que trabalha uma palheta completa pudesse fazer justiça ao assunto. Eu tenho que me desculpar pelas minhas próprias limitações nesta fraca tentativa para reduzir a experiência mais notável de minha vida em meras palavras. Meu sorriso superior na desajeitada interrupção das tentativas dos outros de explicar as visões divinas para mim, tinham se transformado em um sorriso astuto de um conspirador - a experiência comum não requer nenhuma palavra.

Meu primeiro pensamento depois de ingerir o LSD foi que absolutamente não estava tendo nenhum efeito. Eles tinham me falado que após trinta minutos se produziria a primeira sensação, um formigamento da pele. Não havia nenhum formigamento. Eu fiz um comentário sobre isto e me foi dito para relaxar e esperar. Por falta de qualquer outra coisa para fazer eu encarei a luz do dial do rádio da mesa e balancei minha cabeça ao compasso de um pedaço de jazz que eu não reconhecia. Eu penso que se passaram vários minutos antes de eu percebesse que a luz estava mudando caleidoscopicamente de uma cor com lances diferentes em relação aos sons musicais, vermelho luminoso e amarelo no registro alto, púrpura forte no baixo. Eu ri. Eu não tinha nenhuma idéia de quando tinha começado. Eu simplesmente soube que tinha. Eu fechei meus olhos, mas as notas coloridas ainda estavam lá. Eu fui superado pelo brilho notável das cores. Eu tentei falar, explicar o que eu estava vendo, as cores vibrantes e luminosas. De alguma maneira não parecia importante. Com meus olhos abertos, as cores radiantes inundaram o quarto e dobravam uma em cima da outra, em ritmo com a música. De repente eu fiquei ciente que as cores eram a música. A descoberta não parecia surpreendente. Valores, assim apreciados e guardados, estavam ficando sem importância. Eu quis falar sobre a música colorida, mas não pude. Eu fiquei reduzido a articular e formular uma sílaba enquanto impressões polissílabas saíam na minha mente com a velocidade da luz.

As dimensões do quarto estavam mudando, deslizando agora numa forma de diamante tremulando, mudando então para uma forma oval como se alguém estivesse bombeando ar no quarto, chegando isto ao ponto de estourar. Eu estava tendo dificuldade para enfocar objetos. Eles se derretiam em massas penugentas de nada ou partiam em naves espaciais, auto-propulsionados, viagens em câmara lenta que eram de agudo interesse para mim. Eu tentei consultar o tempo no meu relógio, mas eu estava impossibilitado de mexer as mãos. Pensei em pedir a hora, mas o pensamento passou. Eu estava muito ocupado vendo e escutando. Os sons estavam se divertindo, as visões notáveis. Eu estava completamente encantado. Eu não tenho nenhuma idéia de quanto tempo isto durou. Eu sei que o ovo veio a seguir.

O ovo, grande, pulsante, de um verde luminoso, estava lá antes que eu na verdade o tivesse visto. Eu sentia que ele estava lá. Pendurado suspenso aproximadamente a meio caminho entre onde eu me sentava e a parede distante. Eu fiquei intrigado pela beleza do ovo. Ao mesmo tempo tive medo de derrubá-lo no chão e o fraturar. Não queria que o ovo se quebrasse. Parecia muito importante que o ovo não devia se quebrar. Mas enquanto eu pensava disto, o ovo se dissolveu lentamente e revelou uma grande flor multicolorida que não era como nenhuma flor que alguma vez eu tivesse visto. Suas pétalas, inacreditavelmente primorosas, se abriram no quarto e borrifavam cores indescritíveis em todas direções. Eu sentia as cores e as ouvia como elas se jogando pelo meu corpo, esfriavam e esquentavam, como vermelho e tilintando.

O primeiro tom de apreensão veio quando vi o centro da flor, que corroía lentamente as pétalas, um centro negro e brilhante que parecia ser formado pelas partes de trás de mil formigas. Corroeu as pétalas a um passo lento e agonizante. Eu quis gritar para isto parar ou se apressar. Eu estava aflito pelo desaparecimento gradual das bonitas pétalas como que sendo tragadas por uma doença insidiosa. Então, num instante de percepção, percebi para o meu horror que a coisa preta estava de fato me devorando. Eu era a flor e esta coisa estranha e rastejante estava me comendo!

Eu gritei ou berrei, eu realmente não me lembro. Eu também estava cheio de terror abominante. Eu ouvi meu guia dizer: "Agora é fácil. Apenas vá em frente. Não lute. Vá com isto". Eu tentei, mas a negridão horroroso me causou tal repulsão que eu gritei: "Eu não posso! Pelo amor de Deus me ajude! Ajude-me!" A voz estava me acalmando, me reassegurando: "Deixe vir. Tudo está certo. Não se preocupe. Vá com isto. Não lute".

Eu me sentia dissolvendo na aparição terrificante, meu corpo derretendo em ondas no caroço da negridão, minha mente despojada de ego e vida e, sim uma morte plena. Em um grande momento de clareza eu percebi que eu era imortal. Eu fiz a pergunta: Eu "estou morto?" Mas a pergunta não tinha nenhum significado. Significar era sem sentido. De repente havia uma luz branca e a beleza vislumbrante de uma unidade. Estava claro em todos lugares, luz branca com uma claridade além da descrição. Eu estava morto e eu renasci e a exultação era pura e santa. Meus pulmões estavam explodindo na canção jovial de ser. Havia unidade e vida e o amor primoroso que encheram meu ser era ilimitado. Minha consciência era aguda e completa. Eu vi Deus e o diabo e todos os santos e soube da verdade. Eu me sentia fluindo no cosmo, me levitado além de toda a restrição, liberado para nadar no esplendor feliz das visões divinas.

Eu quis gritar e cantar à nova vida milagrosa e a sensação, a forma, a beleza jubilante e a êxtase furiosa, inteiramente de amor. Eu soube e entendi tudo o que há para saber e entender. Eu era imortal, sábio além da sabedoria, e capaz de amar, de todos os amores. Todos os átomos do meu corpo e alma tinham visto e sentido Deus. O mundo era calor e bondade. Não havia nenhum tempo, nenhum lugar, nenhum eu. Só havia harmonia cósmica. Estava tudo lá na luz branca. Com toda força de meu ser eu conheci que era assim.

Eu abracei o esclarecimento com completo abandono. Como a experiência me retrocedesse a desejei manter e tenazmente lutei contra o retorno das realidades de tempo e lugar. Para mim, as realidades de nossa existência eram limitadas e não tinham mais grande valia. Eu tinha visto as últimas realidades e não haveria outras. Como eu fui transportado lentamente para trás da tirania de relógios e horários e de ódio insignificantes, eu tentei falar da minha viagem, do meu esclarecimento, dos horrores, da beleza, de tudo. Eu devo ter balbuciado como um idiota. Meus pensamentos rodavam a uma taxa fantástica, mas as palavras não podiam manter esse passo. Meu guia sorriu e me falou que ele entendeu.

A precedente coleção de relatórios em "viagens no universo da alma", embora ilustrem tais experiências ímpares, ainda não podem estabelecer um completo quadro de grande espectro de todas as possíveis reações para o LSD que se estendem desde a mais sublime experiência espiritual,

religiosas, místicas, até as perturbações psicossomáticas mais brutas. Foram descritos casos de sessões de LSD nas quais a excitação de fantasias e de experiências visionárias, como as citadas nos relatórios de LSD aqui mostrados, estavam completamente ausente, e o experimentador esteve durante todo o tempo num estado horrível de desconforto físico e mental, ou até mesmo se sentiu severamente doente.

Relatórios sobre a modificação do comportamento sexual sob a influência do LSD também são contraditórios. De vez que a excitação de toda a percepção sensorial é uma característica essencial dos efeitos do LSD, a orgia sensual de intercurso sexual pode sofrer enriquecimentos inimagináveis. Também foram descritos casos, porém, nos quais o LSD não conduziu ao paraíso erótico previsto, mas somente para um purgatório ou até mesmo para um inferno de extinção horrorosa de toda a percepção e para um vazio inanimado.

Tais variedades e contradições de reações, somente são achadas no LSD e alucinógenos relacionados. A explicação para isto repousa na complexidade e variabilidade das mentes conscientes e subconscientes das pessoas que o LSD pode penetrar e trazer à vida como realidade experimentada.

6. Os Parentes Mexicanos do LSD

6.1. O Cogumelo Sagrado Teonanacatl

Mais tarde, em 1956, uma notícia no jornal despertou meu interesse. Entre alguns índios do México meridional, pesquisadores americanos tinham descoberto uns cogumelos que eram comidos em cerimônias religiosas e isso produzia uma condição inebriada acompanhada por alucinações.

Desde então, além do caso do cacto da mescalina também achado no México, até aquela ocasião, nenhuma outra droga era conhecida que produzissem alucinações como o LSD. Eu gostaria de estabelecer contato com estes pesquisadores para aprender os detalhes sobre estes cogumelos alucinógenos, mas não havia nenhum nome e nem endereços no artigo do pequeno jornal, de forma que foi impossível adquirir qualquer informação adicional. Não obstante, os cogumelos misteriosos cuja investigação química seria um problema tentador, não saíam dos meus pensamentos.

Como isto depois ficou demonstrado, o LSD foi a razão pela qual estes cogumelos acharam o caminho do meu laboratório, sem a minha ajuda, no início do ano seguinte.

Pela mediação do Dr. Yves Dunant, na ocasião diretor da filial de Paris da Sandoz, um pedido de informação chegou à administração da pesquisa farmacêutica na Basiléia, proveniente do Professor Roger Heim, diretor do Laboratório de Criptogamia do "Museum National d'Histoire Naturelle" de Paris, perguntando se nós estávamos interessados em executar uma investigação química sobre cogumelos alucinógenos mexicanos. Com grande alegria eu me declarei pronto para começar este trabalho em meu departamento, nos laboratórios de pesquisas de produtos naturais. Isso seria o meu vínculo às investigações excitantes dos cogumelos sagrados mexicanos que já estavam amplamente avançadas nos aspectos etno-micológico e botânico.

Por muito tempo a existência destes cogumelos mágicos tinha permanecido um enigma. A história do redescobrimento deles foi apresentada, pela primeira vez, em um magnífico trabalho de dois volumes de tratados de etno-micologia, Cogumelos, Rússia e História (Pantheon Books, Nova Iorque, 1957), pelos autores, os investigadores americanos Valentina Pavlovna Wasson e seu marido, R. Gordon Wasson, que representaram um decisivo papel neste redescobrimento. As seguintes descrições da fascinante história destes cogumelos foram tiradas do livro dos Wassons.

A primeira evidência escrita do uso de cogumelos inebriantes, por ocasiões de festival ou no curso de cerimônias religiosas e nas práticas curativas orientadas pela magia, foi achada entre os cronistas espanhóis e naturalistas do décimo sexto século que entraram no país logo em seguida da conquista do México por Hernan Cortez. O mais importante destes testemunhos é o do frade franciscano Bernardino Sahagun que menciona os cogumelos mágicos e descreve seus efeitos e seus usos em várias passagens do seu famoso trabalho histórico, "Historia General de las Cosas de Nueva Espana", escrito entre os anos 1529 e 1590. Onde, por exemplo, ele descreve como os comerciantes celebravam o retorno para casa, depois de uma próspera viagem empresarial, com uma festa baseada em cogumelos:

Em primeiro lugar, na hora de festejar, eles comiam cogumelos quando, como eles diziam, era chegada a hora do soprar as flautas. Nesta hora eles não usavam comidas; só bebiam chocolate durante a noite e comiam cogumelos com mel. Quando os cogumelos já estavam entrando em ação, havia gente dançando e gente se lamentando... Alguns tinham visões de que morreriam na guerra, outros que seriam devorados por bestas selvagens... Alguns viam nas visões que ficariam ricos. Alguns viam que comprariam escravos, que se tornariam donos de escravos. Alguns tiveram visão de que cometeriam adultério e assim teriam suas cabeças despedaçadas, seriam apedrejados até a morte... Alguns tinham uma visão de que eles morreriam na água. Alguns viam numa visão que eles teriam tranqüilidade na morte. Alguns tinham visões de que eles cairiam do telhado e morreriam... Todas essas coisas eles viam... E quando os efeitos dos cogumelos cessavam, eles conversavam uns com os outros, o que eles tinham visto na visão.

Numa publicação do mesmo período, Diego Duran, um frade dominicano, informou que cogumelos inebriantes eram comidos durante a grande festividade por ocasião da ascensão de Montezuma II ao trono, o famoso imperador dos astecas, no ano 1502. Uma passagem na crônica do décimo sétimo século, de Don Jacinto de la Serna, refere-se ao uso destes cogumelos numa cerimônia religiosa:

> *E o que aconteceu lá tinha a ver com a vinda [para a aldeia] de um índio... e o nome dele era Juan Chichiton... e ele tinha trazido os cogumelos de cor vermelha que foram colhidos nos planaltos, e com eles ele tinha cometido uma grande idolatria... Na casa onde todo o mundo tinha se reunido por ocasião do banquete de um santo... o teponastli [um instrumento de percussão asteca], estava tocando e cantando durante toda a noite. Depois que a maior parte da noite tinha passado, Juan Chichiton, que era o sacerdote para aquele ritual solene para todos os presentes na "fiesta", deu os cogumelos para comer e depois, à maneira de uma Comunhão, lhes deu pulque para beber... de forma que todos perderam suas cabeças, uma vergonha de se ver.*

Em Nahuatl, o idioma dos astecas, estes cogumelos eram chamados como teonanacatl que pode ser traduzido como "cogumelo sagrado".

Há indicações de que o uso cerimonial de tais cogumelos cresceu rapidamente em tempos pré-colombianos muito distantes. Foram achadas pedras em forma de cogumelo em El Salvador, Guatemala, e nos distritos montanhosos contíguos do México. Estas são esculturas de pedra no formato de cogumelo, em cujo talo são esculpidas a face ou a forma de um deus ou um demônio do tipo animal. A maioria é de aproximadamente 30 cm de altura. Os exemplos mais antigos, de acordo com arqueólogos, datam de antes de 500 A.C.

R. G. Wasson discute, de forma bem convincente, que há uma conexão entre estas pedras em forma de cogumelo e o teonanacatl. Se isto for verdadeiro, significa que o culto do cogumelo, o uso mágico-medicinal e religioso-cerimonial dos cogumelos mágicos, tem mais de dois mil anos de idade.

Para os missionários Cristãos, a inebriação, a visão e os efeitos alucinógenos produzidos por estes cogumelos, pareciam ser o trabalho do Diabo. Eles tentaram então, com todos os meios ao seu alcance, extirpar o uso deles. Mas eles só tiveram um parcial sucesso, porque os índios continuaram secretamente até nosso tempo, a utilizar o teonanacatl na forma de cogumelo, o que era sagrado para a eles.

Estranhamente, os relatórios nas crônicas antigas sobre o uso de cogumelos mágicos permaneceram desapercebidos durante os séculos seguintes, provavelmente porque eles foram considerados produtos da imaginação de uma época supersticiosa.

Todos os traços da existência de "cogumelos sagrados" estava em perigo de esquecimento de uma vez por todas quando, em 1915, um renomado botânico americano, Dr. W. E. Safford, em um relato anterior ao da Sociedade Botânica em Washington e numa publicação científica, lançou a tese de que nunca antes houvera nada semelhante aos cogumelos mágicos: os cronistas espanhóis tinham tomado o cacto da mescalina como um cogumelo! Não obstante isso fosse falso, esta proposição de Safford serviu para dirigir a atenção do mundo científico para o enigma dos cogumelos misteriosos.

Foi o médico mexicano Dr. Blas Pablo Reko quem primeiro abertamente discordou com a interpretação de Safford e que achou evidência de que ainda são empregados em nosso tempo, cogumelos em cerimônias medicinais-religiosas, em distritos longínquos, nas montanhas meridionais do México. Mas não foi antes de 1938 que o antropólogo Robert J. Weitlaner e o Dr. Richard Evans Schultes, botânico de Universidade de Harvard, acharam, naquela região, estes tipos de cogumelos que estavam sendo usados lá para propósitos cerimoniais; e só em 1938 pôde um grupo de jovens antropólogos americanos, sob a direção de Jean Bassett Johnson, assistir pela primeira vez uma cerimônia noturna secreta de cogumelo. Isto se passou em Huautla de Jimenez, a capital do território Mazatec, no Estado de Oaxaca. Mas estes investigadores foram só espectadores, não lhes foi permitido

participar dos cogumelos. Johnson fez a reportagem da experiência num diário sueco (Ethnotogical Studies 9, 1939).

Então a exploração dos cogumelos mágicos foi interrompida. A Segunda Guerra Mundial tinha começado. Schultes, a mando do governo americano, teve que se ocupar com a produção de borracha no território da Amazônia, e Johnson foi morto por ocasião de uma incursão Aliada na África Norte.

Os investigadores americanos eram: o casal Dra. Valentina Pavlovna Wasson e seu marido, R. Gordon Wasson, que novamente levantou o problema do aspecto etnográfico. R. G. Wasson era banqueiro, vice-presidente do J. P. Morgan Co. de Nova Iorque. Sua esposa, que morreu em 1958, era uma pediatra. Os Wassons começaram seu trabalho em 1953, no território Mazatec em Huautla de Jimenez onde quinze anos antes J. B. Johnson e outros tinham estabelecido a existência continuada do antigo culto indígena do cogumelo. Eles receberam informação especialmente valiosa de uma missionária americana que tinha estado trabalhando por lá durante muitos anos, Eunice V. Pike, participante da "Wycliffe Bible Translators". Graças ao seu conhecimento do idioma nativo e da sua associação ministerial com os habitantes, Pike obteve a informação sobre o significado dos cogumelos mágicos que ninguém mais tinha. Durante várias estadas em Huautla e arredores, os Wassons puderam estudar em detalhes o presente uso dos cogumelos e comparar isto com as descrições das antigas crônicas. Isto mostrou que a convicção nos "cogumelos sagrados" ainda prevalecia naquela região. Porém os índios mantiveram suas convicções em segredo para os estranhos. Teve grande tato e habilidade para ganhar a confiança da população indígena e obter conhecimento neste domínio de segredo.

Na forma moderna do culto do cogumelo, as antigas idéias religiosas e costumes estão entrosadas com as idéias e terminologias Cristãs. Assim os cogumelos são chamados freqüentemente de "o sangue de Cristo", porque eles só crescem onde uma gota do sangue do Cristo caiu na terra. De acordo com outra noção, brotam os cogumelos onde uma gota da saliva da boca do Cristo umedeceu o solo e é, todavia, o próprio Jesus Cristo que fala através dos cogumelos.

A cerimônia do cogumelo ocorre na forma de uma consulta. Alguém que pede conselho ou uma pessoa doente ou ele ou sua família questiona um "homem sábio" ou uma "mulher sábia", também chamados curandeiro ou curandeira, em troca de um pagamento modesto. Curandeiro pode ser traduzido melhor para o inglês como "healing priest" (padre curador), porque sua função nisso é a de um médico e também a de um padre, ambos só são achados raramente nestas regiões distantes. No idioma Mazatec, o padre curador é chamado co-ta-ci-ne que significa "um que sabe". Ele come o cogumelo durante a cerimônia que sempre ocorre à noite. As outras pessoas presentes à cerimônia às vezes também podem receber cogumelos, contudo, a maior dose sempre vai para o curandeiro. O desempenho é executado com o acompanhamento de orações e solicitações, enquanto os cogumelos são brevemente purificados numa bacia na qual o copal (uma resina parecida com incenso) é queimado. Numa completa escuridão, às vezes através da luz de uma vela, enquanto os outros ficam deitados quietamente nos seus tapetes de palha, o curandeiro, ajoelhando ou sentado, reza e canta ante um tipo de altar que contém um crucifixo, uma imagem de um santo ou algum outro objeto de adoração. Sob a influência dos cogumelos sagrados, o curandeiro aconselha em um estado visionário no qual até mesmo os observadores inativos mais ou menos participam. Na canção monótona do curandeiro, o teonanacatl em forma de cogumelo, dá suas respostas às perguntas colocadas. Diz se a pessoa doente viverá ou morrerá, quais ervas efetuarão a cura; revela o que ou quem matou uma dada pessoa, ou quem roubou o cavalo; ou torna conhecido como serão acontecimentos futuros, e assim sucessivamente.

A cerimônia do cogumelo não só tem apenas a função de uma consulta do tipo descrita, também tem para os índios, em muitos aspectos, um significado semelhante à Santa Comunhão do Cristianismo. De muitas expressões vocais dos nativos poderia ser deduzido que eles acreditam que Deus deu para os índios o cogumelo sagrado porque eles são pobres e não possuem nenhum doutor e medicamentos; e também porque, em particular, eles não podem ler a Bíblia, Deus pode falar então diretamente a eles através do cogumelo. A missionária Eunice V. Pike, mesmo aludindo às dificuldades que resultam de explicar a mensagem Cristã, a palavra escrita, para as pessoas que acreditam que elas possuem os meios - claro que os cogumelos sagrados - podem tornar a vontade de Deus conhecida para eles de

uma maneira direta e clara: sim, os cogumelos lhes permitem ver o céu e estabelecer comunicação com o próprio Deus.

A reverência dos índios para os cogumelos sagrados também é evidente na convicção de que eles só podem ser comidos por uma "pessoa limpa". "Limpa" aqui significa cerimoniamente limpa e esse termo inclui, entre outras coisas, pelo menos a abstinência sexual quatro dias antes e depois da ingestão dos cogumelos. Também devem ser observadas certas regras para juntar os cogumelos. Sem a observação destas ordens, os cogumelos podem tornar louca a pessoa que o come, ou pode até mesmo matar.

Os Wassons tinha empreendido sua primeira expedição para o território Mazatec em 1953, mas não foi antes de 1955 fez eles obtiveram sucesso em superar a timidez e a reserva dos amigos que eles tinham conseguido fazer em Mazatec, ao ponto de serem admitidos como participantes ativos em uma cerimônia de cogumelo. R. Gordon Wasson e seu companheiro, o fotógrafo Allan Richardson, estavam determinados a comerem cogumelos sagrados ao término de junho de 1955, por ocasião de uma cerimônia noturna de cogumelo. Eles se tornariam assim, com toda a probabilidade, os primeiros estranhos, os primeiros brancos a serem permitidos tomar teonanacatl.

No segundo volume de Cogumelos, Rússia e História, em palavras arrebatadas, Wasson descreve como o cogumelo tomou completamente posse dele, embora ele tivesse tentado lutar contra seus efeitos para poder permanecer como um observador objetivo. Primeiro ele viu padrões geométricos, coloridos que então assumiram características arquitetônicas. Visões logo seguidas de colunas esplêndidas, palácios de harmonia sobrenatural e magnificência embelezados com pedras preciosas, carros triunfais puxados por criaturas fabulosas como só são conhecidas na mitologia, e paisagens de brilho fabuloso. Separado do corpo, o espírito planou um tempo incontável por um reino de fantasia, entre imagens de uma realidade mais alta e de um significado mais profundo que o usual do mundo cotidiano. A essência da vida, o inafável, parecia estar à beira de ser destrancado, mas a última porta não se abriu.

Esta experiência foi a prova final para Wasson que os poderes mágicos atribuídos aos cogumelos de fato existiam e não eram somente superstição.

Para apresentar os cogumelos na pesquisa científica, Wasson tinha estabelecido anteriormente uma associação com o micologista Professor Roger Heim de Paris. Acompanhando o Wassons em expedições adicionais no território Mazatec, Heim conduziu a identificação botânica dos cogumelos sagrados. Ele mostrou que eles eram cogumelos pertencentes à família Strophariaceae, sobre uma dúzia de diferentes espécies ainda não descritas cientificamente, a maior parte pertencente ao gênero Psilocybe. O Professor Heim também teve sucesso cultivando algumas das espécies em laboratório. Os cogumelos mexicanos Psilocybe se mostraram serem especialmente satisfatórios para o cultivo artificial.

Investigações químicas correram em paralelo com estes estudos botânicos dos cogumelos mágicos, com a meta de extrair o princípio alucinógeno ativo do material do cogumelo e com isto preparar a forma quimicamente pura. Tais investigações foram executadas, a pedido do Professor Heim, no laboratório químico do Museu Nacional de História Natural de Paris, e grupos de trabalho também se ocuparam com este problema nos Estados Unidos, nos laboratórios de pesquisa de duas grandes companhias farmacêuticas: Merck and Smith, Kline and French. Os laboratórios americanos tinham obtido alguns dos cogumelos de R. G. Wasson e tinham juntado outros eles mesmo em Sierra Mazateca.

Como as investigações químicas em Paris e nos Estados Unidos se mostraram ineficazes, o Professor Heim enviou este assunto para a nossa firma, como mencionado no começo deste capítulo, porque ele sentia que a nossa experiência com o LSD, relacionada aos cogumelos mágicos por sua atividade semelhante, poderia ser usada nas tentativas de isolamento. Assim foi que o LSD mostrou ao teonanacatl o caminho do nosso laboratório.

Como diretor do departamento de produtos naturais do laboratório de pesquisa química-farmacêutica da Sandoz naquele momento, eu quis delegar a investigação dos cogumelos mágicos a um de meu colaboradores. Porém, ninguém mostrou muita ânsia para assumir este problema porque era conhecido que o LSD e tudo relacionado com isto era assuntos muito impopulares junto ao topo da administração. Porque o entusiasmo necessário para o sucesso dos objetivos não pode ser comandado e porque o entusiasmo já estava presente em mim e até onde abrangia este problema, eu mesmo decidi administrar a investigação.

Umas 100 g de cogumelos secos da espécie mexicana de Psilocybe, cultivados pelo Professor Heim no seu laboratório, estavam disponíveis para o começo das análises químicas. Meu assistente de laboratório, Hans Tscherter, um colaborador de longa década, tinha se desenvolvido como um ajudante muito capaz, completamente familiar com minha maneira de trabalho, ele me ajudou na extração e tentativas de isolamento. De vez que não havia nenhuma pista e nada relativo às propriedades químicas do princípio ativo que nós buscávamos, as tentativas de isolamento tiveram que ser administradas com base nos efeitos de frações do extrato. Mas nenhum dos vários extratos mostrou um efeito inequívoco em ratos ou cachorros que pudessem ter apontado a presença de princípios alucinógenos. Ficou duvidoso então se os cogumelos cultivados e secos de Paris ainda eram ativos. Isso só poderia ser determinado experimentando com este material de cogumelo em um ser humano. Como no caso de LSD, eu mesmo fiz este experimento fundamental, de vez que não é apropriado para investigadores solicitarem que um outro execute uma auto-experiência, porque eles já estão envolvidos com suas próprias investigações, especialmente se elas demandam, como neste caso, um certo risco.

Nesta experiência eu comi 32 espécimes secas de Psilocybe mexicano que junto pesaram 2,4 g. Esta quantia correspondia a uma dose comum, de acordo com os relatórios de Wasson e Heim, como era usado pelos curandeiros. Os cogumelos exibiram um efeito psíquico forte, como mostra o seguinte extrato do relatório daquela experiência:

Trinta minutos depois de minha ingestão dos cogumelos, o mundo exterior começou a sofrer uma transformação estranha. Tudo assumiu um caráter mexicano. Como eu estava perfeitamente ciente do meu conhecimento da origem mexicana do cogumelo isto me conduziu a imaginar só paisagens mexicanas, eu tentei deliberadamente olhar meu ambiente como eu o conhecia normalmente. Mas todos os esforços voluntários para olhar as coisas nas suas formas habituais e nas suas cores foram ineficazes. Se meus olhos estivessem fechados ou abertos, eu via só motivos mexicanos e cores. Quando o doutor que supervisionava a experiência se agachou para conferir minha pressão sanguínea, ele foi transformado num sacerdote asteca e eu não teria ficado surpreso se ele tivesse puxado uma faca de sacrifício. Apesar da seriedade da situação, me divertiu ver como a face germânica de meu colega tinha adquirido uma expressão puramente índia. Ao cume da intoxicação, aproximadamente uma hora e meia depois de ingestão dos cogumelos, a rapidez dos quadros interiores, motivos principalmente abstratos que mudavam rapidamente de forma e cor, alcançaram um tal grau alarmante que eu temi que seria rasgado neste redemoinho de água, de forma e cor e que eu me dissolveria. Depois de aproximadamente seis horas, o sonho veio a um fim. Subjetivamente, eu não tive nenhuma idéia de quanto tempo esta condição tinha durado. Eu sentia meu retorno para realidade cotidiana como sendo um retorno feliz de um estranho, fantástico mas bastante real mundo, para uma velha e familiar casa.

Esta auto-experiência mostrou uma vez mais que os seres humanos reagem muito mais sensivelmente que os animais para as substâncias psico-ativas. Nós já tínhamos chegado à mesma conclusão experimentando o LSD em animais, como descrito em um capítulo anterior deste livro. Não foi a inatividade do material do cogumelo, mas sim a capacidade de reação deficiente dos animais de pesquisa em vista do tipo de princípio ativo, que explicou porque nossos extratos tinham parecido inativos no rato e no cachorro.

Porque o ensaio em sujeitos humanos era o único teste à nossa disposição para a descoberta das frações ativas de extrato, nós não tivemos nenhuma outra escolha que a de executar a prova em nós mesmos se nós quiséssemos continuar o trabalho e chegar então a uma conclusão satisfatória. Na auto-experiência há pouco descrita, uma forte reação que durou várias horas foi produzida por 2,4 g de

cogumelos secos. Então, em seqüência, nós usamos amostras que correspondiam só a um terço desta quantia, isto é 0,8 g de cogumelos secos. Se estas amostras contivessem o princípio ativo, eles provocariam só um efeito moderado que prejudicaria um pouco a habilidade para trabalhar por um curto intervalo de tempo, mas este efeito ainda seria tão distinto que as frações inativas e aquelas contendo o princípio ativo poderiam ser inequivocamente diferenciadas umas das outras. Vários colaboradores e colegas se ofereceram como "cobaias" para esta série de testes.

6.2. Psilocybin e Psilocin

Com ajuda deste teste fidedigno em objetos humanos poderia ser isolado o princípio ativo, poderia ser concentrado e poderia ser transformado em um estado quimicamente puro por meio dos métodos de separação mais recentes. Duas substâncias novas, que eu nomeei psilocybin e psilocin, foram obtidas assim na forma de cristais incolores.

Estes resultados foram publicados em março de 1958, no jornal Experientia, em colaboração com o Professor Heim e meus colegas Dr. A. Brack e Dr. H. Kobel que tinha provido as maiores quantidades de material de cogumelo para estas investigações depois que eles melhoraram o cultivo dos cogumelos essencialmente em laboratório.

Alguns de meus colaboradores na ocasião - Drs. A. J. Frey, H. Ott, T. Petrzilka e F. Troxler - então participaram dos próximos passos destas investigações, a determinação da estrutura química do psilocybin e do psilocin e a síntese subseqüente destas combinações, os resultados foram publicados em novembro 1958 pelo jornal Experientia. As estruturas químicas destes fatores do cogumelo merecem atenção especial em várias direções. Psilocybin e psilocin pertencem, como o LSD, às combinações de índole, à classe biologicamente importante de substâncias achadas nas plantas e no reino animal. Características químicas particulares comuns às substâncias do cogumelo e do LSD, mostraram que psilocybin e psilocin são relacionados de perto ao LSD, não só com respeito aos efeitos psíquicos, mas também quanto as suas estruturas químicas. Psilocybin é o ácido éster fosfórico do psilocin e, como tal, é o primeiro e até agora ácido fosfórico que contêm combinação de índole descobertos na natureza. O resíduo do ácido fosfórico não contribui para a atividade, porque o psilocin, livre do ácido fosfórico, é igualmente ativo como o psilocybin, mas torna a molécula mais estável. Enquanto psilocin é decomposto prontamente pelo oxigênio do ar, psilocybin é uma substância estável.

Psilocybin e psilocin possuem uma estrutura química bem parecida com o fator serotonina do cérebro. Como já foi mencionado no capítulo das experiências com animais em pesquisas biológicas, serotonina representa um importante papel na química das funções do cérebro. Os dois fatores do cogumelo, como o LSD, bloquearam os efeitos da serotonina em experiências farmacológicas em diferentes órgãos. Outras propriedades farmacológicas do psilocybin e psilocin também são semelhantes aqueles do LSD. A principal diferença consiste na atividade quantitativa, tanto em animal como também na experimentação humana. A dose ativa comum de psilocybin ou psilocin para seres humanos é de 10 mg (0,01 g); de acordo com isso, estas duas substâncias são aproximadamente 100 vezes menos ativas que o LSD, do qual 0,1 mg constitui uma dose forte. Além disso, os efeitos dos fatores do cogumelo duram só de quatro a seis horas, muito menos que os efeitos do LSD (de oito a doze horas).

A síntese total do psilocybin e psilocin sem a ajuda dos cogumelos poderia ser desenvolvida em um processo técnico que permitiria produzir estas substâncias em grande escala. A produção sintética é mais racional e mais barata que a extração dos cogumelos.

Assim, com o isolamento e a síntese dos princípios ativos, a desmistificação dos cogumelos mágicos foi realizada. As combinações, cujos efeitos maravilhosos conduziram os índios a acreditar durante milênios que um deus estava residindo nos cogumelos, teve suas estruturas químicas elucidadas e poderia ser produzido sinteticamente em frascos.

Neste caso, quanto de progresso em conhecimento científico foi obtido através da pesquisa de produtos naturais? Essencialmente, quando tudo é dito e feito, nós só podemos dizer que o mistério dos efeitos maravilhosos do teonanacatl foi reduzido ao mistério dos efeitos de duas substâncias cristalinas - desde que estes efeitos ou não podem ser explicados através de ciência, mas só podem ser descritos.

6.3. Uma Viagem no Universo da Alma com Psilocybin

A relação entre os efeitos psíquicos do psilocybin e aqueles do LSD, o caráter visionário e alucinógeno deles, fica evidente no seguinte relatório de Antaios, de uma experiência de psilocybin pelo Dr. Rudolf Gelpke. Ele caracterizou as experiências dele com o LSD e o psilocybin, como já mencionado no prévio capítulo, "Viagens ao Universo da Alma".

6.4. Onde o Tempo Permanece Parado

(10 mg de psilocybin, 6 de abril de 1961, 10:20)

Depois de 20 minutos estão começando os efeitos: serenidade, mudez, sensação moderada de tontura, mas agradável e uma "profunda respiração muito agradável".

10:50 Forte vertigem, já não posso me concentrar.

10:55 Excitado, intensidade de cores: tudo de tom rosa para vermelho.

11:05 O mundo se concentra lá no centro da mesa. Cores muito intensas.

11:10 Um ser dividido, sem precedente - como eu posso descrever esta sensação de vida? Ondas, diferentes personalidades, preciso me controlar.

Imediatamente depois desta nota eu fui para o ar livre e deixei a mesa do café da manhã onde eu tinha comido com o Dr. H. e sua esposa, e deitei no gramado. A inebriação chegou rapidamente a seu clímax. Embora eu tivesse resolvido firmemente tomar notas constantes, agora me parecia um completo desperdício de tempo, o movimento de escritura infinitamente lento, as impossibilidades de expressar, da expressão verbal vil - medida pela inundação da experiência interna que me invadiu e ameaçou me estourar. Parecia para mim que 100 anos não seriam suficientes para descrever a abundância da experiência de um único minuto. No princípio, impressões ópticas predominaram: Eu vi com delícia uma sucessão ilimitada de filas de árvores na floresta próxima. Então nuvens esfarrapadas no céu ensolarado rapidamente se acumulando em cima, com uma majestade silenciosa e empolgante, numa superposição de milhares de capas - céu no céu - e eu fiquei então esperando que, lá em cima, no próximo momento, algo completamente poderoso, desconhecido, não ainda existente, poderia aparecer ou acontecer - veria eu um deus? Mas só a expectativa permaneceu, o pressentimento, isto pairando, "no umbral do último sentimento"... Então eu me movi para mais para longe (a proximidade dos outros me perturbava) e me deitei num recanto do jardim, numa pilha de madeira esquentada pelo sol. Meus dedos acariciavam esta madeira com uma afeição sensual animal transbordante. Ao mesmo tempo eu submergi dentro de mim; foi um clímax absoluto: uma sensação de felicidade me penetrou, uma felicidade contente - eu próprio me encontrei atrás de meus olhos fechados numa cavidade cheia de ornamentos vermelho-tijolo, e ao mesmo tempo, no "centro do universo de calma consumada". Eu soube que tudo era bom - a causa e origens de tudo eram boas. Mas no mesmo momento eu entendi também o sofrimento e a abominação, a depressão e o desentendimento da vida ordinária: lá onde uma pessoa nunca "é total", mas ao invés, está dividida, cortada em pedaços e dividida em fragmentos minúsculos de segundos, minutos, horas, dias, semanas e anos: lá a pessoa está escrava do tempo de Moloch que devora as pessoas pedaço por pedaço; a pessoa está condenada a gaguejar, errar e retalhar; a pessoa tem que arrastar consigo mesmo a perfeição

e o absoluto, a união de todas as coisas; o momento eterno da idade dourada, este original fundamento de ser - que realmente, não obstante, sempre suportou e sempre suportará - lá num dia da semana da existência humana, como um espinho atormentador enterrado profundamente na alma, como uma recordação de uma reivindicação nunca preenchida, como uma manhã fatal de um prometido paraíso perdido; por este "presente" sonho febril para um "passado" condenado em um "futuro" nublado. Eu entendi. Esta inebriação era um vôo espacial, não do exterior mas sim do homem interior e por um momento, eu experimentei a realidade de um local além da força da gravidade do tempo.

Como eu comecei a sentir novamente a força da gravidade, eu fui infantil o bastante para querer adiar este retorno tomando uma nova dose de 6 mg de psilocybin as 11:45, e uma vez mais 4 mg as 14:30. O efeito foi insignificante, e em todo caso não vale a pena ser mencionando.

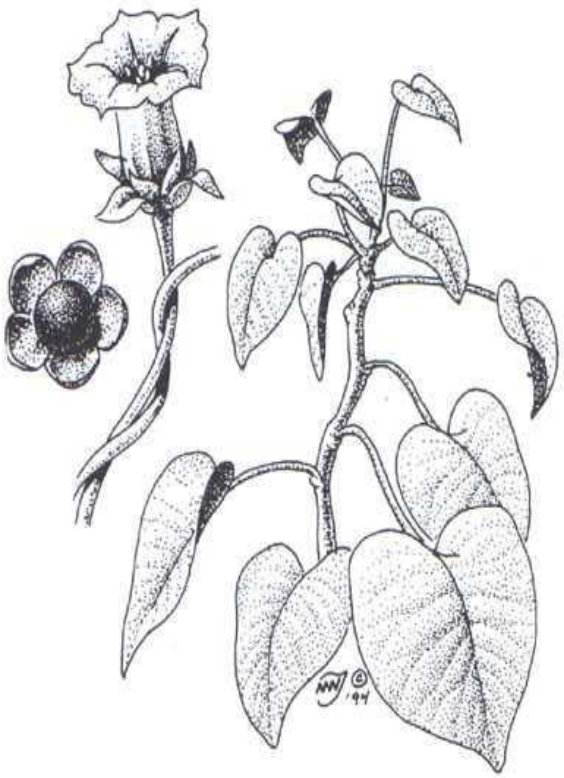
Sra. Li Gelpke, uma artista, também participou desta série de investigações, fazendo três auto-experiências com LSD e psilocybin. A artista escreveu dos desenhos que ela fez durante a experiência:

Nada nesta página foi formado conscientemente. Enquanto eu trabalhei nisto, a memória (da experiência sob o psilocybin) era novamente realidade e me conduziu a cada pincelada. Por isso o quadro é como muitas camadas desta memória e a figura do lado direito mais em baixo, realmente é o que capturei dos sonhos... Quando livros sobre arte mexicana depois vieram até minhas mãos três semanas mais tarde, eu achei novamente lá os motivos de minhas visões onde com um começo súbito...

Eu também mencionei a ocorrência de motivos mexicanos na inebriação de psilocybin durante minha primeira auto-experiência mexicana com Psilocybe seco, como foi descrito na seção na investigação química destes cogumelos. O mesmo fenômeno também ocorreu com R. Gordon Wasson. Procedendo de tais observações, ele adiantou a conjetura que a arte mexicana antiga poderia ter sido influenciada através de imagens visionárias, como eles aparecem na inebriação de cogumelo.

6.5. A "Mágica Glória Matutina" Ololiuhqui

Depois que nós conseguimos resolver o enigma do cogumelo sagrado teonanacatl em um tempo relativamente pequeno, eu também me interessei pelo problema de outra droga mágica mexicana ainda não quimicamente elucidada, o ololiuhqui. Ololiuhqui é o nome asteca para as sementes de certas plantas trepadeiras (Convolvulaceae) que, como o peyotl do cacto da mescalina e o teonanacatl, foram usadas em tempos pré-colombianos pelos astecas e pessoas vizinhas em cerimônias religiosas e práticas mágicas curativas. Ololiuhqui ainda hoje é usado através de certas tribos índias como a Zapotec, Chinantec, Mazatec e Mixtec, que até pouco tempo atrás ainda tinham uma genuína existência isolada, pouco influenciada pelo Cristianismo, nas distantes montanhas do México meridional.



Argyreia Nervosa
from "Psychedelic Shamanism" by Jim DeKorne

Um excelente estudo histórico, etnológico e botânico do ololiuhqui foi publicado em 1941 por Richard Evans Schultes, diretor do Harvard Museu Botânico em Cambridge, Massachusetts. É intitulado "Uma Contribuição para o Nosso Conhecimento da Rivea corymbosa, o narcótico Ololiuqui dos astecas". As declarações seguintes sobre a história do ololiuhqui derivam principalmente da monografia de Schultes.

[Nota do tradutor: Como R. Gordon Wasson mostrou, "ololiuhqui" é uma ortografia mais precisa que a mais popular usada por Schultes. Veja os Folhetos do Museu Botânico da Universidade de Harvard 20: 161-212, 1963].

Os registros mais antigos sobre esta droga foram escritos por cronistas espanhóis do décimo sexto século que também mencionaram o peyotl e teonanacatl. Assim, o frade franciscano Bernardino Sahagun, na sua famosa já citada crônica "Historia General de las Cosas de Nueva Espana", escreve sobre os efeitos maravilhosos do ololiuhqui: Existe uma erva, denominada coatl xoxouhqui (serpente verde) que produz sementes que são chamadas ololiuhqui. Estas sementes estupefazem e tiram a razão: elas são tomadas como uma poção.

Nós obtivemos informações adicionais sobre estas sementes do médico Francisco Hernandez, a quem Felipe II enviou da Espanha para o México, de 1570 a 1575, para estudar os medicamentos dos nativos. No capítulo "Sobre Ololiuhqui" de seu trabalho monumental intitulado Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus seu Plantarum, Animalium Mineralium Mexicanorum Historia, publicado em Roma em 1651, ele fornece uma descrição detalhada e a primeira ilustração do ololiuhqui. Num extrato do texto latino que acompanha a ilustração lê-se em tradução: “Ololiuhqui, que outros chamam coaxihuitl ou planta-serpente, é uma trepadeira com folhas magras, verdes, em formato de coração”.... As flores são brancas, bastante grandes.... As sementes são arredondadas.... Quando os sacerdotes dos índios queriam visitar os deuses e deles obter informação, eles comiam desta planta para ficarem inebriados. Milhares de imagens fantásticas e demônios apareciam então a eles.... “Apesar desta descrição comparativamente boa, a identificação botânica de ololiuhqui como sementes de Rivea corymbosa (L.) Hall”. f. ocasionou muitas discussões nos círculos especializados. Recentemente a preferência foi dada ao sinônimo Turbina corymbosa (L.) Raf.

Quando eu decidi em 1959 tentar o isolamento dos princípios ativos do ololiuhqui, só um único relatório de trabalho da substância química com as sementes da Turbina corymbosa estava disponível. Era o trabalho do farmacólogo C. G. Santesson de Estocolmo, do ano 1937. Porém Santesson não teve êxito no isolamento de uma substância ativa na forma pura.

Tinham sido publicados achados contraditórios sobre a atividade das sementes do ololiuhqui. O psiquiatra H. Osmond conduziu uma auto-experiência com as sementes da Turbina corymbosa em 1955. Depois da ingestão de 60 a 100 sementes, ele entrou num estado de apatia e vazio, acompanhado por uma sensibilidade visual aumentada. Depois de quatro horas, seguiu-se um período de relaxamento e bem-estar que durou um tempo bastante longo. Os resultados de V. J. Kinross Wright, publicados na Inglaterra em 1958, nos quais oito voluntários na pesquisa que tinham ingerido 125 sementes não perceberam nenhum efeito, contradizendo este relatório.

Por intermédio de R. Gordon Wasson, eu obtive duas amostras de sementes de ololiuhqui. Em sua carta de acompanhamento de 6 de agosto de 1959, Cidade de México, ele escreveu a respeito delas:

> *... Os pacotes que eu lhe estou enviando são o seguinte:...*
>
> *Um pacote pequeno de sementes que eu acredito serem de Rivea corymbosa, também conhecido como o famoso narcótico dos astecas ololiuqui, chamado Huautla "la semilla de la Virgen". Este pacote, você achará, consiste em duas garrafas pequenas, que representam duas entregas de sementes que nos fizeram em Huautla, e um grupo maior de sementes entregue a nós por Francisco Ortega "Chico", o guia Zapotec, que ele próprio juntou as sementes das plantas na cidade Zapoteca de San Bartolo Yautepec....*

As citadas primeiro, são sementes redondas, de cor marrom claro vindas de Huautla, provadas na determinação botânica de terem sido identificadas corretamente como Rivea (Turbina) corymbosa, enquanto as pretas, sementes angulares de San Bartolo Yautepec foram identificadas como sendo de Ipomoea violacea L.

Enquanto a Turbina corymbosa só prospera em climas tropicais ou sub-tropicais, pode-se também achar a Ipomoea violacea como uma planta ornamental dispersa por todos os lugares nas zonas temperadas. É a glória matutina que encanta os olhos nos nossos jardins em diversas variedades com cálices azul-listado ou azul-vermelho.

O Zapotec, além do ololiuhqui original (quer dizer, além das sementes de Turbina corymbosa que eles chamam badoh), também utilizam badoh negro, as sementes de Ipomoea violacea. T. MacDougall que nos forneceu uma segunda consignação maior das sementes citadas por último fez esta observação:

Meu capaz assistente de laboratório Hans Tscherter, com quem eu tinha já executado o isolamento dos princípios ativos dos cogumelos, participou na investigação química da droga ololiuhqui. Nós elaboramos a hipótese de que os princípios ativos das sementes de ololiuhqui pudessem ser representantes da mesma classe de substâncias químicas, os componentes de índole, dos quais o LSD, o psilocybin, e psilocin pertencem. Considerando o muito grande número de outros grupos de substâncias que, como os de índoles, estavam sob consideração como princípios ativos do ololiuhqui, realmente era extremamente inverossímil que esta suposição fosse provada como verdadeira. Porém ela pôde muito facilmente ser testada. A presença de componentes de índole, claro que, simplesmente e rapidamente pode ser determinada por reações colorimétricas. Assim até mesmo traços de substâncias de índole, com um certo reativo, dão uma intensa solução azul-colorida.

Nós tivemos sorte com nossa hipótese. Extratos de sementes de ololiuhqui com o reativo apropriado apresentaram a característica coloração azul das combinações de índole. Com ajuda deste teste colorimétrico, nós tivemos sucesso em pouco tempo no isolamento de substâncias de índole das sementes e os obtendo na forma quimicamente pura. A identificação delas conduziu a um resultado surpreendente. O que nós achamos em princípio parecia inacreditável. Só depois da repetição e o escrutínio mais cuidadoso das operações nossas suspeitas relativas aos achados peculiares foram eliminadas: os princípios ativos da antiga droga mágica mexicana ololiuhqui provaram serem idênticos aos das substâncias que já estavam presentes em meu laboratório. Elas eram idênticas aos alcalóides que tinham sido obtidos no curso das investigações, na década anterior, da cravagem do centeio; uma parte como os isolados da cravagem, outra parte obtida pela modificação química das substâncias da cravagem.

Ácido amido lisérgico, ácido lisérgico hydroxyethylamide, e alcalóides quimicamente a eles relacionados foram estabelecidos como os princípios ativos principais do ololiuhqui. (Veja fórmula no apêndice) [n.t. não estavam disponíveis nos originais desta tradução]. Também estava presente o alcalóide ergobasine cuja síntese tinha constituído o ponto de partida de minhas investigações em alcalóides da cravagem. Ácido lisérgico amido e ácido lisérgico hydroxyethylamide, princípios ativos do ololiuhqui, são quimicamente muito próximo relacionados ao ácido lisérgico dietilamido (LSD), que segue até mesmo os nomes não químicos.

O ácido amido lisérgico, que foi descrito pela primeira vez pelos químicos ingleses S. O Smith e G. M. Timmis como um produto da divisão de alcalóides da cravagem, e que eu também tinha produzido sinteticamente esta substância no curso das investigações nas quais o LSD originou. Certamente, ninguém poderia ter suspeitado, na ocasião, que este composto sintetizado no frasco seria descoberto vinte anos depois como um princípio ativo acontecendo naturalmente numa antiga droga mágica mexicana.

Depois da descoberta dos efeitos psíquicos do LSD, eu tinha testado também o ácido amido lisérgico em uma auto-experiência e estabelecido que evocava uma condição idêntica a um sonho, mas só com dose dez a vinte vezes maior que a dose do LSD. Este efeito foi caracterizado por uma sensação de vazio mental, o irrealismo e sem sentido do mundo exterior, por uma sensibilidade aumentada da audição, e por uma lassidão física desagradável que, em última instância, conduzia para o dormir. Este quadro dos efeitos do LA-1 1 1, como o ácido amido lisérgico foi chamado como um preparado de pesquisa, foi confirmado em uma investigação sistemática pelo psiquiatra Dr. H. Solms.

Quando eu apresentei os achados de nossas investigações sobre o ololiuhqui no Congresso de Produtos Naturais da União Internacional para Química Pura e Aplicada (IUPAC) em Sydney, Austrália, no outono de 1960, meus colegas receberam minha conversa com ceticismo. Nas discussões que seguiram minha conferência, algumas pessoas expressaram a suspeita que os extratos de ololiuhqui poderiam ter sido contaminados com traços de derivados do ácido lisérgico, com que tanto se trabalhava em meu laboratório.

Havia outra razão para a dúvida nos círculos especializados no que concernem aos achados. A ocorrência em plantas mais elevadas (i.e., na família da manhã gloriosa) dos alcalóides da cravagem que até então só tinham sido conhecidos como componentes de fungos que são plantas inferiores, contradizia a experiência que certas substâncias são típicas de, e se restringem às suas respectivas famílias de plantas. Realmente é uma exceção muito rara achar um grupo característico de substâncias, neste caso os alcalóides da cravagem, acontecendo em duas divisões do reino das plantas, amplamente separados na história evolutiva.

Nossos resultados foram confirmados, porém, quando laboratórios diferentes nos Estados Unidos, Alemanha, e Holanda subseqüentemente verificaram nossas investigações sobre as sementes do ololiuhqui. Não obstante, o ceticismo foi tão longe que algumas pessoas tinham considerado a possibilidade que as sementes pudessem ter sido infectadas com os fungos produtores do alcalóide. Porém aquela suspeita foi experimentalmente derrubada.

Estes estudos nos princípios ativos de sementes de ololiuhqui, embora só tivessem sido publicados em jornais profissionais, tiveram uma seqüela inesperada. Nós éramos provisionados por duas companhias holandesas atacadistas de sementes que tiveram a venda das sementes de Ipomoea violacea, a glória matutina ornamental azul, alcançado proporções incomuns nos últimos tempos. Eles tinham ouvido que a grande demanda estava conectada com as investigações destas sementes em nosso laboratório sobre o qual eles estavam ansiosos para aprender os detalhes. Foi demonstrado que a nova demanda derivou de círculos de hippies e de outros grupos de interessados por drogas alucinógenas. Eles acreditavam que tinham achado nas sementes de ololiuhqui um substituto para o LSD que estava ficando menos acessível.

O boom da semente da glória matutina, porém, durou apenas um tempo comparativamente pequeno, evidentemente por causa das experiências indesejáveis que esses do mundo das drogas tiveram com este "novo" antigo inebriante. As sementes de ololiuhqui são esmagadas com água ou outra bebida moderada, têm um gosto muito ruim e é difícil para o estômago digerir. Além disso, os efeitos psíquicos do ololiuhqui, de fato, diferem daqueles do LSD em que a euforia e os componentes alucinógenos são menos pronunciados, enquanto uma sensação de vazio mental, freqüentemente ansiedade e depressão, predominam. Além disso, o cansaço e lassidão são efeitos dificilmente desejáveis como características num inebriante. Estas puderam ser toda as razões por que o interesse da cultura da droga das sementes da manhã gloriosa diminuíram.

Só algumas poucas investigações consideraram a pergunta se os princípios ativos de ololiuhqui poderiam achar uma aplicação útil em medicamentos. Na minha opinião, valeria a pena, acima de tudo, verificar se o narcótico forte, o efeito sedativo de certos componentes do ololiuhqui, ou de suas modificações químicas, pudessem ser medicinalmente úteis.

Meus estudos no campo das drogas alucinógenas alcançaram um tipo de conclusão lógica com as investigações de ololiuhqui. Eles agora formavam um círculo, poder-se-ia dizer quase que um círculo

mágico: o ponto de partida tinha sido a síntese do ácido amido lisérgico, entre eles o alcalóide natural ergobasin da cravagem do centeio. Isto conduziu à síntese do ácido lisérgico diethylamide, LSD. As propriedades alucinógenas do LSD eram a razão porque o cogumelo mágico alucinógeno teonanacatl achou o caminho de meu laboratório. O trabalho com teonanacatl do qual o psilocybin e o psilocin foram isolados, procedeu à investigação da outra droga mágica mexicana, o ololiuhqui no qual princípios alucinógenos da forma do amido ácido lisérgico foram novamente encontrados, incluindo ergobasin, com o qual o círculo mágico se fechou.

6.6. À procura da Planta Mágica "Ska Maria Pastora" no território Mazatec

R. Gordon Wasson, com quem eu tinha mantido relações amigáveis desde as investigações dos cogumelos mágicos mexicanos, convidou minha esposa e eu para participar de uma expedição para o México no outono de 1962. O propósito da jornada era procurar outra planta mágica mexicana. Wasson tinha aprendido nas suas viagens pelas montanhas do México meridional que o suco obtido das folhas de uma planta chamada hojas de la Pastora ou de hojas de Maria Pastora, em Mazatec ska Pastora ou ainda ska Maria Pastora (folhas da pastora ou folhas de Maria pastora), que eram usadas entre os Mazatec em práticas médico-religiosas, de mesma maneira que os cogumelos teonanacatl e as sementes ololiuhqui.

A pergunta era agora se certificar de que tipo de planta derivavam as "folhas da Maria pastora" e então identificar botanicamente esta planta. Nós também esperamos, se possível, juntar suficiente material da planta para proceder a uma investigação química dos princípios alucinógenos que ela contivesse.

6.7. Passeio através de Sierra Mazateca

Em 26 de setembro de 1962, minha esposa e eu, como combinado, voamos para a Cidade do México onde nós conhecemos Gordon Wasson. Ele tinha feito todos os preparativos necessários para a expedição, de forma que em dois dias nós já estávamos na segunda etapa da jornada para o sul. Sra. Irmgard Weitlaner Johnson, (a viúva de Jean B. Johnson, um pioneiro do estudo etnográfico dos cogumelos mágicos mexicanos, morto numa incursão Aliada na África Norte) tinha se reunido a nós. O pai dela, Robert J. Weitlaner, tinha emigrado da Áustria para o México e tinha contribuído igualmente para o redescobrimento do culto do cogumelo. A Sra. Johnson trabalhava no Museu Nacional de Antropologia na Cidade de México, como especialista em tecidos índios.

Depois de uma jornada de dois dias num espaçoso Land Rover que nos levou para cima do planalto ao longo do nevado Popocatepetl, passando Puebla, descemos o Vale de Orizaba com sua magnífica vegetação tropical, então por balsa pelo Popoloapan (Rio Borboleta), e pela trilha asteca Tuxtepec, nós chegamos ao ponto de partida da nossa expedição, o território Mazatec Jalapa Diaz, que ficava ao lado de uma colina.

Lá estávamos nós no meio do ambiente e entre as pessoas que nós viríamos a conhecer nas próximas duas semanas e meia.

Houve um alvoroço na nossa chegada no mercado, o centro desta aldeia era bastante disperso pela selva. Velhos e jovens que estavam agachados ou reunidos em bares e lojas semi-abertos, foram tomados de uma suspeitosa curiosidade sobre nosso Land Rover; eles estavam principalmente descalços mas todos usaram um sombrero. Mulheres e meninas não eram vistas em nenhuma parte. Um dos homens nos deu a entender que nós deveríamos segui-lo. Ele nos conduziu ao presidente local, um mestiço gordo que tinha o escritório dele numa casa-armazém com um telhado de ferro corrugado. Gordon lhe mostrou nossas credenciais das autoridades civis e do governador militar de Oaxaca que explicavam que nós tínhamos vindo aqui para executar investigações científicas. O presidente, que provavelmente não podia ler nada, ficou visivelmente impressionado pelos

documentos tamanho-grande equipados com selos oficiais. Ele nos arrumou alojamento em um abrigo espaçoso no qual nós poderíamos colocar nossos colchões de ar e bolsas para dormir.

Eu dei uma espiada ao redor da região. As ruínas de uma grande igreja colonial, que uma vez devia ter sido muito bonita, de cor rosada quase fantasmagórica, ficava na direção de uma rampa ascendente ao lado da aldeia. Agora eu também podia ver mulheres que olham para fora de suas cabanas e podiam aventurar-se em examinar os estranhos. Nos seus longos vestidos brancos, adornados com bordados vermelhos e com suas longas tranças de cabelo azul-negro, elas ofereciam uma visão pitoresca.

Fomos alimentados por uma velha mulher Mazatec que dirigia um cozinheiro jovem e dois ajudantes. Ela vivia em uma das cabanas típicas de Mazatec. Estas são estruturas simples retangulares com telhado de colmo empenado e paredes unidas com vigas de madeira, sem janelas, as rachas entre as vigas de madeira ofereciam suficiente oportunidade para olhar fora. No meio da cabana, no chão de barro batido, havia uma lareira elevada, aberta, construída com barro seco e com pedras. A fumaça escapava por umas aberturas grandes nas paredes debaixo do final do telhado. Esteiras alinhavadas (redes) que se estendiam em um canto ou ao longo das paredes serviam como camas. As cabanas eram compartilhadas com animais domésticos, como também suínos pretos, perus e galinhas. Lá foi assada uma galinha para nós comermos, feijões pretos e também, no lugar de pão, tortittas, um tipo de panqueca de farinha de cereal que é assada na laje de pedra quente do forno. Foram servidos cerveja e tequila, uma bebida alcoólica feita de Agave.

Na manhã seguinte nossa tropa se formou para o passeio pela Sierra Mazateca. Mulas e guias tinham sido providenciados pelo guardador de cavalos da aldeia. Guadelupe, o Mazatec familiarizado com a rota, se encarregou de guiar o animal líder. Gordon, Irmgard, minha esposa e eu ficamos com as nossas mulas no meio. Teodosio e Pedro, chamado Chico, dois jovens companheiros que ficaram juntos trotando descalços ao lado das duas mulas carregadas com nossa bagagem, fechavam a retaguarda.

Levou algum tempo para acostumar-nos às selas duras de madeira. Todavia este modo de locomoção provou ser o tipo mais ideal de viagem que eu conheço. As mulas seguiam o líder, em fila única, a um passo fixo. Elas não requeriam nenhuma direção dada pelo cavaleiro. Com destreza surpreendente, elas procuravam os melhores lugares ao longo de caminhos quase intransitáveis, nas partes rochosas, nas partes pantanosas que conduziam por moitas e fluxos ou sobre rampas de precipícios. Aliviado de todos os cuidados da viagem, nós pudemos dedicar toda nossa atenção à beleza da paisagem e da vegetação tropical. Haviam florestas tropicais com árvores gigantescas crescidas de forma entrelaçadas, então novamente clareiras com plantações de banana ou plantações de café, entre postos de luz de árvores, flores à extremidade do caminho em cima das quais haviam borboletas maravilhosas que estavam atarefadas com elas.... Nós fizemos nosso caminho rio acima ao longo do leito fluvial do Rio Santo Domingo, sob um calor chocante e um ar vaporoso, uma vez subindo e outra novamente descendo. Durante um curto e violento aguaceiro tropical, os ponchos largos e longos de tecido oleoso, com que Gordon tinha nos equipado, provaram ser bastante úteis. Nossos guias indígenas tinham se protegido do aguaceiro com gigantescas folhas, do formato de coração que eles tinham rapidamente cortado junto à beira do caminho. Teodosio e Chico, quando corriam cobertos com estas folhas ao lado de suas mulas, davam a impressão de grandes montes verdes de feno.

Logo antes anoitecer nós chegamos à primeira determinação, o rancho La Providencia. O proprietário, Don Joaquin Garcia, chefe de uma grande família, nos deu boas-vindas hospitavelmente e cheio de dignidade. Era impossível determinar quantas crianças, além dos adultos e dos animais domésticos, estavam presentes na grande sala de estar, fracamente iluminada só pelo fogo do forno.

Gordon e eu colocamos nossas bolsas de dormir ao ar livre, debaixo de uma projeção do telhado. Eu despertei pela manhã por causa de um porco que grunhia em cima de minha face.

Depois de um outro dia de jornada nas ancas de nossas merecidas mulas, nós chegamos a Ayautla, um assentamento Mazatec esparramado num lado de uma colina. Na rota, entre o matagal, eu tinha ficado encantado com os cálices azuis da mágica glória matutina ou Ipomoea violacea, a planta, mãe das

sementes ololiuhqui, lá cresciam de modo silvestre, considerando que entre nós só é achada como uma planta ornamental em Jardims.

Nós permanecemos em Ayautla durante vários dias. Nós ficamos hospedados na casa de Dona Donata Sosa de Garcia. Dona Donata era a responsável por uma grande família que incluía o marido doente. Em adição, ela presidia o cultivo de café da região. O centro de coleta para as sementes frescas e partidas de café estava em um edifício adjacente. Era um quadro adorável, a mulher índia jovem e as meninas que voltavam da colheita para casa ao entardecer, nos seus artigos de vestuário luminosos adornados com bordas coloridas, e os sacos de café contidos nas partes de trás delas, seguras através de fitas na cabeça. Dona Donata também administrava um tipo de supermercado no qual o marido dela, Don Eduardo, se posicionava como o contador.

À noite, através da luz de vela, Dona Donata, que além de Mazatec também falava o espanhol, nos falou sobre vida na aldeia; uma ou outra tragédia já tinha golpeado quase todo mundo das cabanas aparentemente calmas que pareciam cercadas por uma paisagem paradisíaca. Um homem que tinha assassinado sua esposa, e que agora estava em prisão perpétua, morava na casa vizinha que agora estava vazia. O marido de uma filha de Dona Donata, depois de um caso com outra mulher, foi assassinado por ciúmes. O presidente de Ayautla, um grande jovem mestiço, para quem nós tínhamos feito nossa visita formal pela tarde, nunca percorria a pequena distância que separava sua cabana do "escritório" dele no corredor de aldeia (com telhado de ferro corrugado) a menos que acompanhado por dois homens fortemente armados. Porque ele extorquia impostos ilegais, ele tinha medo de ser morto a tiros. Considerando que nenhuma autoridade mais alta vê a justiça nesta distante região, as pessoas têm recorrido a este tipo de autodefesa.

Graças às boas conexões de Dona Donata, nós recebemos uma primeira amostra da planta procurada, algumas folhas de hojas de la Pastora, de uma mulher velha. Considerando que as flores e raízes estavam faltando, este material de planta não era satisfatório para a identificação botânica. Nossos esforços para obter informação mais precisa sobre o hábitat da planta e seu uso também foram infrutíferos.

A continuação de nossa jornada a partir de Ayautla foi retardada, como nós tivemos que esperar até que nossos meninos pudessem trazer novamente de volta as mulas que eles tinham levado para pastar no outro lado do Rio Santo Domingo, e que ficaram sitiadas devido a enchente do rio, por intensos aguaceiros.

Depois de um passeio de dois dias no qual nós passamos a noite na aldeia montanhesa de San Miguel Huautla, nós chegamos ao Rio Santiago. Aqui nós nos juntamos a Dona Herlinda Martinez Cid, uma professora de Huautla de Jimenez. Ela tinha vindo a convite de Gordon Wasson que a tinha conhecido desde suas expedições de cogumelos e que tinha servido como nossa intérprete de Mazatec e da língua espanhola. Além disso, ela poderia nos ajudar, através de seus numerosos parentes difundidos pela região, e pavimentar deste modo os contatos com curandeiros e curandeiras que usavam hojas de la Pastora em suas práticas. Por causa de nossa chegada atrasada em Rio Santiago, Dona Herlinda, que estava familiarizada com os perigos da região, tinha ficado apreensiva sobre nós e tinha temido que nós pudéssemos ter caído de um caminho rochoso ou poderíamos ter sido atacado por ladrões.

Nossa próxima parada foi em San Jose Tenango, um lugarejo situado profundamente em um vale, no meio da vegetação tropical, com árvores de laranja e limão e plantações de banana. Aqui era novamente o quadro típico de aldeia: no centro, um mercado com uma igreja meio-arruinada do período colonial, com dois ou três postos, uma loja geral e abrigos para cavalos e mulas. Nós achamos hospedagem nuns barracos de ferro de corrugado, com o luxo especial de um chão de cimento no qual nós poderíamos esparramar nossos sacos de dormir.

Na selva espessa no lado da montanha nós descobrimos um chuveiro cuja magnífica água fresca numa bacia rochosa natural nos convidou a tomar banho. Isso foi um prazer inesquecível depois dos dias sem oportunidades para se lavar corretamente. Nesta gruta, pela primeira vez eu vi um colibri na

natureza, como uma pedra preciosa azul-verde metálica, iridescente que zumbia em cima de grandes flores de liana.

O desejado contato com pessoas qualificadas em medicina ocorreu graças às conexões de parentesco de Dona Herlinda, começou com o curandeiro Don Sabino. Mas ele, por alguma razão, recusou nos receber em uma consulta para questionar sobre as folhas. De uma curandeira velha, uma mulher venerável magnificamente vestida à moda de Mazatec, com o adorável nome de Natividad Rosa, nós recebemos um pacote inteiro de espécimes floridos da planta procurada, mas mesmo ela não pôde ser prevalecida em executar uma cerimônia com as folhas para nós. A desculpa dela era que ela estava muito velha para o árduo trabalho da viagem mágica; ela nunca poderia cobrir a longa distância para certos lugares: uma primavera onde as mulheres sábias juntam os poderes delas, um lago no qual os pardais cantam, e onde objetos adquirem seus nomes. Nem a Natividad Rosa nos falaria onde ela tinha juntado as folhas. Elas cresciam num muito, muito distante vale da floresta. Onde quer que ela desenterrasse uma planta, ela punha um grão de café na terra como graças aos deuses.

Nós agora possuímos amplas plantas com flores e raízes o que era satisfatório para uma identificação botânica. Era aparentemente uma representante do gênero Salvia, uma parente da bem conhecida salvia do prado. As plantas tinham flores azuis coroadas com uma cúpula branca que estava organizada num panículo de 20 a 30 cm de tamanho, cujo talo era azulado.

Vários dias depois, a Natividad Rosa trouxe para nós uma cesta inteira de folhas pelas quais ela tinha pagado cinqüenta pesos. O negócio parecia ter sido discutido, com duas outras mulheres que nos trouxeram quantidades adicionais de folhas. Como era conhecido que era o suco espremido das folhas que era bebido na cerimônia, e que isto tinha que conter o princípio ativo então, as folhas frescas foram esmagadas em um prato de pedra, apertadas em um pano e o suco diluído com álcool como um preservativo, e se decantou em frascos para ser estudado depois no laboratório na Basiléia. Eu fui ajudado neste trabalho por uma menina índia que estava acostumada a lidar com a pedra plana, o metate na qual os índios, desde tempos muito antigos, moíam o milho deles à mão.

Um dia antes da jornada continuar, depois de ter deixado toda a esperança de ser capaz de assistir uma cerimônia, de repente nós estabelecemos outro contato com uma curandeira, uma que estava pronta "para nos servir". Um confidente de Herlinda, que tinha produzido este contato, nos conduziu depois do anoitecer ao longo de um caminho secreto para a cabana da curandeira, que ficava solitário no lado da montanha sobre o lugarejo. Ninguém da aldeia devia nos ver ou descobrir que nós fomos recebidos lá. Era obviamente considerado uma traição aos sagrados costumes, merecedor de castigo, permitir que estranhos, brancos, tomassem parte nisto. Que realmente também tinha sido a real razão por que os outros curandeiros a quem nós perguntamos e que tinham recusado nos admitir numa cerimônia de folhas. Estranhos chamados de pássaros, vindos da escuridão, nos acompanharam na ascensão, e o latido de cachorros foi ouvido de todos os lados. Os cachorros tinham descoberto os estranhos. A curandeira Consuela Garcia, uma mulher de uns quarenta anos, descalça como todas as mulheres índias desta região, timidamente nos admitiu em sua cabana, imediatamente fechando a entrada com uma pesada barra. Ela nos solicitou para ficar deitado nas redes no assoalho de chão batido. Como Consuela só falava Mazatec, Herlinda traduziu para nós suas instruções para o espanhol. A curandeira acendeu uma vela numa mesa coberta com algumas imagens de santos, junto com uma variedade de lixo. Então ela começou a estar atarefada sobre sua ocupação, mas em silêncio. Uma vez nós ouvimos ruídos peculiares de alguém revistando a cabana, Haveria alguma pessoa escondida cujas formas e proporções não puderam ser visualizadas na luz da vela? Visivelmente transtornada, Consuela procurou pelo quarto com a vela ardente. Aparentou ser somente ratos, porém poderia ser alguém fazendo uma brincadeira de mau gosto. Em uma tigela a curandeira então inflamou copal, um incenso tipo resina que logo encheu a cabana inteira com seu aroma. Então a poção mágica foi cerimoniosamente preparada. Consuela inquiriu qual de nós desejava beber disto com ela. Gordon se anunciou. Considerando que eu estava sofrendo uma severa crise de estômago, transtornado na ocasião, eu não pude me unir a eles. Minha esposa me substituiu. A curandeira dispusera seis pares de folhas para ela. Ela aquinhoou o mesmo número para Gordon. Anita recebeu três pares. Como os cogumelos, as folhas são dosadas sempre em pares, uma prática que, claramente tem um significado mágico. As folhas foram esmagadas com o metate, então espremidas em uma fina peneira numa

xícara, foram enxaguados o metate e os conteúdos da peneira com água. Finalmente, as xícaras cheias foram derramadas sobre a vasilha de copal com muita cerimônia. Consuela perguntou para Anita e para Gordon, antes que ela lhe desse suas xícaras, se eles acreditaram na verdade e na santidade da cerimônia. Depois que eles responderam afirmativamente a poção, de sabor amargo, foi absorvida solenemente, as velas foram apagadas e, deitados em escuridão nas redes, nós esperamos os efeitos.

Depois que uns vinte minutos Anita sussurrou para mim que ela via golpeando, imagens de bordas brilhantes. Gordon também percebeu o efeito da droga. A voz da curandeira soou da escuridão, meio falando, meio cantando. Herlinda traduziu: Nós acreditamos no sangue de Cristo e na santidade dos ritos? Depois de nosso "creemos" ("Nós acreditamos"), o desempenho cerimonial continuou. A curandeira acendeu as velas, as moveu da "mesa do altar" para o chão, cantou e falou orações ou fórmulas de magia, colocou as velas novamente debaixo das imagens dos santos, então novamente o silêncio e a escuridão. Logo após a verdadeira consulta começou. Consuela perguntou pelo nosso pedido. Gordon perguntou sobre a saúde da filha dele que imediatamente antes da partida dele de Nova Iorque teve que ser admitido prematuramente num hospital na expectativa de um bebê. Ele recebeu a informação confortante que a mãe e criança estavam bem. Então novamente vindo a cantar e orar e vieram as manipulações com velas na "mesa do altar" e no chão, em cima da bacia de fumaça.

Quando a cerimônia estava no seu final, a curandeira nos pediu que dedicássemos ainda um pouco mais de tempo em oração em nossas redes. De repente um estouro de temporal lá fora. Pelas rachas das paredes de viga, raios flamejantes brilharam na escuridão da cabana, acompanhada por violentos trovões, enquanto um grande de aguaceiro tropical, batia no telhado. Consuela apreensiva sonorizou que nós não poderíamos deixar a casa dela de forma a não sermos vistos protegidos pela escuridão. Mas o temporal diminuiu antes de alvorecer, e nós descemos a montanha para o nosso barraco de ferro corrugado, o mais silenciosamente possível, pela luz de lanternas, despercebidos pelos aldeões, mas os cachorros latiram novamente por todos os lados.

A participação nesta cerimônia foi o clímax de nossa expedição. Trouxe a confirmação que as hojas de la Pastora eram usadas pelos índios com o mesmo propósito e no mesmo ambiente cerimonial como o teonanacatl, os cogumelos sagrados. Agora nós também tínhamos material autêntico da planta, não só suficiente para uma identificação botânica, mas também para a análise química planejada. O estado inebriante que Gordon Wasson e minha esposa tinham experimentado com o hojas tinha sido fraco e só de pequena duração, contudo tinha exibido um caráter distintamente alucinógeno.

Na manhã seguinte a esta significativa noite nós saímos de licença. O guia, Guadelupe e seus dois companheiros, Teodosio e Pedro, apareceram com as mulas no nosso alojamento antes do momento designado. Logo que fizemos as malas e montamos, nossa pequena tropa moveu-se então novamente, pela paisagem fértil que reluzia na luz solar do temporal da noite. Retornando pela via de Santiago, quase à noite nós chegamos a nossa última parada no território Mazatec, a capital Huautla de Jimenez.

Daqui em diante, a viagem de retorno para Cidade do México foi feita através de automóvel. Com uma ceia final na Posada Rosaura, na ocasião a única pousada de Huautla, nós dispensamos nossos guias indígenas e as valorosas mulas que nos tinham levado assim tão seguramente e de um modo tão agradável pela Sierra Mazatec. Os índios foram pagos e Teodosio, que também aceitou o pagamento para seu chefe em Jalapa Diaz (para onde os animais seriam devolvidos posteriormente), e nos deu um recibo com sua impressão digital colorida por uma caneta esferográfica. Nós ficamos com quartos da casa de Dona Herlinda.

Um dia depois, nós fizemos nossa visita formal a curandeira Maria Sabina, uma mulher tornada famosa pelas publicações dos Wassons. Foi na cabana dela que Gordon Wasson se tornou o primeiro homem branco a provar os cogumelos sagrados, no curso de uma cerimônia noturna, no verão de 1955. Gordon e Maria Sabina saudaram um ao outro como velhos amigos, cordialmente. A curandeira vivia fora do caminho, ao lado das montanhas de Huautla. A casa na qual a histórica sessão com Gordon Wasson tinha acontecido, tinha sido queimada, presumivelmente por residentes enfurecidos ou algum colega invejoso, porque ela tinha divulgado o segredo do teonanacatl para estranhos. Na nova cabana na qual nós estávamos, prevalecia uma desordem incrível, como provavelmente também devia

ter prevalecido na antiga cabana na qual as crianças meio-desnudas, galinhas e porcos viviam em alvoroço. A velha curandeira tinha uma face inteligente, excepcionalmente mutável em expressão. Ela ficou impressionada obviamente quando foi explicado que nós tínhamos conseguido confinar o espírito dos cogumelos em pílulas, e ela prontamente se declarou pronta para "nos servir" com elas, quer dizer, nos conceder uma consulta. Ficou acordado que isto deveria acontecer na próxima noite na casa de Dona Herlinda.

No curso do dia, dei um passeio por Huautla de Jimenez que me conduziu ao longo de uma rua principal ao lado da montanha. Então eu acompanhei Gordon na sua visita ao Instituto Nacional Indigenista. Esta organização governante tinha o dever de estudar e ajudar a resolver os problemas da população indígena, quer dizer, os índios. Seu líder nos contou as dificuldades que a "política do café" estava causando na área naquele momento. O presidente de Huautla, em colaboração com o Instituto Nacional Indigenista tinham tentado eliminar os intermediários para tornar o preço do café mais favorável para os produtores índios. O corpo dele fora achado, mutilado, no mês anterior.

Nosso passeio também nos levou até a catedral na qual cantos gregorianos ressoaram. O velho padre Aragon a quem Gordon conhecera bem nas suas permanências anteriores, nos convidou para uma garrafa de tequila na sacristia.

6.8. Uma Cerimônia de cogumelo

Tão logo nós voltamos para a casa de Herlinda, ao entardecer, Maria Sabina já tinha chegado lá com uma grande comitiva, suas duas filhas adoráveis, Apolonia e Aurora (duas curandeiras videntes) e uma sobrinha, todos trouxeram também crianças. Sempre que a criança dela começava chorar, Apolonia ofereceria seu peito a ela. O velho curandeiro, Don Aurélio, também apareceu, um homem poderoso, caolho, vestindo um capote preto-e-branco. Foram servidos Cacao e massa doce na varanda. Fizeram-me lembrar do relato de uma velha crônica que descrevia como o "chocolatl" era bebido antes da ingestão de teonanacatl.

Quando escureceu, todos nós fomos para o quarto no qual a cerimônia aconteceria. Ele então foi fechado, isto é, a porta foi obstruída com a única cama disponível. Só uma saída de emergência que dava para os fundos do jardim permaneceu aberta para uma necessidade absoluta. Era quase meia-noite quando a cerimônia começou. Até aquele momento, todos os participantes da reunião tinham ficado dormindo na escuridão ou esperando os eventos da noite nas esteiras esparramadas pelo chão. Maria Sabina lançava de vez em quando um pedaço de copal nas brasas de um braseiro, pelo que o ar sufocante do quarto abarrotado ficava pouco suportável. Eu tinha explicado para a curandeira Herlinda, que estava novamente na reunião como intérprete, que aquela pílula continha o espírito de dois pares de cogumelos. (Cada pílula continha 5,0 mg de psilocybin sintético).

Quando tudo estava pronto, Maria Sabina distribuiu as pílulas em pares entre os adultos presentes. Depois de fumar solenemente, ela tomou dois pares (correspondendo a 20 mg de psilocybin). Ela deu a mesma dose para Don Aurélio e para sua filha Apolonia que também serviria como curandeira. Aurora recebeu um par, como também fez Gordon, enquanto minha esposa e Irmgard tomaram só uma pílula cada.

Uma das crianças, uma menina de cerca de dez anos, a pedido de Maria Sabina, tinha preparado para mim o suco de cinco pares de folhas frescas de hojas de la Pastora. Eu queria experimentar esta droga que eu tinha estado impossibilitado de tentar em San Jose Tenango. Foi dito que a poção era especialmente ativa quando preparada por uma menina virgem. A xícara com o suco exprimido foi igualmente purificada e conjurada por Maria Sabina e Don Aurélio, antes que me fosse entregue.

Todas estas preparações e muito da cerimônia seguinte progrediram do mesmo modo como a consulta com a curandeira Consuela Garcia em San Jose Tenango.

Depois que a droga foi consumida e a vela no "altar" foi apagada, nós esperamos os efeitos na escuridão.

Antes que uma meia hora tivesse decorrido, a curandeira murmuraram algo; sua filha e Don Aurélio também ficaram inquietos. Herlinda traduziu e nos explicou o que estava errado. Maria Sabina tinha dito que as pílulas não continham o espírito dos cogumelos. Eu discuti a situação com Gordon que se deitara ao meu lado. Para nós estava claro que a absorção do princípio ativo das pílulas, que precisava primeiro se dissolver no estômago, acontecia mais lentamente do que os cogumelos nos quais alguns dos princípios ativos já eram absorvidos pelas membranas mucosas durante o mastigar. Mas como nós poderíamos dar uma explicação científica sob tal condição? Em lugar de tentar explicar, nós decidimos agir. Nós distribuímos mais pílulas. As curandeiras e o curandeiro, cada um recebeu outro par. Cada um agora tinha tomado uma dose total de 30 mg de psilocybin.

Depois de aproximadamente outro quarto de hora, o espírito das pílulas começou a manifestar seus efeitos que duraram até o amanhecer. As filhas, e Don Aurélio com sua grave voz funda, fervorosamente respondiam às orações e canções da curandeira. Gemidos felizes, ansiosos de Apolonia e Aurora, entre cantar e rezar, deu a impressão que a experiência religiosa das jovens mulheres, na inebriação pela droga, foi combinada com sentimentos sensual-sexuais.

No meio da cerimônia, Maria Sabina perguntou pelo nosso pedido. Gordon perguntou novamente sobre a saúde da filha dele e de seu neto. Ele recebeu a mesma boa informação como a da curandeira Consuela. A mãe e criança de fato estavam bem quando ele voltou para sua casa em Nova Iorque. Porém obviamente isto ainda não representa nenhuma prova das habilidades proféticas de ambas curandeiras.

Evidentemente com o efeito do hojas, eu me achei durante algum tempo em um estado de sensibilidade mental e intensa experiência que, porém, não foi acompanhado de alucinações. Anita, Irmgard e Gordon experimentaram uma condição de euforia da inebriação que foi influenciada através da atmosfera estranha e mística. Minha esposa ficou impressionada pela visão de padrões distintos de linha muito estranhos.

Ela ficou surpresa e perplexa, algum tempo depois, ao descobrir as mesmas imagens justamente na rica ornamentação em cima do altar de uma velha igreja perto de Puebla. Isso aconteceu durante a viagem de retorno para a Cidade do México, quando nós visitamos igrejas de tempos coloniais. Estas igrejas admiráveis oferecem grande interesse cultural e histórico porque os artistas índios e trabalhadores que ajudaram na construção delas se basearam nos elementos do estilo índio. Klaus Thomas, em seu livro Die kunstlich gesteuerte Seele [A mente artificialmente guiada] (Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1970), escreve sobre a possível influência de visões da inebriação do psilocybin na arte indígena Meso-americana: "Seguramente uma comparação histórica-cultural das velhas e novas criações de arte índia... precisa convencer o espectador imparcial da harmonia com as imagens, formas e cores de uma inebriação de psilocybin". O caráter mexicano das visões visto na minha primeira experiência com o Psilocybe seco mexicano e do desenho de Li Gelpke depois de uma inebriação de psilocybin também poderiam apontar para uma tal associação.

Quando nós íamos deixar Maria Sabina e sua clã, ao amanhecer, a curandeira disse que as pílulas tinham o mesmo poder que os cogumelos e que não havia nenhuma diferença. Esta era uma confirmação, por parte de uma autoridade bem competente, de que o psilocybin sintético é idêntico ao produto natural. Como um presente de despedida eu deixei, com Maria Sabina, um frasco de pílulas de psilocybin. Ela radiante explicou, ao nosso intérprete Herlinda, que agora ela poderia dar consultas também na estação quando nenhum cogumelo cresce.

Como nós deveríamos julgar a conduta de Maria Sabina, pelo fato que ela permitiu que estranhos, pessoas brancas, tivessem acesso à cerimônia secreta, e lhes tinha deixado provar do cogumelo sagrado?

Ao crédito dela pode ser dito que ela tinha aberto assim as portas à exploração do culto do cogumelo mexicano, na sua presente forma, para a investigação científica, botânica e química dos cogumelos sagrados. Valiosas substâncias ativas, tais como o psilocybin e o psilocin, resultaram daí. Sem esta ajuda, o conhecimento antigo e a experiência que estavam escondidas nestas práticas secretas iriam possivelmente, mesmo provavelmente, desaparecer sem deixar um rastro, sem frutificar, no avanço da civilização Ocidental.

De outro ponto de vista, a conduta desta curandeira pode ser considerada como uma profanação de um costume sagrado, até mesmo como uma traição. Alguns dos seus compatriotas eram desta opinião o que foi expresso em atos de vingança inclusive com a queima de sua casa.

A profanação do culto do cogumelo não parou com as investigações científicas. A publicação sobre os cogumelos mágicos motivou uma invasão de hippies e procuradores de droga no território Mazatec, muitos dos quais se comportaram mal, alguns mesmo criminalmente. Outra conseqüência indesejável foi o começo de verdadeiro turismo em Huautla de Jimenez, por meio do que a originalidade do lugar foi erradicada.

Tais declarações e considerações são na maior parte, a preocupação da pesquisa etnográfica. Onde quer que os investigadores e os cientistas localizem e elucidam os restos de antigos costumes, que estão ficando mais raros, o primitivismo deles fica perdido. Esta perda só é mais ou menos contrabalançada quando o resultado da pesquisa representa um lucro cultural duradouro.

A partir de Huautla de Jimenez nós fomos primeiro para Teotitlan, num passeio de caminhão escangalhado ao longo de uma estrada meio-pavimentada, e de lá voltamos numa viagem de carro confortável até a Cidade do México, que tinha sido o ponto de partida da nossa expedição. Eu tinha perdido vários quilogramas do peso de meu corpo, mas estava sobremaneira me sentindo compensado e encantando pelas experiências.

As amostras herbárias de hojas de la Pastora, que nós tínhamos trazido conosco, foram submetidas à identificação botânica por Carl Epling e Carlos D. Jativa no Instituto Botânico da Universidade de Harvard em Cambridge, Massachusetts. Eles acharam que esta planta era uma espécie de Salvia ainda não descrita e foi denominada Salvia divinorum por estes autores. A investigação química do suco da salvia mágica, no laboratório da Basiléia, foi um fracasso. O princípio psico-ativo desta droga parece ser uma substância bastante instável, de vez que o suco preparado e preservado com álcool no México provou em, auto-experiência, não ser mais nenhum pouco ativo. No que concerne à natureza química do princípio ativo, o problema da planta mágica ska Maria Pastora ainda espera uma solução.

Tão longamente neste livro eu descrevi meu trabalho científico e assuntos principalmente relativos à minha atividade profissional. Mas este trabalho, por muito de sua natureza, tiveram repercussões em minha própria vida e personalidade, não menos porque me colocou em contato com contemporâneos interessantes e importantes. Eu já mencionei alguns deles: Timothy Leary, Rudolf Gelpke, Gordon Wasson... Agora, nas páginas que seguem, eu gostaria de abdicar da reserva do cientista natural para retratar encontros que foram pessoalmente significantes para mim e que me ajudaram a resolver perguntas colocadas pelas substâncias que eu tinha descoberto.

7. Esplendor de Ernst Junger

Esplendor é o termo perfeito para expressar a influência que o trabalho literário e a personalidade de Ernst Junger causaram em mim. Na luz de sua perspectiva que estereoscopicamente inclui as superfícies e profundidades das coisas, o mundo que eu conhecia assumiu um novo esplendor, translúcido. Isso aconteceu muito tempo antes da descoberta do LSD e antes de eu entrasse em contato pessoal com este autor, com relação às drogas alucinógenas.

Meu encanto com Ernst Junger começou com seu livro "Das Abenteuerliche Herz" [O coração aventureiro]. Novamente e novamente nos últimos quarenta anos eu reli este livro. Aqui mais que nunca, em temas que pesam mais levemente e repousam mais intimamente em mim que a guerra e um novo tipo de ser humano (assuntos de recentes livros de Junger), a beleza e a magia da prosa de Junger abriram em mim as descrições de flores, de sonhos, de passeios solitários; pensamentos sobre chances, o futuro, cores e sobre outros temas que têm relação direta com a nossa vida pessoal. Em todos lugares de sua prosa, o milagre da criação fica evidente, na descrição precisa das superfícies e na translucência das profundidades; e a singularidade e o imperecível em todo ser humano me tocou profundamente. Nenhum outro escritor abriu tanto meus olhos.

Também eram mencionadas drogas em Das Abenteuerliche Herz. Porém, muitos anos se passaram antes que eu especialmente começasse a me interessar por este assunto, depois da descoberta dos efeitos psíquicos do LSD.

Minha primeira correspondência com Ernst Junger não teve nada que ver com o contexto de drogas; Tão somente escrevi uma vez para ele, por ocasião de seu aniversário, como um leitor grato.

> ***Bottmingen, 29 março 1947***
> *Querido Sr. Junger,*
>
> *Como uma pessoa enriquecida por você durante anos, eu desejei enviar-lhe um jarro de mel pelo seu aniversário. Mas não tive este prazer, porque minha licença de exportação foi recusada em Berna.*
>
> *O presente era intencionalmente menos que uma saudação de um país no qual leite e mel ainda fluem, e mais como uma reminiscência das orações encantadoras de seu livro Auf Marmorklippen (Nos Precipícios Marmóreos), onde você fala das "abelhas douradas".*

O livro mencionado aqui tinha aparecido em 1939, justamente antes da erupção da Segunda Guerra Mundial. Auf Marmorklippen não só é uma obra-prima da prosa alemã, mas também um trabalho de grande significado porque, neste livro, são descritas profeticamente as características de tiranos, o horror da guerra e o bombardeio noturno em uma visão poética.

No curso de nossa correspondência, Ernst Junger inquiriu também sobre meu estudo do LSD do qual ele tinha sabido por um seu amigo. Logo após eu lhe enviei as publicações pertinentes cujo recebimento ele acusou juntamente com os seguintes comentários:

> ***Kirchhorst, 3/3/1948,***
>
> *... junto com ambos os documentos anexos concernentes ao seu novo phantasticum. Realmente parece que você entrou num campo que contém tantos mistérios tentadores.*

Sua remessa chegou junto com o livro "As Confissões de um Comedor de Ópio Inglês" que há pouco foi publicado numa nova tradução. O tradutor me escreve que a leitura dele de Das Abenteuerliche Herz o estimulou a fazer seu trabalho.

No que me concerne, meus estudos práticos, neste campo, estão muito distantes atrás de mim. Estes são experimentos em que, cedo ou tarde, se embarca em caminhos verdadeiramente perigosos, e pode-se ser considerado afortunado se conseguir escapar só com um olho preto.

O que me interessou acima de tudo foi o relacionamento destas substâncias com a produtividade. Foi minha experiência, porém, que a realização criativa requer uma consciência alerta, que diminui sob o feitiço de drogas. Por outro lado, conceitualização é importante, e a pessoa ganha conhecimentos, sob a influência de drogas, que de outra forma realmente não são possíveis. Eu considero a bonita composição que Maupassant escreveu sobre o éter de ser uma introspecção. Além disso, eu tive a impressão de que na febre também se descobre novas paisagens, novos arquipélagos, e uma nova música que ficam completamente distintas quando a "estação costumeira" aparece ["An der Zollstation" [Na estação de costume], o título que encabeça uma seção em Das Abenteuerliche Herz (2d ed.) concernente à transição da vida para a morte]. Para uma descrição geográfica, por outro lado, a pessoa deve estar completamente consciente. O que a produtividade significa para um artista, os meios curativos significam para um médico. Adequadamente, também pode bastar para ele que ele às vezes entra nas regiões pelas tapeçarias que nossos juízos teceram. Além disso, parece-me perceber, no nosso tempo, um menor gosto para um phantasticum do que para uma energética anfetamina que pertence a este grupo e que foram fornecidas até mesmo para pilotos e outros soldados pelos exércitos. Chá, na minha opinião, é um phantasticum, café um chá energeticum que possui então um desproporcionado elevado grau artístico. Eu noto que o café rompe o entrelaçar delicado da luz e sombras, com as dúvidas frutíferas que emergem durante a escritura de uma frase. A pessoa excede suas inibições. Com chá, por outro lado, os pensamentos voltam-se genuinamente para cima.

Tão longe quanto meus "estudos" me levaram, eu fiz um manuscrito a este respeito, mas queimei isto desde então. Minhas excursões terminaram com haxixe que me conduziu para estados muito agradáveis mas também para estados maníacos, para a tirania oriental....

Logo depois, numa carta de Ernst Junger, fiquei sabendo que ele tinha inserido um diálogo sobre drogas, na novela Heliópolis, na qual ele estava trabalhando então. Ele me escreveu sobre o pesquisador de droga que figura no romance:

Entre as viagens nos mundos geográficos e metafísicos que eu tentei descrever lá, são essas de um homem puramente sedentário que explora os horizontes além dos mares navegáveis e para isto, ele usa drogas como um veículo. Eu cito extratos do seu diário de bordo. Certamente não posso permitir que, este Colombo do globo interno, termine bem. Ele morre de um envenenamento. Aviso ao leitor.

O livro, que apareceu no ano seguinte, ganhou o subtítulo de "Ruckblick auf eine Stadt" [Retrospectiva duma Cidade], um retrospectivo numa cidade do futuro na qual os aparatos técnicos e as armas do tempo presente ainda eram desenvolvidas por magia e na qual, aconteceu uma grande luta entre uma tecnocracia demoníaca e uma força conservadora. Na figura de Antônio Peri, Junger descreveu o mencionado pesquisador de droga que residia na antiga cidade de Heliópolis.

Ele capturou sonhos, justamente como outros, que pareciam perseguir borboletas com redes. Ele não viajava para as ilhas nos domingos e feriados e não freqüentava as tavernas da praia de Pagos. Ele se fechou em si mesmo no seu estúdio para viagens nas regiões dos sonhos. Ele disse que foram tecidos todos os países e ilhas desconhecidas como numa tapeçaria. As drogas lhe serviam como chaves para a entrada nas câmaras e cavernas deste mundo. No curso dos anos, ele tinha ganhado grande conhecimento e manteve um diário de bordo de suas excursões. Uma pequena biblioteca ajuntada neste estúdio, consistindo em parte de herbários e relatórios medicinais e em parte, de trabalhos de

poetas e mágicos. O Antônio tendia a ler lá enquanto o efeito da própria droga se desenvolvia.... Ele entrou em viagens de descoberta do universo do seu próprio cérebro....

No centro desta biblioteca, que foi saqueada por mercenários do governador provinciano, durante a prisão de Antônio Peri, o palco.

Os grandes inspiradores do décimo nono século: De Quincey, E.T.A. Hoffmann, Poe e Baudelaire. Também havia livros do passado antigo: herbários, textos de necromância e demonologia do mundo da idade-média. Eles incluíam os nomes de Albertus Magnus, Raimundus Lullus, e Agrippa de Nettesheym.... Além disso, havia o grande fólio de De Praestigiis Daemonum by Wierus, e as únicas compilações de Medicus Weckerus, publicadas na Basiléia em 1582....

Numa outra parte de sua coleção, Antônio Peri parecia ter centrado sua atenção principalmente "em livros antigos de farmacologia, formulários e farmacopéias, e ter procurado a reimpressão de jornais e anais. Entre outros, foi achado um volume velho e pesado feito pelos psicólogos de Heidelberg sobre o extrato de botões de mescalina, e um papel no "phantastica" da cravagem (ergot) por Hofmann-Bottmingen...."

No mesmo ano em que Heliópolis entrou em cena, eu travei relações pessoais com o autor. Fui conhecer Ernst Junger em Ravensburg, numa curta estada na suíça. Numa maravilhosa jornada de outono na Suíça meridional, junto com amigos mútuos, eu pude sentir o poder radiante de sua personalidade.

Dois anos depois, no começo de fevereiro de 1951, veio a grande aventura, uma viagem de LSD com Ernst Junger. Desde então, até aquele momento, só havia relatórios de experiências de LSD com relação às investigações psiquiátricas, esta experiência me interessou especialmente porque esta era uma oportunidade para observar os efeitos do LSD numa pessoa artística, num ambiente não médico. Isso ainda aconteceu um pouco antes que Aldous Huxley, com mesma perspectiva, começou a experimentar mescalina, sobre a qual ele escreveu então nos seus dois livros: As Portas da Percepção e Céu e Inferno.

Para ter uma ajuda médica disponível, caso fosse necessário, convidei meu amigo, o médico e farmacólogo Professor Heribert Konzett, para participar da experiência. A viagem aconteceu de manhã, às 10 horas, na sala de estar de nossa casa em Bottmingen. Como a reação de um homem tão altamente sensível como Ernst Junger não era previsível, Por precaução foi escolhida uma baixa dose para esta primeira experiência, só 0,05 mg. A experiência então, não chegou a grande profundidade.

A fase inicial foi caracterizada pela intensificação da experiência estética. Rosas de vermelho-violeta, de luminosidade desconhecida, radiavam em um brilho portentoso. O concerto para flauta e harpa de Mozart era percebido em sua beleza celestial como uma música divina. Em surpresa mútua, nós contemplamos a névoa de fumaça que ascendia, com a facilidade de um pensamento, de uma vara de incenso japonesa. Como a inebriação se tornou mais profunda e a conversação terminou, nós entramos num devaneio fantástico enquanto nos deitamos em nossas espreguiçadeiras com os olhos fechados. Ernst Junger desfrutou a exibição de cor de imagens orientais: Eu estava numa viagem entre tribos Bárbaras na África do Norte, via caravanas coloridas e oásis luxuriantes. Heribert Konzett, cujas características pareciam ser para mim, transfigurado como Buddha, experimentou um respiro de perda da noção do tempo, liberação do passado e o futuro, bem-aventurança por estar completamente aqui e agora.

O retorno do estado alterado de consciência foi associado com uma grande sensação de frio. Como viajantes gelados, nós nos envolvemos em coberturas para a aterrissagem. O retorno para a realidade cotidiana foi celebrado com um jantar muito bom no qual o Borgonha fluiu abundantemente.

Esta viagem foi caracterizada pela mutualidade e o paralelismo de nossas experiências que foram percebidas como profundamente alegre. Todos nós três tínhamos sido guiados para perto do portal de uma experiência mística; porém ele não se abriu. A dose que nós tínhamos escolhido foi muito baixa.

Entendendo mal esta razão, Ernst Junger, que anteriormente tinha sido empurrado em reinos mais profundos por uma alta dose de mescalina, comentou: “Comparado com o “tigre” da mescalina, o seu LSD, afinal de contas, é só um “gato de casa”“. Depois de outras experiências, com doses mais altas de LSD, ele revisou esta avaliação.

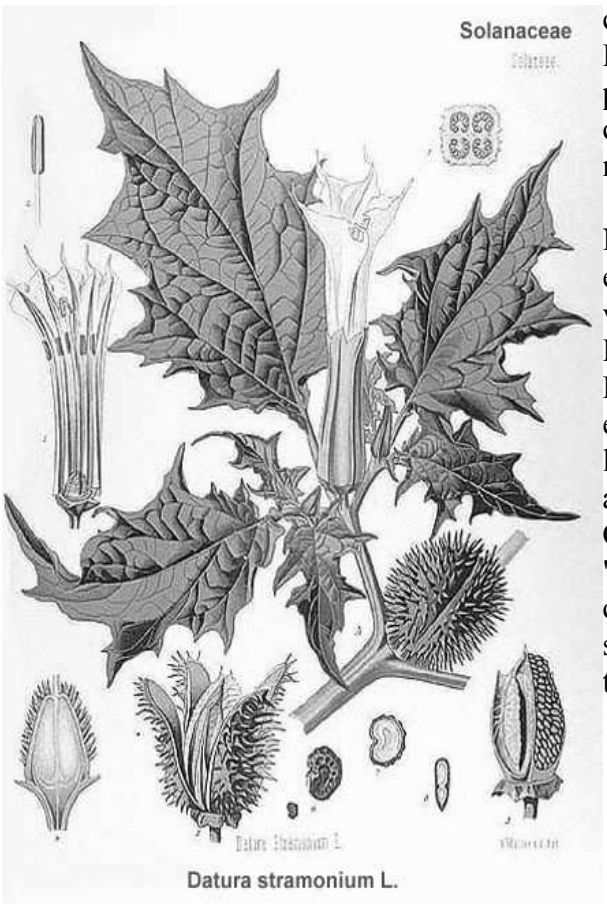
Junger perpetrou o mencionado espetáculo da vareta de incenso na literatura, na sua história "Besuch auf Gotenholm" [Visita a Gotenholm] na qual experiências mais fundas de inebriação de drogas, também tiveram sua parte:

Schwarzenberg queimou uma vareta de incenso, como ele às vezes fazia para clarear o ar. Uma plumagem azul ascendia da ponta da vareta. Moltner olhou isto primeiro com surpresa, então com delícia, como se um novo poder dos olhos tivesse vindo até ele. Revelou-se a si próprio no jogo desta fumaça fragrante que ascendia da vareta esbelta e então se ramificava em uma coroa delicada. Era como se a imaginação dele a tivesse criado, uma rede pálida de lírios do mar nas profundidades, que escassamente tremiam na batida da arrebentação. O tempo era ativo nesta criação que tinha circulado, girado sobre isto, engrinaldado isto, como se moedas imaginárias se empilhassem rapidamente, uma em cima da outra. A abundância do espaço se revelou no trabalho de fibra, os nervos se estiraram e se desdobraram na altura, num vasto número de filamentos.

Agora um bafo de ar afetou a visão, e suavemente torceu isto sobre um feixe de luz, como um dançarino. Moltner articulou um grito de surpresa. As vagens e treliças das maravilhosas flores redondas ao redor de novos planos, em novos campos. Miríades de moléculas observavam a harmonia. Aqui as leis já não agiram debaixo do véu do aparecimento; a matéria era tão delicada e sutil que era claramente refletida. Quão simples e convincente tudo era. Os números, massas e pesos se salientavam da matéria. Eles se irradiavam. Nenhuma deusa poderia informar ao iniciante mais corajosamente e livremente. As pirâmides, com o peso delas, não alcançaram até esta revelação. Isso era o lustre Pitagoreano. Nunca nenhum espetáculo o tinha afetado com tal um feitiço mágico.

Isto aprofundou sua experiência na esfera estética, como está descrito aqui no exemplo da contemplação de uma névoa de fumaça azul, é típico da fase inicial da inebriação do LSD, antes de começarem alterações mais profundas da consciência

Eu visitei Ernst Junger algumas vezes nos anos seguintes, em Wilfingen, Alemanha para onde ele tinha se mudado de Ravensburg; ocasionalmente nós nos encontramos na Suíça, na minha casa em Bottmingen, ou em Bundnerland no sudeste da Suíça. Através do compartilhamento de experiências com LSD, nossas relações tinham se aprofundado. Drogas e problemas a elas conectados constituíam o principal assunto de nossa conversação e correspondência sem que, neste tempo, tivéssemos feito mais experiências práticas.



Datura stramonium L.

Nós trocamos literatura sobre drogas. Ernst Junger então deu para minha biblioteca de drogas, a rara e valiosa monografia do Dr. Ernst von de Freiherrn Bibra, Die Narkotischen Genussmittel und der Mensch [O Prazer Narcótico e o Homem] impresso em Nuremburg em 1855. Este livro é um trabalho pioneiro, padrão na literatura de drogas, uma fonte de primeira ordem, acima de tudo como relacionado às histórias das drogas. O que von Bibra abraça sob a designação "Narkotischen Genussmittel" não são só as substâncias como o ópio e maçã de espinho [n.t. - thorn apple - as sementes da Datura stramonium], mas também café, tabaco, kat [n.t. Catha edulis] que não estão

classificados na presente concepção de narcóticos, além das demais drogas como coca, fly agaric [n.t. Agaricus muscaria], e haxixe que ele também descreveu.

Notável, e ainda hoje tão tópico quanto na ocasião, são as opiniões gerais sobre as drogas que von que Bibra formulou mais de um século atrás:

O número de indivíduos que tomam muito haxixe e então correm freneticamente pelas ruas atacando todo mundo que os confronta, perde-se em insignificância ao lado do número desses que, depois de se drogarem com uma dose moderada, passam horas calmas e felizes; e o número desses que podem superar os esforços mais pesados por intermédio da coca, sim, os que possivelmente foram salvos da morte por fome através da coca, de longe excedem os poucos coqueros [nt. consumidores de coca] que minam sua saúde através do uso imoderado. Da mesma maneira, só uma hipocrisia extraviada pode condenar a xícara de vinho do velho pai Noé, porque os bêbados individuais não sabem observar o limite e a moderação.

De tempos em tempos eu aconselhei Ernst Junger sobre eventos atuais e divertidos no campo das drogas inebriantes, como em minha carta de 1955 de setembro:

> *... Semana passada chegaram os primeiros 200 gramas de uma nova droga, cuja investigação que eu desejo levar adiante. Ela envolve as sementes de uma mimosa (Piptadenia peregrina - Benth), isso é usado como um estimulante intoxicante pelos índios do Orinoco. As sementes são moídas, fermentadas, e então são misturadas com o pó de conchas de caracol queimadas. Este pó é cheirado pelos índios com ajuda de um osso furado e bifurcado de um pássaro, como já reportado por Alexander von Humboldt em Reise nach den Aequinoctiat Gegenden Neuen Kontinents [Viagem às regiões de equinociais do novo continente] (Livro 8, Capítulo 24). A tribo bélica, o Otomaco, especialmente usa esta droga, chamada niopo, yupa, nopo ou cojoba, até um grau elevado, mesmo para os padrões atuais. Isto foi informado na monografia de P. J. Gumilla, S. J. (Et Orinoco Ilustrado, 1741): "Os Otomacos cheiravam o pó antes de eles irem lutar com o Caribes, porque desde tempos remotos existiam guerras selvagens entre estas tribos.... Esta droga os priva completamente da razão, e eles francamente pegam suas armas. E se as mulheres não fossem tão peritas em segurá-los e se ligarem rapidamente a eles, eles causariam diariamente uma devastação horrível. É um vício terrível.... Outras tribos benignas e dóceis que também cheiram o yupa, não entram em tal fúria como os Otomacos que, por um auto-dano com este agente, se tornam completamente cruéis antes do combate e marcham para a batalha com uma fúria selvagem".*
>
> *Eu fiquei curioso como o niopo agiria em pessoas como nós. Um dia deveria ocorrer uma sessão de niopo, então nós não deveríamos, em hipótese alguma, prescindir de nossas esposas, como naqueles anteriores devaneios primaveris [A viagem de LSD de 1951 de fevereiro aconteceu aqui], pois elas poderiam nos ligar rapidamente se necessário....*

A análise química desta droga conduziu ao isolamento de princípios ativos que, como os alcalóides da cravagem e psilocybin, pertenciam ao grupo de alcalóides de índole, mas que já tinham sido descritos na literatura técnica, e não foram então mais investigados nos laboratórios da Sandoz. [nota do tradutor: Os princípios ativos do niopo são DMT (N,Ndimethyltryptamine) e seu congêneres. DMT foi primeiramente preparado em 1931 por Manske]. Os efeitos fantásticos descritos acima pareceram só acontecer com a particular maneira de uso como pó de rapé e também parecia estar relacionado, com toda probabilidade, com a estrutura psíquica das tribos índias envolvidas.

7.1. Ambivalência no Uso de Drogas

Perguntas fundamentais de problemas de drogas foram citadas nas seguintes correspondências.

Bottmingen, 16 de dezembro de 1961,
Querido Sr. Junger,

Por um lado eu tenho o grande desejo, além da natural e científica pesquisa químico-farmacológica de substâncias alucinógenas, de também pesquisar seus usos como drogas de magia em outras regiões.... Por outro lado, eu tenho que admitir que uma pergunta fundamental me preocupa muito: se o uso destes tipos de drogas, isto é, de substâncias que tão profundamente afetam nossas mentes, realmente não podem representar uma transgressão proibida de limites. Contanto que quaisquer meios ou métodos sejam usados, que provêem somente um aspecto adicional, mais novo da realidade, seguramente não há nada que objetar em tais significados; pelo contrário, a experiência e o conhecimento de facetas adicionais da realidade só torna sempre esta realidade mais real para nós. Porém a pergunta existe: se as drogas de profunda afetação, discutidas aqui, de fato somente abrem uma janela adicional para as nossas sensações e percepções, ou se o próprio espectador e o núcleo do seu ser sofrem alterações. A última significaria que algo é alterado que, em minha opinião, sempre deveria permanecer intacto. Minha preocupação está associada à pergunta: se o núcleo íntimo do nosso ser é de fato inatacável, e não pode ser danificado por tudo que acontece em seu material, sua substância físico-química, na sua concha biológica e psíquica, ou se substâncias, na forma destas drogas, mostram uma potência que tem a habilidade para atacar o centro espiritual da personalidade, o ego. A pergunta posterior teria que ser explicada pelo fato de que o efeito de drogas mágicas acontece de forma incerta onde mente e matéria se fundem e que estas substâncias mágicas são, elas próprias, rachas no reino infinito da matéria no qual a profundidade da matéria, sua relação com a mente, fica particularmente óbvia. Isto poderia ser expressado por uma modificação das palavras familiares de Goethe:

> *"Não fosse o olho solar,*
> *Nunca poderia ver o sol;*
>
> *Se o poder da mente não estivesse na matéria,*
> *Como poderia a matéria perturbar a mente".*

Isto corresponderia às quebras que as substâncias radioativas constituem no sistema periódico dos elementos, onde a transição da matéria em energia se torna manifesta. Realmente, a pessoa tem que perguntar se a produção de energia atômica representa igualmente uma transgressão de limites proibidos.

Um próximo pensamento inquietante, que resulta da possibilidade de influenciar as mais altas funções intelectuais por traços de uma substância, relaciona-se com o livre arbítrio.

As substâncias psicotrópicas altamente ativas como o LSD e o psilocybin, possuem na sua estrutura química, uma mesma relação íntima com as substâncias inerente no corpo, que são achadas no sistema nervoso central e representam um papel importante no regulamento de suas funções. É então concebível que, por um pouco de perturbação no metabolismo dos neuro-transmissores normais, um componente igual ao LSD ou psilocybin seja formado, o qual pode determinar e pode alterar o caráter do indivíduo, sua visão do mundo e seu comportamento. Um traço de uma substância cuja produção ou não produção nós não podemos controlar com as nossas vontades, tem o poder para moldar nosso destino. Tais considerações bioquímicas poderiam ter conduzido à oração que Gottfried Benn citou na sua composição "Provoziertes Leben" [Vida Provocada]: "Deus é uma substância, uma droga"!

Por outro lado, é bem conhecido que substâncias como adrenalina, por exemplo, são formadas ou são fixadas livremente em nosso organismo por pensamentos e emoções que, por sua vez, determinam as funções do sistema nervoso. A pessoa pode supor então que o nosso organismo material é suscetível para e moldado por nossa mente da mesma forma que a nossa essência intelectual é moldada por nossa bioquímica. O que veio primeiro realmente não pode ser mais bem determinado que para a pergunta: se a galinha veio antes do ovo.

Apesar de minha incerteza com respeito aos perigos fundamentais que poderiam repousar no uso de substâncias alucinógenas, eu continuei as investigações dos princípios ativos da mágica mexicana manhã gloriosa [n.t. Ipomoea purpurea] da qual eu lhe escrevi brevemente anteriormente. Nós achamos como princípios ativos, derivados do ácido lisérgico, quimicamente relacionados muito próximos ao LSD, nas sementes desta manhã gloriosa que era chamada ololiuhqui pelos antigos astecas. Isso foi um achado quase incrível. Eu tinha um particular carinho desde o princípio pelas glórias matutinas. Elas foram as primeiras flores que eu me cultivei no meu pequeno jardim de criança. Suas campânulas azuis e vermelhas pertencem às primeiras recordações de minha infância.

Eu li recentemente num livro de D. T. Suzuki, Zen e Cultura Japonesa que as glórias matutinas têm um grande papel no Japão, entre os amantes de flores, na literatura e nas artes gráficas. Seu esplendor passageiro dá para a imaginação japonesa, ricos incentivos. Entre outros, Suzuki cita um poema de três linhas da poetisa Chiyo (1702-75), que uma manhã foi buscar água na casa de um vizinho, porque...

"Meu pensamento foi cativado por uma flor da glória matutina, Assim eu pergunto depois da água".

A glória matutina mostra ambos os modos possíveis de influenciar a mente-corpo-essência do homem assim: no México ela coloca seus efeitos de um modo químico como uma droga mágica, enquanto no Japão age a partir lado espiritual, pela beleza de seus cálices florais.

Wilflingen, 17 dezembro de 1961,
Querido Sr. Hofmann,

Quero agradecer por sua detalhada carta de 16 dezembro. Eu refleti sobre sua pergunta central, e provavelmente fiquei ocupado com isto por ocasião da revisão de An der Zeitmauer [Na parede do tempo]. Lá eu sugeri que no campo da física como também no campo da biologia, nós estamos começando a desenvolver procedimentos que são mais para serem entendidos como avanços no sentido estabelecido, mas isso antes intervém na evolução e molda doravante o desenvolvimento da espécie. Certamente eu tiro as luvas porque eu suponho que é uma nova idade mundial que começa a agir evolucionariamente nos protótipos. Nossa ciência com suas teorias e descobertas não são então a causa, mas somente uma das conseqüências da evolução entre outras. Animais, plantas, a atmosfera e as superfícies do planeta serão afetados simultaneamente. Nós não progredimos de modo ponto a ponto, mas sim cruzando uma linha.

O risco que você indicou deve ser considerado. Porém ele existe em todo aspecto de nossa existência. O denominador comum aparece ora aqui, ora acolá.

Mencionando a radioatividade, você usou a palavra quebra. Quebras somente não são pontos de descoberta, mas também são pontos de destruição. Comparado aos efeitos da radiação, esses das drogas mágicas são mais genuínos e muito menos áspero. De uma maneira clássica eles nos conduzem além do humano. Gurdjieff já viu até certo ponto isso. O vinho já mudou muito, trouxe novos deuses e com isto uma nova humanidade. Mas o vinho está para as novas substâncias como a física clássica está para a física moderna. Estas coisas só deveriam ser tentadas em pequenos círculos. Eu não posso concordar com os pensamentos de Huxley que possibilidades transcendenciais podem ser livremente dadas às massas. Realmente, isto não envolve ficções confortantes, mas somente realidades, se nós considerarmos seriamente o assunto. E alguns contatos bastarão aqui para o estabelecimento de cursos e direção. Também transcende a teologia e pertence ao capítulo da teogonia, como isto necessariamente requer a entrada em uma nova casa, no sentido astrológica. No princípio, uma pessoa pode ficar satisfeita com esta perspicácia, e deve acima de tudo ser cautelosa com as designações.

Meu sincero obrigado também pelo bonito quadro da glória matutina azul. Parece ser a mesma que eu cultivo ano após ano no meu jardim. Eu não sabia que ela possuía poderes específicos; porém isso provavelmente é o caso de todas as plantas. Nós não sabemos a chave para a maioria delas. Além isto, deve haver um ponto de vista central no qual não só a química, a estrutura, a cor, mas também todos os atributos se tornam significantes....

7.2. Uma Experiência com Psilocybin

Tais discussões teóricas sobre as drogas mágicas, foram complementadas através de experiências práticas. Uma experiência semelhante, que serviu como uma comparação entre o LSD e o psilocybin, aconteceu na primavera de 1962. A ocasião propícia se apresentou na casa dos Jungers, mais precisamente na sede da guarda florestal do Castelo de Stauffenberg em Wilflingen. Meus amigos, o farmacólogo Professor Heribert Konzett e o estudioso islâmico Dr. Rudolf Gelpke, também tomaram parte neste simpósio de cogumelo.

As antigas crônicas descreviam como os astecas bebiam "chocolatl" antes de eles comerem teonanacatl. Assim igualmente a Sra. Liselotte Junger serviu chocolate quente para nós, para criar o ambiente. Então ela abandonou os quatro homens aos seus destinos.

Nós tínhamos nos reunido em uma sala moderna, com teto de madeira escuro, lareira de ladrilhos brancos, mobília da época, antigas gravuras francesas nas paredes, um magnífico buquê de tulipas na mesa. Ernst Junger usava uma longa túnica raiada azul-escuro, semelhante àquelas usadas pelas cafetãs, vestido que ele tinha trazido do Egito; Heribert Konzett estava resplandecente num brilhante mandarin bordô; Rudolf Gelpke e eu tínhamos vestido batas. A realidade cotidiana deveria ser colocada de lado, junto com as roupas de todos os dias.

Logo antes do pôr-do-sol nós tomamos a droga, não os cogumelos, mas sim o princípio ativo deles, 20 mg de psilocybin cada um. Isso correspondia a dois terços da dose muito forte que foi ingerida pela curandeira Maria Sabina, na forma de cogumelos de Psilocybe.

Depois de uma hora eu não ainda notava nenhum efeito, enquanto meus companheiros já estavam profundamente na viagem. Eu tinha vindo com a esperança de que, na inebriação do cogumelo, eu poderia conseguir permitir que certas imagens de momentos de euforia da minha infância, que permaneciam na minha memória como experiências felizes, se tornassem novamente vivas: um prado ligeiramente coberto com crisântemos, balançando pelo vento do verão; a roseira à luz vespertina, depois de uma tempestade de chuva; as íris azuis penduradas em cima da parede de vinhedo. Em vez destas imagens luminosas da minha casa da infância, emergiu uma paisagem estranha quando o fator do cogumelo finalmente começou a agir. Meio estupefato, eu afundei mais profundamente, passei por cidades totalmente abandonadas, com um tipo mexicano exótico, contudo de um esplendor morto. Terrificado, eu tentei me deter na superfície, me concentrar atentamente no mundo exterior, nos ambientes. Durante um certo tempo eu obtive sucesso. Então eu observei Ernst Junger, colossal no quarto, passando de um lado para o outro, um mágico vigoroso e poderoso. Heribert Konzett na bata sedosa lustrosa parecia ser um perigoso palhaço chinês. Até mesmo Rudolf Gelpke parecia sinistro para mim; longo, magro, misterioso.

Com a profundidade crescente da inebriação, tudo se tornou ainda mais estranho. Eu me sentia igualmente um estranho para mim. Misterioso, frio, tolo, abandonado, duma luz estúpida, eram os lugares que eu atravessava quando eu fechava meus olhos. Esvaziado de todo o significado, o ambiente também me parecia fantasmagórico e sempre que eu abria meus olhos e tentava agarrar o mundo exterior. O vazio total ameaçava me arrastar abaixo do nada absoluto. Eu me lembro como eu prendi o braço de Rudolf Gelpke quando ele passou por minha cadeira, e me segurei nele para não afundar no nada escuro. O medo de morte me apossou, e desejando ilimitadamente ser devolvido à criação vivente, para a realidade do mundo dos homens. Depois do medo infinito eu voltei lentamente ao quarto. Eu vi e ouvi o grande mágico que falava ininterruptamente com uma expressão alta e clara, sobre Schopenhauer, Kant, Hegel e falando sobre a velha Gaa, a pequena mãe amada. Heribert Konzett

e Rudolf Gelpke já estavam novamente completamente na terra, enquanto eu só pude recuperar meu fundamento com um grande esforço.

Para mim esta entrada no mundo do cogumelo tinha sido um teste, uma confrontação com um mundo morto e com o nada. A experiência tinha se desenvolvido diferentemente do que eu tinha esperado. Não obstante, o encontro com o nada também pode ser avaliado como um lucro. Então a existência da criação aparece um tanto mais maravilhosa.

Tinha passado da meia-noite quando nós nos sentamos junto à mesa que a dona da casa tinha preparado. Nós celebramos nosso retorno com uma refeição primorosa e com música de Mozart. A conversação, em que nós trocamos nossas experiências, durou quase até a manhã.

Ernst Junger descreveu como ele tinha sentido esta viagem, no seu livro Annahenngenrogen und Rausch [A respeito de drogas e inebriação] (publicado por Ernst Klett Verlag, Stuttgart, 1970), na seção "Ein Pilz-Symposium" [Um Simpósio de Cogumelo]. A seguir um extrato deste trabalho:

Como sempre, uma meia hora ou um pouco mais se passou em silêncio. Então vieram os primeiros sinais: as flores na mesa começaram a chamejar e enviaram faíscas. Era tempo de deixar o trabalho; lá fora as ruas estavam sendo limpas, como em todos os fins de semana. Os golpes da escova invadiram dolorosamente o silêncio. Este arrastar e escovar, de vez em quando também um raspar, batendo, estrondeando, e martelando, tinham causas fortuitas e também sintomáticas, como um dos sinais que anunciam uma enfermidade. Novamente e novamente também representam um papel na história das práticas mágicas.

Neste tempo o cogumelo começou a agir; o buquê de primaveras ardeu mais escuro. Isso não era nenhuma luz natural. As sombras mexiam nos cantos, como se elas buscassem forma. Eu fiquei intranqüilo, até mesmo com frio, apesar do calor que emanava dos ladrilhos. Eu me estirei no sofá, puxei as coberturas para cima da minha cabeça.

Tudo se tornou pele e foi tocado, até mesmo o contato da retina estava claro. Esta luz era multicor; se organizou em fios que com suavidade balançavam de um lado para outro; como fios de contas de vidro de portas orientais. Elas formaram portas, como essas que a pessoa atravessa em sonho, cortinas de luxúria e perigo. O vento as mexia como mexe um vestido. Elas também pendiam dos cintos de dançarinos, abriam e se fechavam com o balanço dos quadris, e o barulho das contas ondulando variavam dos sons mais delicados às sensações mais exaltadas. O barulho dos anéis prateados nos tornozelos e dos pulsos era muito alto, como um carrilhão. Cheirava suor, sangue, tabaco, cabelo de cavalo cortado, essência barata de rosa. Quem sabe o que está entrando nos estábulos?

Deve ser um imenso palácio, Mauritaniano, não um lugar bom. Nestes vôos de salão de baile que conduziam ao mais baixo estrato. E em todos lugares as cortinas com o resplandecer delas, centelhando, brilhando radioativamente. Além disso, o ondular de instrumentos vítreos com o acenar deles, com seu galanteio: Você irá comigo, "menino bonito"? Agora tudo parou, agora tudo recomeçou, mais inoportuno, mais intruso, quase já seguramente de acordo.

Agora vieram formas de históricas colagens, a voz humana, a chamada do cuco. Era a prostituta de Santa Lúcia que debruçou seus peitos para fora da janela? Então o jogo foi arruinado. Salomé dançou; o colar de âmbar emitiu faíscas e fez seus mamilos erguerem-se. O que não faria uma pessoa para a pessoa do Johannes? [nota do tradutor: "Johannes" aqui significa uma gíria de pênis, como o "Dick" ou "Peter no inglês"] - maldito, isso era uma obscenidade asquerosa que não veio de mim mas foi sussurrado pela cortina.

As serpentes estavam sujas, raramente vivas, elas se arrastavam vagarosamente por cima dos tapetes do chão. Elas eram guarnecidas com fragmentos brilhantes. Outras observavam do chão com olhos vermelhos e verdes. Brilhou e sussurrou, assobiou e centelhou como uma diminuta foice na colheita sagrada. Então sossegou, e veio novamente, mais fracamente, mais adiante. Elas me tinham em suas mãos. "Lá imediatamente nós nos entendemos".

A senhora passou pela cortina: ela estava ocupada, passou por mim sem me notar. Eu vi as botas com os saltos de sapatos vermelhos. Ligas constringiram o meio das coxas espessas, a carne inchada para fora. Os peitos enormes, o delta escuro do Amazonas, papagaios, piranhas, pedras semipreciosas por todos os lugares. Agora ela foi para a cozinha ou ainda existem porões por aqui? O centelhamento e o sussurrar, o assobiar e o centelhar já não podiam mais serem diferenciados; pareciam terem se concentrado e regozijavam orgulhosamente agora, cheios de esperança.

Ficou quente e intolerável; eu me livrei das cobertas. O quarto estava fracamente iluminado; o farmacólogo se levantou junto à janela com a túnica branca do mandarin que tinha me servido logo antes no carnaval em Rottweil. O orientalista se sentara ao lado da lareira de ladrilho; ele gemeu como se tivesse um pesadelo. Eu entendi; deve ter sido uma primeira rodada, e recomeçaria tudo logo novamente. Contudo o tempo não transcorria. Eu já tinha visto a pequena mãe amada debaixo de outras circunstâncias. Mas mesmo o excremento é terra, pertence como ouro para a matéria transformada. A pessoa tem que chegar a um termo com isto, sem se afastar muito.

Estes eram os cogumelos térreos. Havia mais luz escondida no grão escuro que estourando no ouvido, ainda mais no suco verde das suculentas das encostas íngremes do México.... [Nota do tradutor: Junger está se referindo ao LSD, um derivado da cravagem, e da mescalina, derivado do cacto peyotl mexicano].

A viagem tinha transcorrido de forma errada. Possivelmente eu deveria consumir os cogumelos mais uma vez. Ainda realmente os sussurros recomeçaram, o flamejar e cintilar, a isca puxava os peixes para perto de si mesma. Uma vez que o motivo é determinado, então ele se agrava, como que num cilindro tudo recomeça de novo, cada nova revolução repete a melodia. O jogo não prosseguiu além deste tipo de tristeza.

Eu não sei com que freqüência isto foi repetido, e prefiro não enfatizar isto. Também, há coisas que qual cada guarda para si mesmo. Em todo caso, a meia-noite tinha passado....

Nós subimos uma escada; a mesa estava pronta. Os juízos ainda estavam exaltados e as Portas de Percepção estavam abertas. A luz ondulou na garrafa do vinho tinto; uma espuma surgiu à borda. Nós escutamos a um concerto de flauta. Não tinha se mostrado melhor para os outros: Como era bonito regressar entre os homens. Neste caso, Albert Hofmann.

O orientalista, por outro lado, tinha estado em Samarkand onde Timur descansa no caixão de Nephrite. Ele tinha seguido uma marcha vitoriosa por cidades cujo dote da entrada era um caldeirão cheio de olhos. Ele tinha estado lá muito tempo antes das pirâmides que Timur o terrível tinha erguido, e na multidão de cabeças cortadas onde tinha percebido até mesmo a sua própria. Foi incrustado nas pedras.

Uma luz surgiu no farmacólogo quando ele ouviu isto: Agora eu sei por que você estava sentando na poltrona sem a sua cabeça. Eu estava surpreso; eu sabia que não estava sonhando.

Eu desejo saber se não deveria tirar este detalhe de vez que ele toca na área de histórias de fantasmas.

A substância do cogumelo tinha levado todos nós quatro, não para as alturas luminosas, mas sim para regiões mais fundas. Parece que a inebriação de psilocybin é mais escuramente colorida na maioria dos casos que a inebriação produzida por LSD. A influência destas duas substâncias ativas seguramente é diferenciada de um indivíduo para outro. Pessoalmente para mim, havia mais luz no experimento do LSD que nas experiências com o cogumelo terrestre, da mesma forma que Ernst Junger comenta no relatório precedente.

7.3. Outra Sessão de LSD

A próxima e última impelida no universo interno junto com Ernst Junger, neste tempo usando novamente LSD, nos conduziu muito além da consciência cotidiana. Nós chegamos bem perto da

última porta. Claro que esta porta, de acordo com Ernst Junger, somente se abrirá de fato para nós na grande transição da vida para o além dela.

Esta última experiência conjunta aconteceu em fevereiro de 1970, novamente na sede da guarda florestal em Wilflingen. Neste caso só nós participamos. Ernst Junger tomou 0,15 mg LSD, eu tomei 0,10 mg. Ernst Junger publicou, sem comentários, no seu diário de bordo, as notas ele fez durante a experiência, em Aproximações, na seção "Nochmals LSD" [uma vez mais LSD]. São relatos escassos e insuficientes para um pequeno leitor, igualmente meus próprios registros.

A experiência durou da manhã, logo após o café da manhã, até o escurecer. No começo da viagem, nós escutamos novamente o concerto para flauta e harpa de Mozart que sempre me fez especialmente feliz. Mas esta vez, é estranho dizer, me parecia o torneamento de figuras de porcelana. Então a intoxicação conduziu depressa a profundidades indescritíveis. Quando eu quis descrever as desconcertantes alterações de consciência a Ernst Junger, não mais que duas ou três palavras saíram, porque eles soaram tão falsas, tão incapazes de expressar a experiência; elas pareciam se originar de um mundo infinitamente distante que tinha se tornado estranho; eu abandonei a tentativa e ri desesperadamente. Obviamente, Ernst Junger teve a mesma experiência, contudo nós não precisamos nos falar; um olhar foi o suficiente para uma compreensão profunda. Porém eu pude pôr algumas pobres orações no papel, como no princípio: "Nosso barco balança violentamente". Depois, como nos livros ricamente encadernados de uma biblioteca: "Como vermelho-dourado empurrado para dentro e para fora de um lustre dourado". Lá fora começou a nevar. Crianças mascaradas passavam marchando e carros com farrista de carnaval passavam pelas ruas. Com um olhar pela janela do jardim no qual manchas de neve, como máscaras seculares, multi coloridas apareceram em cima das altas paredes que o limitavam, embutidas numa sombra azul infinitamente jovial: "Um jardim Breughel - eu vivo com e nos objetos". Depois: "Até o presente - nenhuma conexão com o mundo cotidiano". Para o final, se expressou uma profunda e confortante introspecção: "Até aqui confirmado no meu caminho". Neste momento o LSD tinha me conduzido a uma aproximação santificada.

8. Encontro com Aldous Huxley

Na metade da década de 50 apareceram dois livros de Aldous Huxley: As Portas da Percepção e Céu e Inferno, ambos relacionados com os estados inebriantes produzidos por drogas alucinógenas. As alterações das percepções sensórias e da consciência que o autor sofreu numa auto-experiência com mescalina são descritas habilmente nestes livros. A experiência da mescalina foi uma experiência visionária para Huxley. Ele viu os objetos sob uma nova luz; elas revelaram suas existências inerentes, profundas, infinitas que permaneciam escondidas na visão cotidiana.

Estes dois livros continham observações fundamentais sobre a essência da experiência visionária e sobre o significado desta maneira de compreender o mundo - na história cultural, na criação de mitos, na origem de religiões, e no processo criativo do qual as obras de arte surgem. Huxley via o valor das drogas alucinógenas no sentido que elas davam às pessoas que perderam o presente da percepção visionária espontânea pertencente aos místicos, santos e grandes artistas, o potencial para experimentar este extraordinário estado de consciência e assim atingir a introspecção do mundo espiritual destes grandes criadores. Alucinógenos poderiam conduzir a um entendimento aprofundado do conteúdo místico e religioso e para uma nova e estimulante experiência das grandes obras de arte. Para Huxley estas drogas eram chaves capazes de abrirem novas portas de percepção; chaves químicas, além dos outros, provados mas laboriosos, "abridores de porta" para o mundo visionário tais como a meditação, o isolamento e o jejum, ou ainda como certas práticas de ioga.

Na ocasião eu já conhecia o trabalho anterior deste grande escritor e pensador, livros que significaram muito para mim, como Ponto e Contra Ponto, Bravo Mundo Novo, Depois de Muito um Verão, Cego em Gaza, e alguns outros. Em As Portas da Percepção e Céu e Inferno, os trabalhos mais recentemente publicados de Huxley, eu achei uma significante exposição da experiência induzida por drogas alucinógenas e ganhei assim um maior discernimento de minhas próprias experiências de LSD.

Então fiquei encantado quando na manhã de agosto de 1961, estando eu no laboratório, recebi uma chamada telefônica de Aldous Huxley. Ele estava atravessando Zurique com sua esposa e convidou a mim e a minha esposa para um almoço no Hotel Sonnenberg.

Um cavalheiro com uma flor amarela de pitombeira na lapela, uma aparência alta e nobre que exudava generosidade - esta é a imagem que eu retive desta primeira reunião com Aldous Huxley. A conversação girou principalmente ao redor do problema de drogas mágicas. Huxley e sua esposa, Laura Archera Huxley, também tinham experimentado LSD e psilocybin. Huxley preferia não designar estas duas substâncias e a mescalina como "drogas", porque o uso desta palavra na língua inglesa, como também, a propósito, o uso da palavra Droge em alemão, tem uma conotação pejorativa, sendo então importante diferenciar lingüisticamente os alucinógenos das outras drogas. Ele acreditava na grande importância de agentes que produzem experiência visionária nesta fase moderna da evolução humana.

Ele considerava que experiências sob condições de laboratório eram sem significação, desde que, para a suscetibilidade extraordinariamente intensificada e para a sensibilidade das impressões externas, os ambientes são de importância decisiva. Ele recomendou à minha esposa, quando nós falamos do seu lugar de nascimento nas montanhas, que ela tomasse LSD num prado alpino e então olhasse o cálice azul de uma flor de genciana para ver a maravilha da criação.

Quando nós nos separamos, Aldous Huxley me deu como uma recordação desta reunião, uma fita que registra sua leitura "Experiência Visionária" que ele tinha liberado na semana anterior, num congresso internacional de psicologia aplicada, em Copenhague. Nesta conferência, Aldous Huxley falou sobre o significado e a essência da experiência visionária e comparou este tipo de visão do mundo com a compreensão verbal e intelectual da realidade como seu complemento essencial.

No ano seguinte apareceu o mais novo e último livro de Aldous Huxleyx: A Ilha Moderna. Esta história, passada na utópica ilha Pala, é uma tentativa para misturar as realizações da ciência natural e

da civilização técnica com a sabedoria do pensamento Oriental, alcançar uma nova cultura na qual racionalismo e misticismo estão frutiferamente unidos. O medicamento moksha, uma droga mágica preparada com um cogumelo, desempenha um papel significante na vida da população de Pala (moksha em Sânscrito significa "soltura", "liberação"). A droga só poderia ser usada em períodos críticos da vida. Os homens jovens de Pala recebiam isto num rito de iniciação, foi dado ao protagonista do romance, durante uma crise existencial, no âmbito de um diálogo psicoterápico com um amigo espiritual e ajuda o moribundo a renunciar ao seu corpo mortal durante a transição para uma outra existência.

Em nossa conversação em Zurique, eu já tinha sabido de Aldous Huxley que ele trataria novamente o problema das drogas psicodélicas no seu próximo romance. Agora ele me enviou uma cópia da Ilha com a seguinte dedicatória: "Ao Dr. Albert Hofmann, o descobridor original do medicamento moksha, de Aldous Huxley".

> As esperanças que Aldous Huxley colocava nas drogas psicodélicas como meios de evocar experiências visionárias e os usos destas substâncias na vida cotidiana, foi o assunto de uma carta de 29 de fevereiro de 1962, na qual ele me escreveu:... *Eu tenho boas esperanças que isto e um trabalho semelhante resultarão no desenvolvimento de uma real História Natural da experiência visionária em todas as suas variações, determinado por diferenças de físico, temperamento e profissão e, ao mesmo tempo, de uma técnica de Misticismo Aplicado - uma técnica para ajudar os indivíduos a obterem o máximo de suas experiências transcendentais e fazerem uso das introspecções do "Outro Mundo" nos negócios "Deste Mundo". O Sr. Eckhart escreveu que "o que é adquirido por contemplação deve ser distribuído por amor". Essencialmente isto é o que deve ser desenvolvido - a arte de distribuir com amor e inteligência o que é captado duma visão e da experiência auto-transcendental e da solidariedade com o Universo....*

Aldous Huxley e eu ficamos várias vezes juntos na convenção anual da Academia Mundial de Artes e Ciências (WAAS) em Estocolmo, durante o recente verão de 1963. Suas sugestões e contribuições para discussões das sessões da academia, pela sua forma e importância, tiveram uma grande influência nos procedimentos.

A WAAS tinha sido estabelecida para permitir aos especialistas mais competentes considerarem os problemas mundiais num foro livre de restrições ideológicas e religiosas e de um ponto de vista internacional que cerca o mundo inteiro. Os resultados: propostas e pensamentos na forma de publicações apropriadas seriam colocados à disposição dos governos responsáveis e organizações executivas.

A reunião de 1963 da WAAS tinha o objetivo de tratar sobre a explosão da população e a reserva de matéria-prima e recursos de alimentação do planeta. Foram colecionadas os estudos correspondentes e propostas no Volume II de WAAS sob o título "A Crise da População e o Uso de Recursos Mundiais". Uma década antes, o controle da natalidade, a proteção ambiental e a crise de energia tinham se tornado voz corrente. Estes problemas mundiais foram naquela época examinados sob o ponto de vista mais sério e foram feitas propostas para a sua solução junto aos governos e organizações responsáveis. Os eventos catastróficos, desde aquele tempo, nos campos acima mencionados, tornam evidente a discrepância trágica entre o reconhecimento, o desejo e a viabilidade.

Aldous Huxley fez sua proposta como uma continuação e complemento do tema "Recursos Mundiais" da convenção de Estocolmo, endereçada aos problemas "Recursos humanos", a exploração e aplicação das capacidades escondidas em humanos e ainda não usadas. A raça humana, com capacidades espirituais altamente desenvolvidas, com consciência expandida em profundidade e de incompreensível maravilha de ser, também teria um maior entendimento e uma melhor consideração dos fundamentos biológicos e materiais da vida nesta terra. Acima de tudo, para pessoas Ocidentais com sua racionalidade hipertrofiada, o desenvolvimento e a expansão de uma experiência direta e emocional da realidade, desobstruído por palavras e conceitos, seria de uma significância evolucionária. Huxley considerou que as drogas psicodélicas seriam um meio para obter educação

nesta direção. O psiquiatra, Dr. Humphry Osmond, igualmente participante do congresso, criador do termo psicodélico (expansor da mente), o ajudou com um relatório sobre as significantes possibilidades do uso de alucinógenos.

A convenção de Estocolmo de 1963 foi minha última reunião com Aldous Huxley. Sua aparência física já estava marcada por uma severa enfermidade; sua personalidade intelectual porém, ainda não mostrava diminuição dos sinais de um compreensivo conhecimento, inclusive das alturas e profundidades interior e exterior de homem do mundo que ele tinha exibido com tanto gênio, amor, bondade e humor, no seu trabalho literário.

Aldous Huxley morreu em 22 de novembro do mesmo ano, no mesmo dia que o Presidente Kennedy foi assassinado. De Laura Huxley eu obtive uma cópia da carta dela para Juliano e Juliette Huxley na qual ela informou ao seu irmão e cunhada acerca do último dia do marido dela. Os doutores tinham-lhe preparado para um final dramático, porque a fase terminal de câncer da garganta que Aldous Huxley sofria, normalmente é acompanhada de convulsões e crises de sufocação. Todavia ele morreu serenamente e em paz.

De manhã, quando ele já estava tão fraco que já não podia mais falar, ele tinha escrito numa folha de papel: "LSD-tente intramuscular-100 mg". Sra. Huxley entendeu o significado disto e, ignorando a recomendação do médico assistente, ela deu, com suas próprias mãos, a desejada injeção - ela lhe deixou ter o medicamento moksha!

9. Correspondência com o Médico-Poeta Walter Vogt

Minha amizade com o médico, psiquiatra e escritor Walter Vogt, M.D., também figura entre os contatos pessoais que eu devo ao LSD. Como mostra o seguinte extrato de nossa correspondência, para o médico eram menos importante os aspectos medicinais do LSD que os efeitos de alteração da consciência na profundidade da psique, de interesse para o escritor e que constituiu o tema de nossa troca de correspondência.

Muri/Bern, 22 de novembro de 1970,
Querido Sr. Hofmann,

Ontem à noite eu sonhei que fui convidado por uma amigável família, para tomar chá em Roma. Esta família também conhecia o Papa, e assim o Papa se sentou à mesma mesa para tomar chá conosco. Ele estava todo de branco e também usava uma mitra branca. Ele estava lá sentado, tão elegante e calado.

E hoje, de repente, tive a idéia de lhe enviar meu "Vogel auf dem Tisch" [Pássaro na mesa] - como um cartão de visita, se você assim o desejar - um livro que permaneceu um pouco apócrifo, o que refletindo, não lamento, embora o tradutor italiano estivesse firmemente convencido de que era o meu melhor. (Ah sim, o Papa também é um italiano. Assim vai....)

Possivelmente este pequeno trabalho o interessará. Foi escrito em 1966 por um autor que, até aquele momento, ainda não tinha tido qualquer fragmento de experiência com substâncias psicodélicas e que leu os relatórios sobre experiências medicinais com estas drogas destituído de compreensão. Porém pouco mudou desde então, a não ser que agora o temor vem do outro lado.

Eu suponho que sua descoberta causou um hiato (não diretamente na conversão de um Saulo para Paulo como Roland Fischer diz...) em meu trabalho (também uma grande palavra) - e realmente, o que eu escrevi desde então se tornou bastante realista ou pelo menos, menos expressivo. Em todo caso, sem isto eu não poderia ter chegado ao realismo franco da minha peça de TV "Spiele der Macht" [Jogos de poder]. Os diferentes rascunhos atestam isto, no caso deles ainda estiverem jogados em algum lugar por aí.

Se você tiver interesse e tempo para uma reunião, me encantaria muito visitá-lo algum dia para uma conversação. W. V.

Burg, i.L. 28 de novembro de 1970,
Querido Sr. Vogt,

Se o pássaro que desceu em minha mesa pudesse achar seu caminho para mim [N.T. uma alusão ao livro de Vogel "Auf dem Tisch" - Pássaro na mesa], esta seria mais uma dívida que eu deveria ao mágico efeito do LSD. Eu poderia logo escrever um livro sobre todos os resultados que derivaram daquela experiência de 1943.... A. H.

Muri/Bern, 13 de março de 1971,
Querido Sr. Hofmann,

Seque anexo uma crítica do "Junger's Annahenngen" [Aproximações], do jornal diário, que presumivelmente o interessará....

Parece-me que alucinar-para e sonhar-para escrever, permanecendo todo o tempo em contraste com a consciência cotidiana e com suas funções, são coisas complementares. Aqui naturalmente eu posso falar só por mim mesmo. Isto poderia ser diferente com outros - também é verdadeiramente difícil falar com outros sobre tais coisas, porque as pessoas falam freqüentemente idiomas completamente diferentes....

Porém, desde que você agora está juntando autógrafos e me faz a honra de incorporar algumas de minhas cartas na sua coleção, eu incluo para você o manuscrito de meu "testamento" - no qual a sua descoberta desempenha um papel como "a única invenção jubilante do vigésimo século...." W. V.

O mais recente testamento do Dr. Walter Vogts de 1969: Eu não desejo ter nenhum enterro especial, somente orquídeas caras e obscenas, inumeráveis pequenos pássaros com nomes alegres, nenhum dançarino nu, mas ruidosos falantes psicodélicos em cada canto e nada mais do que o mais recente disco dos Beatles [Estrada da Abadia] cem mil milhões de vezes, e faça o que você gosta ["Fé Cega"] numa fita infinita nada além do popular Cristo com um genuíno halo dourado e uma congregação de luto amada que se encheram de ácido [ácido = LSD] até que eles vão para paraíso [Da Estrada de Abadia, lado dois] um dois três quatro cinco seis sete possivelmente lá nós encontraremos um ao outro.

cordialmente dedicado ao Dr. Albert Hofmann,
Início da Primavera de 1971

Burg i.L., 29 de março de 1971,
Querido Sr. Vogt,

Você me presenteou novamente com uma carta adorável e mesmo com um valioso autógrafo, o testamento 1969....

Sonhos muito marcantes em tempos recentes me induzem a testar uma conexão entre a composição (substância química) da comida do jantar e a qualidade dos sonhos. Sim, o LSD também é algo que se come.... A. H.

Muri/Bern, 5 setembro 1971,
Querido Sr. Hofmann,

Durante o fim de semana em Murtensee [Naquele domingo, eu (A. H.) voei sobre Murtensee num balão do meu amigo E. I., que tinha me levado como passageiro.], muitas vezes eu pensei em você - um dia mais radiante de outono. Ontem, sábado, graças a um tablete de aspirina (por causa de uma enxaqueca ou de um resfriado moderado), eu experimentei um retrospecto muito cômico, como com mescalina (da qual eu só tive um pouco, precisamente uma vez)....

Eu li uma composição deliciosa de Wasson sobre cogumelos; ele divide o gênero humano em micófobos e micófilos.... O adorável fly Agarics [N.t. Agaricus muscaria] têm que estar crescendo agora numa floresta perto de você. Algum dia nós não deveríamos provar alguns? W. V.

Muri/Bern, 7 de setembro de 1971,
Querido Sr. Hofmann,

Agora eu sinto que tenho que escrever brevemente para lhe contar o que eu fiz lá fora sob o sol, na doca debaixo de seu balão: Eu finalmente escrevi algumas notas sobre nossa visita a Villars-sur-Ollons (com o Dr. Leary), quando um barco hippie passou no lago, ele próprio feito como num filme de Fellini, que eu esbocei, e sobre e acima dele eu desenhei seu balão. W. V.

Burg i.L., 15 abril 1972,
Querido Sr. Vogt,

Sua novela de televisão "Spiele der Macht" [Jogos de poder] me impressionou extraordinariamente.

Eu o felicito por este magnífico pedaço, que permite que a crueldade mental se torne consciente e então também, a seu modo, atue como "expansor da consciência", e pode assim se provar como um terapêutico numa sentido mais amplo, como numa antiga tragédia. A. H.

Burg i.L., 19 de maio de 1973,
Querido Sr. Vogt,

Agora eu já li três vezes o seu sermão leigo, a descrição e a interpretação da Sua Viagem ao Sinai. [Walter Vogt: Mein Sinai Trip. Eine Laienpredigt [Minha viagem ao Sinai: Um sermão leigo] (der de Verlag Arche, Zurique, 1972). Esta publicação contém o texto de um sermão leigo que Walter Vogt proferiu em 14 de novembro de 1971 a convite de Parson Christoph Mohl, na igreja protestante de Aduz (Lichtenstein), no curso de uma série de sermões pelos escritores, e que também contém um prefácio do autor e de um convidado. Ele envolve a descrição e a interpretação de uma experiência extático-religiosa evocada pelo LSD, em que o autor pôde "colocar numa distante, se você quiser, numa superficial, analogia com a grande Viagem de Moisés ao Sinai". Não é somente a "atmosfera patriarcal" que é abstraída destas descrições e que constituem esta analogia; existem referências mais profundas, que são mais para serem lidas nas entrelinhas deste texto]. Realmente era uma viagem de LSD? ... Foi uma ação corajosa escolher um tal evento notório como tema deste sermão, como uma experiência de droga, mesmo sendo ele um sermão leigo. Mas as perguntas levantadas pelas drogas alucinógenas de fato colocam-se num proeminente lugar dentro da igreja, porque elas são drogas sagradas (peyotl, teonanacatl, ololiuhqui, que estão relacionados com o LSD, principalmente pela proximidade da sua estrutura química e da sua atividade).

Eu posso concordar completamente com o que você diz na sua introdução sobre a religiosidade eclesiástica moderna: os três estados sancionados de consciência (a condição desperta para trabalho e o desempenho do dever, a intoxicação alcoólica, e o dormir), a distinção entre as duas fases da inebriação psicodélica (a primeira fase, o cume da viagem na qual a relação cósmica é experimentada, ou a submersão no próprio corpo da pessoa, no qual tudo o que é está dentro; e a segunda fase, caracterizada como a fase da compreensão aumentada de símbolos), e a alusão para a sinceridade que os alucinógenos trazem para o estado de consciência. Estes são todas as observações que são de fundamental importância no julgamento da inebriação alucinógena.

O benefício espiritual mais valioso de uma experiência de LSD foi a experiência do entrelaçar inextricável do físico e espiritual. "Christ im matter [Cristo na matéria]" (Teilhard de Chardin). Será que o conhecimento vem primeiramente para você por suas experiências com drogas, que nós temos que descer na carne que nós somos para obtermos novas profecias?

Uma crítica ao seu sermão: você cita "a mais funda experiência que lá existe" - "O reino de céu está dentro de você" que foram articulados por Timothy Leary. Estas orações, citadas sem a indicação de sua verdadeira fonte, poderiam ser interpretadas como a ignorância de alguém ou, pelo contrário, como a principal verdade da convicção Cristã.

Uma de suas declarações merece o reconhecimento universal: "Não há nenhuma experiência religiosa não-extática"....

Na noite da próxima segunda-feira eu serei entrevistado na televisão suíça (sobre o LSD e as drogas mágicas mexicanas, no programa "Em Primeira Mão"). Eu estou curioso sobre o tipo de perguntas que serão feitas... A. H.

Muri/Bern, 24 de maio de 1973,
Querido Sr. Hofmann,

Claro que era LSD - só eu não queria escrever explicitamente sobre isto, eu realmente não sei justamente porque eu.... A grande ênfase que eu coloquei no bom Leary, quem agora me parece estar um pouco fora, como a principal testemunha, realmente só pode ser explicado pelo contexto especial da fala ou sermão.

Eu tenho que admitir que a percepção que nós temos que descer "na carne que nós somos" realmente veio a mim primeiramente através do LSD. Eu ainda rumino isto, possivelmente isto veio mesmo "muito cedo" para mim, embora cada vez mais eu defendo sua opinião de que o LSD deveria ser tabu para a mocidade (tabu, não proibido, essa é a diferença...).

A sentença que você gostou, "não há nenhuma experiência religiosa não extásica", não foi aparentemente tão ao gosto dos outros, por exemplo, por meu (quase único) amigo literário e poeta ministro-lírico Kurt Marti.... Mas em todo caso, nós praticamente nunca somos da mesma opinião sobre qualquer coisa, e todavia, quando ocasionalmente nos comunicamos através de telefone, nós constituímos e organizamos juntos umas poucas atividades, uma mini-máfia menor da Suíça, W. V.

Burg i.L., 13 de abril de 1974,
Querido Sr. Vogt,

Cheios de expectativas, nós assistimos seu programa de televisão "Pilatus ante do Cristo Silencioso" ontem pela tarde.

... como uma representação da relação fundamental do homem-deus: homem, que veio a Deus com suas perguntas mais difíceis, que finalmente ele tem que responder a si próprio porque Deus está silencioso. Ele não lhes responde com palavras. As respostas estão contidas no livro de sua criação (da qual o próprio homem questionante pertence). A Verdadeira decifração natural-científica deste texto. A. H.

Muri/Bern, 11 de maio de 1974,
Querido Sr. Hofmann,

Eu compus um "poema", no meio do crepúsculo, que eu ouso enviar para você. No princípio eu quis enviar isto ao Leary, mas isto não faria nenhum sentido.

Leary na prisão, Gelpke está em tratamento-terminal no asilo, é esta sua revolução psicodélica? Se nós tivéssemos levado seriamente a coisa, em que só um devesse jogar ou vice-versa... W. V.

10. Vários Visitantes

Os diversos aspectos, as emanações multi-facetadas do LSD também se expressaram numa variedade de círculos culturais com os quais eu mantive contactos motivados por causa desta substância. No plano científico eles envolveram colegas químicos, farmacólogos, médicos e micologistas - com quem eu me encontrei em universidades, congressos, conferências ou ainda com quem eu entrei em contacto através de publicações. No campo literário-filosófico houveram vários contatos com escritores. Nos capítulos precedentes fiz um relato das relações deste tipo que foram muito significativas para mim. O LSD também me proporcionou uma variada série de conhecimentos pessoais do cenário das drogas e de círculos hippies que serão descritos brevemente aqui.

A maioria destes visitantes vieram dos Estados Unidos e eram pessoas jovens, freqüentemente em trânsito para o Leste Distante à procura da sabedoria Oriental de um guru ou ainda mesmo esperando vir mais facilmente para as drogas. Às vezes Praga também era a meta porque lá, nesta ocasião, lá se podia facilmente adquirir LSD de boa qualidade. [Nota do tradutor: Quando as patentes do LSD da Sandoz expiraram em 1963, a firma farmacêutica Tcheca Spofa começou a fabricar a droga.] Uma vez chegados na Europa, eles queriam aproveitar a oportunidade para ver o pai do LSD, "o homem que fez a famosa viagem de bicicleta de LSD". Mas algumas vezes, preocupações mais sérias motivavam uma visita. Havia o desejo de reportar uma experiência pessoal de LSD e debater o sentido do seu significado, junto à fonte, por assim dizer. Só raramente uma visita provava estar sendo feita pelo desejo de obter LSD, quando o visitante indicava que ele desejava experimentar com um material seguramente puro, com LSD original.

Visitantes de vários tipos e com diferentes desejos também vieram da Suíça e de outros países europeus. Tais encontros ficaram mais raros em tempos recentes o que pode ser relacionado ao fato de que o LSD ficou menos importante no cenário das drogas. Sempre que possível, dei boas-vindas a tais visitantes ou mesmo concordei em me encontrar em algum lugar. Isto eu considerava ser uma obrigação associada ao meu papel na história do LSD e tentei ajudar instruindo e aconselhando.

Às vezes nenhuma conversação verdadeira ocorria, por exemplo, como no caso do jovem inibido que chegou em uma motocicleta. Eu não estava seguro sobre o objetivo de sua visita. Ele me encarou como se perguntando: Pode realmente o homem que fez algo tão misterioso como o LSD parecer tão completamente comum? Com ele, bem como com outras visitas semelhantes, tive a sensação de que ele esperava que, em minha presença, o enigma do LSD se resolveria de alguma maneira.

Outras reuniões eram completamente diferentes, como o caso de um jovem de Toronto. Ele me convidou para almoçar num restaurante exclusivo. Sua aparência era impressionante: alto, esbelto, homem de negócios, proprietário de uma importante firma industrial no Canadá, intelecto brilhante. Ele me agradeceu pela criação do LSD que tinha dado outra direção à sua vida. Ele tinha sido cem por cento um homem de negócios, com uma visão mundial puramente materialista. O LSD tinha-lhe aberto os olhos para o aspecto espiritual da vida. Agora ele possuía um sentido pelas artes, literatura e filosofia e estava profundamente preocupado com questões religiosas e metafísicas. Ele agora desejava tornar a experiência do LSD acessível, num ambiente satisfatório, para sua jovem esposa e esperava uma afortunada transformação semelhante nela.

Não tão profundos, contudo ainda liberantes e recompensadores, foram os resultados das experiências de LSD que um jovem dinamarquês descreveu para mim com muito humor e fantasia. Ele veio da Califórnia onde tinha sido um empregado doméstico de Henry Miller em Big Sur. Ele mudou-se para a França com o plano de lá adquirir uma fazenda dilapidada, na qual ele, carpinteiro qualificado, queria então se estabelecer e a recuperar. Eu lhe pedi que obtivesse, para minha coleção, um autógrafo do seu empregador anterior e, depois de certo tempo, em verdade recebi uma peça original, escrita pelas mãos de Henry Miller.

Uma jovem mulher me procurou para reportar suas experiências de LSD que tinham sido de grande significado ao seu desenvolvimento interior. Como uma adolescente superficial que procurava todos os

tipos de entretenimentos e bastante negligenciada pelos seus pais ela tinha começado a tomar LSD por curiosidade e desejo de aventura. Durante três anos ela fez freqüentes viagens de LSD. Elas a conduziram a uma intensificação surpreendente da sua vida interior. Ela começou depois a procurar o significado mais profundo de sua existência, que eventualmente se revelou a ela. Então, reconhecendo que o LSD já não tinha mais nenhum poder para lhe ajudar, sem dificuldades ou necessidade de força de vontade, pôde abandonar a droga. Depois disso ela estava em posição de se desenvolver mais sem o uso de meios artificiais. Ela era agora uma pessoa feliz e intrinsecamente segura - assim ela concluiu seu relatório. Esta jovem mulher tinha decidido me contar sua história porque supôs que eu era freqüentemente atacado por pessoas tacanhas que só viam os danos que o LSD às vezes causava entre a mocidade. O motivo imediato de seu testemunho foi uma conversação que acidentalmente tinha escutado numa viagem de trem. Um homem se queixou de mim achando infamante o que eu tinha dito sobre o problema do LSD numa entrevista publicada num jornal. Em sua opinião, eu deveria denunciar o LSD como sendo principalmente o trabalho do diabo e deveria admitir publicamente minha culpabilidade no assunto.

Pessoas em delírio de LSD, cuja condição poderia ter dado lugar a uma tamanha condenação indignada, nunca entrou pessoalmente em minha visão. Tais casos, atribuíveis ao consumo de LSD sob circunstâncias irresponsáveis, por overdose, ou por pessoas com predisposição psicopata, sempre acabam num hospital ou numa delegacia de polícia. Uma grande e má publicidade sempre veio por este caminho.

Uma visita de uma menina americana se sobressai na minha memória como um exemplo dos efeitos trágicos do LSD. Foi durante a hora do almoço, hora que eu normalmente passava no meu escritório sob rígida reclusão - nenhuma visita era possível a secretaria ficava fechada. Vieram bater à porta. Discretamente, mas firmemente isto se repetiu até que eu fui abri-la. Eu não podia acreditar nos meus olhos: ante mim estava uma mulher jovem, muito bonita, loira, com grandes olhos azuis, usando um longo vestido hippie, usando uma fita na cabeça e sandálias. "Eu sou Joana e venho de Nova Iorque - você é o Dr. Hofmann?" Antes de eu perguntasse o que a trouxe até a mim lhe perguntei-lhe como tinha passado pelos dois postos de fiscalização, um à entrada principal para a área da fábrica e outro na porta do prédio do laboratório, porque só eram admitidas visitas depois de uma consulta por telefone e esta flor de criança deveria ter sido especialmente notável. "Eu sou um anjo e posso passar em todos lugares" ela respondeu. Então ela me explicou que tinha vindo numa grande missão. Ela tinha que salvar seu país, os Estados Unidos; acima de tudo ela tinha que direcionar o presidente (na ocasião L. B. Johnson) sobre o caminho correto. Isto somente poderia ser realizado se ele tomasse LSD. Então ele receberia boas idéias que lhe permitiriam conduzir o país para fora de guerra e das dificuldades internas.

Joana tinha vindo a mim esperando que eu lhe ajudasse a cumprir sua missão, isto é, dar LSD ao presidente. Seu nome queria indicar que ela era a Joana D' Arc dos E.U.A.. Eu não sei se meus argumentos, avançados com toda a consideração do santo zelo dela, puderam a convencer que seu plano não tinha nenhuma perspectiva de sucesso nos terrenos psicológicos, técnicos, internos e externos. Desapontada e triste ela partiu. No dia seguinte recebi uma chamada telefônica de Joana. Ela me pedia novamente que a ajudasse de vez que seus recursos financeiros tinham se exaurido. Eu a levei a um amigo em Zurique que lhe proporcionou trabalho e com quem ela poderia viver. Joana era professora por profissão, era também pianista de boate e cantora. Durante algum tempo ela tocou e cantou num restaurante da moda em Zurique. É claro que os bons clientes burgueses não tinham nenhuma idéia do tipo de anjo que se sentava ao piano de cauda trajando um vestido de noite preto e os entretinha tocando sensivelmente e cantando com uma voz suave e sensual. Pouca atenção era dada para as palavras das suas canções; que eram, na maior parte, canções hippie e muitas delas continha elogios ocultos as drogas. Sua atuação em Zurique não durou muito tempo; dentro de algumas semanas eu soube de meu amigo que Joana tinha desaparecido de repente. Após três meses ele recebeu dela um cartão de lembrança de Israel. Ela tinha sido internada lá num hospital psiquiátrico.

Para a conclusão da minha coleção de visitantes do LSD, eu desejo relatar ainda uma reunião na qual o LSD só figurou indiretamente. A senhorita H. S., secretária chefe de um hospital, me escreveu para pedir uma entrevista pessoal. Ela veio para o chá e explicou sua visita assim: num relatório sobre uma

experiência de LSD, ela tinha lido a descrição de uma condição semelhante a que ela tinha experimentado quando menina e que ainda hoje a perturbava; possivelmente eu poderia lhe ajudar a entender esta experiência.

Ela tinha ido numa viagem empresarial como aprendiz comercial. Passou a noite em um hotel montanhês, acordou muito cedo e sozinha saiu para ver o amanhecer. Como as montanhas começaram a se iluminar num mar de raios, ela ficou perturbada por um sentimento sem precedente de felicidade que persistiu até mesmo depois que ela se juntou aos outros participantes da viagem, na missa matinal na capela. Durante a Missa tudo lhe pareceu de um brilho sobrenatural e o sentimento de felicidade se intensificou a uma tal extensão que ela teve que chorar ruidosamente. Ela foi encaminhada ao hotel e foi tratada como alguém com desordem mental.

Esta experiência em grande parte determinou sua posterior vida pessoal. H.S. temia que ela não era completamente normal. Por um lado ela temia esta experiência que lhe tinha sido explicada como sendo um colapso nervoso; por outro lado ela almejava a repetição daquela condição. Interiormente dividida, ela tinha se conduzido a uma vida instável. Em repetidas mudanças profissionais e variando conscientemente ou inconscientemente suas relações pessoais, ela buscava esta perspectiva extática que uma vez a tinha feito tão profundamente feliz.

Eu pude lhe assegurar que não tinha sido nenhum evento psico-patológico, nenhum colapso nervoso o que ela tinha experimentado naquela ocasião. O que muitas pessoas buscam atingir com ajuda do LSD, a experiência visionária de uma realidade mais profunda, tinha vindo a ela como uma graça espontânea. Eu lhe recomendei um livro de Aldous Huxley, A Filosofia Perene (Harper, Nova Iorque & Londres, 1945), uma coleção de relatórios de visões santificadas espontâneas de todos os tempos e culturas. Huxley não só escreveu este livro para místicos e santos, mas também para muitas pessoas que experimentaram tais momentos santificados, casos muito mais comuns do que geralmente se supõe, mas que muitos não reconhecem sua importância e, em vez de relacionarem isso como raios promissores de esperança, os reprimem porque eles não se ajustam na racionalidade cotidiana.

11. Experiência de LSD e Realidade

Was kann ein Mensch im Leben mehr gewinnen
Als dass sich Gott-Natur ihm offenbare?

Que mais pode uma pessoa ganhar na vida
Que aquela própria Natureza de Deus para ela revelada?
Goethe

Freqüentemente tenho me perguntado o que me deixou a impressão mais profunda nas minhas experiências com o LSD e se cheguei a novas compreensões por estas experiências.

11.1. Valiosas Realidades

De maior significado para mim foi o conhecimento que obtive como resultado do entendimento fundamental de todas as minhas experiências de LSD: o que uma pessoa comumente toma como "realidade", inclusive a realidade da própria pessoa individual, de maneira nenhuma significa algo fixo, mas sim algo ambíguo - que não é único, mas sim que existem muitas realidades, cada uma incluindo também uma diferente consciência do ego.

Pode-se também chegar a este conhecimento por reflexões científicas. O problema da realidade é, e foi desde tempos imemoriais, uma preocupação central da filosofia. Porém há uma distinção fundamental: se a pessoa estuda o problema da realidade racionalmente com os métodos lógicos da filosofia, ou se a pessoa obstrui emocionalmente este problema por uma experiência existencial. Portanto a primeira experiência planejada de LSD foi tão profundamente móvel e alarmante porque a realidade cotidiana e o ego que a experimentava, a qual eu até então considerava como sendo a única realidade, tinha se dissolvido e um novo ego pouco familiar agora experimentava uma outra realidade pouco conhecida. O problema relativo ao ego íntimo também pareceu que, ele próprio impassível, era capaz de registrar estas transformações externas e internas.

Realidade é inconcebível sem um assunto ter sido experimentado, sem um ego. É o produto do mundo exterior, do remetente e de um receptor, um ego que acolhe profundamente as emanações do mundo exterior registradas pelas antenas dos órgãos dos sentido, fica consciente. Se um dos dois está faltando, nenhuma realidade acontece, nenhuma música de rádio toca, a tela do quadro permanece em branco.

Se uma pessoa continua com a concepção da realidade como um produto de remetente e receptor, então a entrada em outra realidade sob a influência do LSD pode ser explicada pelo fato de que o cérebro, o assento do receptor, se torna bioquimicamente alterado. O receptor é assim afinado com um outro comprimento de onda diferente daquele que corresponde ao normal, à realidade cotidiana. Desde que a variedade infinita e a diversidade do universo corresponda a infinitos comprimentos de onda diferentes, dependendo do ajuste do receptor, muitas realidades diferentes, inclusive o respectivo ego, podem se tornar conscientes. Estas diferentes realidades, mais corretamente designadas como aspectos diferentes da única realidade, que não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares e formam uma porção do todo que nos cerca, uma realidade atemporal e transcendental na qual se encontra até mesmo o núcleo indestrutível da autoconsciência que tem o poder para registrar os diferentes egos.

A verdadeira importância do LSD e dos alucinógenos relacionados reside na sua capacidade para mudar os ajustes do comprimento de onda do receptor do "ego" e assim evocar alterações na consciência da realidade. Esta habilidade de permitir que novos e diferentes aspectos da realidade possam surgir, este poder verdadeiramente cosmogônico, torna compreensível o culto de adorar plantas alucinógenas e drogas sagradas.

O que constitui a diferença essencial e característica entre a realidade cotidiana e aquela experimentada numa inebriação de LSD? Ego e o mundo exterior estão separados na condição normal

da consciência, na realidade cotidiana; a pessoa está face-a-face com o mundo exterior; ela se torna um objeto. No estado do LSD, dependendo da profundidade da inebriação, os limites entre o ego do experimentador e o mundo exterior de certa forma desaparecem. Acontece uma realimentação entre o receptor e emissor. Uma porção do ego transborda no mundo exterior em objetos que começam a viver e a ter outro significado até mesmo mais profundo. Isto pode ser percebido como uma transformação santificada ou diabólica e saturada de terror, e procedendo a uma perda do ego em que se confia. Num caso auspicioso, o novo ego sente-se felizmente unido aos objetos do mundo exterior e conseqüentemente também com os seus seres de mesma categoria. Esta experiência, de profundidade única com o mundo exterior, pode intensificar até mesmo um sentimento do ego da pessoa com o universo. Esta condição de consciência cósmica que, debaixo de condições favoráveis pode ser evocada pelo LSD ou por outro alucinógeno do grupo das drogas sagradas mexicanas, é análoga ao esclarecimento religioso espontâneo como uma união mística. Em ambas as condições, que freqüentemente só duram um pequeno momento, é experimentada uma realidade que expõe uma cintilação da realidade transcendental, de um universo vívido e o ego, o remetente e o receptor são apenas um. [A relação do esclarecimento espontâneo com o induzido por drogas foi investigado extensivamente por R. C. Zaehner, Mysticismacred and Profane (The Clarendon Press, Oxford, 1957)].

Gottfried Benn, no seu ensaio "Provoziertes Leben" [Vida Provocada] (im Ausdnckswelt, Engoda Verlag, Wiesbaden, 1949), caracterizou a realidade na qual o ego e o mundo estão separados, como "a catástrofe esquizóide, a neurose da enteléquia Ocidental". Ele escreve mais adiante:

"“... Na parte meridional do nosso continente este conceito de realidade começou a ser formado. O princípio agnóstico helenístico-europeu da vitória por esforço, esperteza, malícia, talento, força e, mais recentemente, o Darwinismo europeu e o "super-homem", foram instrumentos na sua formação. O ego emergiu, dominou, lutou; para isto precisou de instrumentos, material e poder. Teve uma relação diferente para fazê-lo: sensualidade mais abrandada, mas formalmente mais íntima. Analisou a matéria, testou, ordenou-a: armas, objetos de troca, dinheiro de resgate. Clarificou a matéria por isolamento, reduziu-a a fórmulas, tirou pedaços, dividiu-a. A matéria se tornou um conceito que se projetou como um desastre sobre o Oeste, contra a qual o Oeste lutou sem entendê-la, para a qual foram sacrificas quantidades enormes de sangue e felicidade; um conceito cuja tensão interna e fragmentação era impossível dissolver por uma visão natural ou por um conhecimento metódico da unidade inerente e paz de formas pré-lógicas de ser... ao invés disto, o caráter cataclísmico desta idéia ficou mais e mais claro... um estado, uma organização social, uma moralidade pública, para a qual a vida é vida economicamente utilizável e que não reconhece o mundo da vida provocada, não pode parar sua força destrutiva. Uma sociedade cujo cultivo de raça e higiene como um ritual moderno são fundados somente no vazio das estatísticas biológicas, somente pode representar o ponto de vista externo da massa; por este ponto de vista pode-se empreender incessantemente guerras porque a realidade é simplesmente matéria-prima, mas seus fundamentos metafísicos permanecem sempre obscuros. [Este excerto da composição de Benn foi tomado da tradução de Ralph Metzner "Vida Provocada, Um Ensaio na Antropologia do Ego" que foi publicado na Revista Psicodélica I (1): 47-54, 1963. Correções secundárias no texto de Metzner foram feitas por A. H.].

Como Gottfried Benn formula isto nestas frases, um conceito de realidade que separa o ego do mundo determinou decisivamente o curso evolutivo da história intelectual européia. Experiência do mundo como matéria, como objeto, para o qual o homem e permanece oposto, produziu a moderna ciência e tecnologia natural - criações da mente Ocidental que mudaram o mundo. Com sua ajuda, os seres humanos subjugaram o mundo. Sua riqueza foi explorada de um modo que pode ser caracterizado como um saque, e a realização sublime da civilização tecnológica, o conforto de sociedade industrial Ocidental, está face-a-face com uma destruição catastrófica do ambiente. Até mesmo o núcleo da matéria, o núcleo do átomo e suas divisões, este intelecto objetivo progrediu e soltou energias que ameaçam toda a vida do nosso planeta.

Um abuso do conhecimento e do entendimento, os produtos de procura de inteligência, não poderiam ter emergido de uma consciência da realidade na qual os seres humanos não estão separados do ambiente, mas sim que existem como parte da natureza vivente e do universo. Toda tentativa atual para

indenizar danos através de medidas protetoras ambientais, precisam ser desesperadas, remendos superficiais na cura da "neurose da enteléquia Ocidental" resultam, como Benn caracterizou, na concepção da realidade objetiva. Cura quer significar experiência existencial de uma auto-realidade profunda e envolvente.

A experiência de tal abrangente realidade é impedida num ambiente tornado morto através de mãos humanas, como acontece em nossas grandes cidades e distritos industriais. Aqui o contraste entre ego e mundo exterior fica especialmente evidente. Surgem sensações de alienação, de solidão e de ameaça. São estas sensações que impressionam eles próprios na consciência cotidiana da sociedade industrial Ocidental; eles também levantam as mãos em cada lugar que a civilização tecnológica se estende e amplamente determinam a produção da arte moderna e da literatura.

Existe menos perigo que uma quebra da experiência da realidade surja em um ambiente natural, no campo, na floresta e no mundo animal nele abrigado. Realmente, em cada jardim é perceptível uma realidade que é infinitamente mais real, mais antiga, mais profunda e mais maravilhosa do que tudo o que é feito pelas pessoas e isso ainda perdurará quando o mundo inanimado, mecânico e concreto desaparecer novamente, se tornar enferrujado e cair em ruína. No nascimento, no crescimento, no florescer, no frutificar, na morte e na regerminação das plantas, nas suas relações com o sol, cuja luz elas podem converter quimicamente em energia na forma de combinações orgânicas através das quais é construído tudo aquilo que se mantêm em nossa terra. A mesma energia misteriosa da vida, inesgotável, eterna energia de vida existente no ser das plantas, é evidente que também nos produz e nos leva de volta novamente ao seu útero, no qual nós estamos abrigados e unidos com todas as coisas viventes.

Nós não estamos sendo conduzidos por um entusiasmo sentimental pela natureza, de "Retornar a natureza" no sentido de Rousseau, aquele movimento romântico que busca o idílio na natureza também pode ser explicado como um sentimento de separação da humanidade em relação à natureza. O que é preciso hoje em dia é uma reexperiência fundamental da unicidade das coisas e de todos os seres viventes, de uma consciência mais abrangente da realidade, que se desenvolve espontaneamente cada vez mais infreqüentemente, a mais primordial flora e fauna da nossa terra mãe têm que se render a um ambiente tecnológico morto.

11.2. Mistério e Mito

A noção da realidade como ego justaposto para o mundo em confrontação com o mundo exterior começou a se formar, como informado na citação de Benn, na antiguidade grega, na parte meridional do continente europeu. Desde os tempos conhecidos, ninguém duvida do sofrimento que está conectado com a tal quebra da realidade da consciência. O gênio grego tentou a cura completando a multi-formada e ricamente colorida, sensual, mas também profundamente dolorosa, visão mundial Apoloniana criada pela divisão do subjeto/objeto com o mundo Dionisíaco de experiência, no qual esta divisão é abolida na inebriação extática. Nietzsche escreve em "O Nascimento da Tragédia":

Ou através da influência de poções narcóticas, das quais todos as pessoas primitivas e raças falam em hinos, ou pela aproximação poderosa da primavera, penetrando com alegria tudo da natureza, é que essas cadeias Dionisianas surgem, as quais na sua intensificação conduzem o indivíduo ao completo esquecimento.... Não só fazem o elo entre os homens ser mais uma vez esquecido pela magia do rito de Dionísio, como também motiva que a natureza subjugada, alienada e hostil novamente celebre sua reconciliação com seu filho pródigo, o homem.

Os Mistérios de Eleusis, que foram celebrados anualmente no outono por um intervalo aproximado de 2.000 anos, desde aproximadamente 1500 A.C. até o quarto século D.C., estavam intimamente conectados com as cerimônias e festivais em honra do deus Dionysus. Estes Mistérios foram estabelecidos pela deusa da agricultura, Demeter, como uma obrigação pela recuperação de sua filha Persefone, a quem Hades, o deus do mundo inferior, tinha seqüestrado. Um agradecimento adicional foi a oferenda de uma espiga de cereal que foi apresentado pelas duas deusas a Triptolemus, o sumo

sacerdote de Eleusis. Elas lhe ensinaram o cultivo do grão que Triptolemus disseminou então pelo globo inteiro. Porém Persefone não teve a permissão de permanecer sempre com sua mãe, porque ela tinha tomado nutrição de Hades, ao contrário da ordem dos mais elevados deuses. Como castigo ela tinha que voltar ao mundo inferior durante uma parte do ano. Durante este tempo ocorria o inverno na terra, as plantas morriam e se retraíam no solo para acordarem para uma nova vida pelo início do ano, com a jornada da Persefone na terra.

O mito de Demeter, Persefone, Hades e outros deuses que foram representados nos dramas, formaram porém, somente a moldura externa dos eventos. O clímax das cerimônias anuais, que começava com uma procissão de Atenas para Eleusis que durava vários dias, era a cerimônia final com a iniciação que acontecia à noite. O iniciante era proibido, sob pena de morte, de divulgar o que ele tinha aprendido e visto na câmara mais interna, mais santa do templo, o tetesterion (a meta). Ninguém, entre os que foram iniciados nos segredos de Eleusis, alguma vez fez isto. Pausanias, Platão, muitos imperadores romanos como Hadriano e Marcus Aurelius e muitos outros personagens conhecidos da antiguidade iam a esta festa de iniciação. Deveria ter sido uma iluminação, um vislumbre visionário de uma realidade mais profunda, um verdadeiro conhecimento da base do universo. Isso pode ser concluído a partir das declarações da iniciação sobre o valor, sobre a importância da visão. Assim é informado num Hino Homérico: "Feliz é aquele entre os homens da Terra que viu isso! Aquele que não foi iniciado nos Santos Mistérios, que não participou disto, permanece como um cadáver na escuridão sombria." Píndaro fala da benção Eleusiniana com as seguintes palavras: "Feliz é aquele que, depois de ter visto isto, entra no caminho debaixo da Terra. Ele sabe o fim da vida como também seu garantido divino início". Cícero, também um famoso iniciado, igualmente coloca na primeira posição o esplendor que caiu em sua vida a partir de Eleusis quando disse: "Não somente lá nós recebemos a razão que nos possibilita viver na alegria, mas também que, além de, nós possibilita morrer com melhor esperança".

Como pode a representação mitológica de uma tal ocorrência óbvia - que ocorre anualmente, a de que nossos grãos de sementes que são derrubados na terra, morrem nela para possibilitar a geração de uma nova planta, uma nova vida, para que possam ascender para a luz - provar ser uma experiência tão profunda e confortante como foi atestado pelos relatos citados? É de conhecimento tradicional que aos iniciados era fornecido uma poção, o kykeon, na cerimônia final. Também é conhecido que extrato de cevada e hortelã eram ingredientes do kykeon. Os estudiosos religiosos e da mitologia, -- como Karl Kerenyi, de cujos livros dos Mistérios Eleusinianos (Rhein-Verlag, Zurique, 1962) foram tiradas as declarações precedentes, e com quem eu mantive contacto motivado pela pesquisa desta poção misteriosa, [Na publicação inglesa do livro de Kerenyi "Eleusis" (Schocken Books, Nova Iorque, 1977), onde é feita uma referência a esta colaboração.], -- são de opinião que o kykeon era misturado com uma droga alucinógena. [Na "Estrada para Eleusis" de R. Gordon Wasson, Albert Hofmann e Carl A. P. Ruck (Harcourt Brace Jovanovich, Nova Iorque, 1978) é discutida a possibilidade de que o kykeon poderia ter agido através de uma preparação da cravagem do centeio (ergot) semelhante ao LSD.] Isso tornaria compreensível a experiência extático-visionária do mito de Demeter e Persefone como um símbolo do ciclo de vida e morte em ambos: uma realidade abrangente e infinita.

Quando o rei gótico Alarich, vindo do norte, invadiu a Grécia em 396 D.C. e destruiu o santuário de Eleusis, não foi só o fim de um centro religioso, mas também significou a queda decisiva do antigo mundo. Com os monges que acompanharam Alarich, o Cristianismo penetrou no país que deve ser considerado como o berço da cultura européia.

O significado histórico-cultural dos Mistérios Eleusinianos, sua influência na história intelectual européia, pode ser escassamente superestimada. Aqui a humanidade sofredora encontra a cura para a ruptura de seu intelecto racional e objetivo, numa experiência totalmente mística que acredita na imortalidade, numa existência perpétua.

Esta convicção sobreviveu no Cristianismo primitivo, embora com outros símbolos. É encontrado como uma promessa, mesmo em passagens particulares dos Evangelhos, mais claramente no Evangelho de João, como no Capítulo 14: 16 a 20. Jesus fala aos seus discípulos, como ele partiria deles:

16 - E eu pedirei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre;

17 - Até mesmo o Espírito da verdade; que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.

18 - Eu não vos deixarei desconsolados: Eu voltarei para vós.

19 - Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; mas vós me vereis: porque eu vivo, e vós também vivereis.

20 - Naquele dia sabereis que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vocês.

Esta promessa constitui o cerne de minhas convicções Cristãs e minha chamada para a pesquisa natural-científica: nós atingiremos o conhecimento do universo pelo espírito da verdade e assim para o entendimento do nosso ser, com a realidade mais profunda, mais compreensiva: Deus.

O Cristianismo eclesiástico, determinado pela dualidade do criador e da criação, porém, com sua religiosidade alienada da natureza, em grande parte obliterou o legado Eleusiniano-Dionisiano da antiguidade. Na esfera da convicção Cristã, somente homens especiais santificados testemunharam uma realidade infinita e confortante, experimentada numa visão espontânea, uma experiência para qual, na antiguidade, a elite de inumeráveis gerações teve acesso pela iniciação em Eleusis. A mística união de santos Católicos e as visões que os representantes do misticismo Cristão - Jakob Boehme, Meister Eckhart, Angelus Silesius, Thomas Traherne, William Blake e outros descrevem nos seus escritos, estão obviamente relacionados essencialmente com o esclarecimento que o iniciado dos Mistérios Eleusinianos experimentavam.

A importância fundamental de uma experiência mística para a recuperação das pessoas nas sociedades industriais Ocidentais que estão adoecidas por uma visão unilateral do mundo, racional, materialista, é hoje dar ênfase primária, não só por partidários de movimentos religiosos Orientais como o Zen Budismo, mas também conduzida pelos representantes da psiquiatria acadêmica. Da literatura apropriada, nós nos referiremos aqui só aos livros de Balthasar Staehelin, o psiquiatra da Basiléia que trabalhava em Zurique. [Haben und Sein (1969), Die Welt als Du (1970), Urvertrauen und zweite Wirklichkeit (1973), and Der flnale Mensch (1976); tudo publicado por Theologischer Verlag, Zurique.] Eles fazem referência a numerosos outros autores que lidaram com o mesmo problema. Hoje, um tipo de "metamedicina", "metapsicologia" e "metapsiquiatria" estão começando a chamar isto de elemento metafísico das pessoas, que se manifesta como uma experiência da realidade mais profunda e de dualidade sobrepujada, fazendo deste elemento um princípio curativo básico nas práticas terapêuticas.

Além disso, é muito significante que não somente a medicina, mas também círculos mais amplos da nossa sociedade consideram a superação da dualística como uma quebra na visão mundial, de ser um pré requisito e a base para a recuperação e renovação espiritual da civilização e da cultura ocidental. Esta renovação poderia conduzir à renúncia da filosofia materialista de vida e ao desenvolvimento de uma nova consciência da realidade.

Como um caminho para a percepção de uma realidade mais profunda e mais abrangente, na qual a experiência individual também é acolhida, a meditação, nas suas mais diferentes formas, ocupa hoje um lugar proeminente. A diferença essencial entre meditação e oração, no sentido habitual que é baseado na dualidade criador-criação, é que a meditação aspira à abolição da barreira do Eu-Você pela fusão do objeto e subjeto, do remetente e receptor, da realidade objetiva e do ego.

Realidade objetiva, a visão do mundo produzida pelo espírito de investigação científica, é o mito de nosso tempo. Ela substituiu a visão mundial eclesiástica-cristã e mítico-Apoloniana.

Mas este aumento do conhecimento efetivo que constitui a realidade objetiva, não precisa ser uma descriação. Pelo contrário, só avança profundamente, conduzindo inevitavelmente ao terreno inexplicável e primitivo do universo: a maravilha, o mistério do divino no microcosmo do átomo, no macrocosmo da nebulosa espiral; nas sementes das plantas, no corpo e alma das pessoas.

A meditação começa nos limites da realidade objetiva, no ponto mais distante já alcançado pelo conhecimento e pela percepção racional. Meditação não significa rejeição da realidade objetiva; pelo contrário, consiste numa penetração mais profunda das dimensões da realidade. Não é nenhuma fuga num mundo de sonhos imaginários, e sim uma busca pela verdade abrangente da realidade objetiva, pela contemplação simultânea e estereoscópica de suas superfícies e profundidades.

Ela pode se tornar de importância fundamental e não ser somente um modismo passageiro do presente, se cada vez mais as pessoas de hoje adquirirem o hábito diário de dedicar uma hora, ou pelo menos alguns minutos, para meditação. Como resultado da penetração meditativa e do alargamento da visão mundial natural-científica, uma nova consciência da realidade aprofundada teria de evoluir que, de forma crescente, se tornaria propriedade de toda a humanidade. Esta poderia se tornar a base de uma nova religiosidade que não estaria baseada na convicção dos dogmas de várias religiões, mas sim na percepção do "espírito da verdade". O que é significante aqui é a percepção, a leitura e o entendimento do texto em primeira mão, "do livro que o dedo de Deus escreveu" (Paracelsus), da Criação.

A transformação da visão mundial objetiva numa profunda consciência religiosa da realidade, pode ser realizada gradualmente pela prática continuada da meditação. Porém também pode ocorrer como um esclarecimento súbito, a partir de uma experiência visionária. Será então particularmente profunda, santificada e significante. Não obstante, tal experiência mística pode nunca "ser induzida, nem mesmo através da meditação por um longo período", como escreveu Balthasar Staehelin. Também, ela não acontece a todo mundo, embora a capacidade para a experiência mística pertença à essência da espiritualidade humana.

Embora em Eleusis, a visão mística, a cura e a experiência confortante pudessem ser organizadas no lugar prescrito e no momento designado, para todos da multidão que eram iniciados nos Santos Mistérios, isto poderia ser considerado pelo fato de que uma droga alucinógena ser usada; isto, como já foi mencionado, é algo que os estudiosos da religião acreditam.

A propriedade característica dos alucinógenos, a de suspender os limites entre o ego experimentado e o mundo exterior numa experiência extática e emocional, torna isto possível com sua ajuda, e depois de uma preparação interna e externa satisfatória, como era realizado de um modo perfeito em Eleusis, pode evocar uma experiência mística de acordo com o planejado, por assim dizer.

Meditação é uma preparação para atingir a mesma meta que era aspirada e atingida nos Mistérios Eleusinianos. De acordo com isso, parece possível que no futuro, com a ajuda do LSD, a visão mística, a coroação da meditação poderia tornar-se acessível a um número crescente de praticantes de meditação.

Eu vejo a verdadeira importância do LSD na possibilidade de providenciar ajuda material para a meditação voltada à experiência mística de uma realidade mais profunda e abrangente. Tal uso combina completamente com a essência e a característica da atividade do LSD como uma droga sagrada.